

ROBERTO MAGALHÃES

A ARTE DA ORATÓRIA

Técnicas para falar bem em público



ide@
EDITORA

ROBERTO MAGALHÃES

A ARTE

DA ORATÓRIA

Técnicas para falar bem em público

2014

Diretor Editorial e Publisher

Rodrigo Coube

Revisão

Novinsky Guinsburg Revisões

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa Rafael Victor (rafaelvictor.tk)

1ª edição - Abril 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Magalhães, Roberto

A arte da oratória : técnicas para falar bem em público / Roberto Magalhães.

-- Bauru, SP : Idea Editora, 2014.

ISBN 978-85-88121-63-8

1. Comunicação 2. Falar em público 3. Oratória I. Título.

14-02662 CDD-808.51

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação e oratória : Retórica 808.51

2. Falar em público : Retórica 808.51

Todos os direitos desta edição reservados à Idea Editora Ltda.

Av. Nossa Senhora de Fátima 7-44, Jardim América CEP 17017-337 –
Bauru – SP

Tel: (14) 3879-0288 – Fax: (14) 3879-0289 idea@ideaeditora.com.br

www.ideaeditora.com.br

A Yara,
Rogério, Karina e Renato. Minha família, razão de tudo.

Sumário

Prefácio	09
<u>Apresentação</u>	<u>11</u>
<u>1 - A pAlAvrA, o medo e o Auditório</u>	<u>13</u>
<u>A palavra nos define</u>	<u>14</u>
<u>O medo de falar em público</u>	<u>14</u>
<u>Como vencer o medo</u>	<u>15</u>
<u>Falar para quem? O auditório</u>	<u>17</u>
<u>2 - A linguAgem: ArmA de persuAsão</u>	<u>21</u>
<u>Oralidade e oratória</u>	<u>22</u>
<u>Retórica e eloquência</u>	<u>23</u>
<u>Língua escrita e língua oral</u>	<u>25</u>
<u>Análise discursiva: ler e refletir</u> <u>Padre Vieira, um genial orador</u>	<u>26</u>
Funções da linguagem	
<u>• Referencial</u>	<u>29</u>
<u>• Expressiva</u>	<u>30</u>
<u>• Conativa</u>	<u>30</u>
<u>• Fática</u>	<u>31</u>
<u>• Metalinguística</u>	<u>32</u>
<u>• Poética</u>	<u>32</u>
<u>Análise discursiva: ler e refletir</u> <u>a eloquência de Rui Barbosa</u>	<u>34</u>
<u>Retórica: origem e desenvolvimento</u>	<u>38</u>
<u>Mantendo o foco: Padre Vieira: o tempo e o amor</u>	<u>42</u>
<u>3 - Como orgAnizAr o disCurso</u>	<u>45</u>
<u>Elementos constitutivos do discurso</u>	<u>46</u>

•Exórdio e proposição	47
•Exposição: confirmação e refutação	49
• Peroração	50

Análise discursiva: ler e refletir

Elementos estruturadores do discurso	51
--	----

Início do discurso: expectativas	57
--	----

A estratégia da tese de adesão inicial	62
--	----

O discurso narrativo: efeito surpreendente	64
--	----

Análise discursiva: ler e refletir

a PalaVra imPotente	67
---------------------------	----

Mantendo o foco: leitura estrutural de duas narratiVas	69
--	----

O discurso descritivo: estesia e emoção	72
---	----

Mantendo o foco: leitura de texto descritiVo	76
--	----

Organização de linhas de raciocínio	78
---	----

• Comparação - Contraste	79
--------------------------------	----

• Causa e Consequência	80
------------------------------	----

• Causa e Consequência: narratividade	85
---	----

• Oposição Temporal	89
---------------------------	----

4 - A ArgumentAção	93
--------------------------	----

A Importância do processo argumentativo	94
---	----

Tipos de argumentos	96
---------------------------	----

• O fato	96
----------------	----

• As ilustrações	96
------------------------	----

• O testemunho	97
----------------------	----

• Os elementos estatísticos	97
-----------------------------------	----

Análise discursiva: ler e refletir

o amor e os crimes Passionais	98
-------------------------------------	----

Mantendo o foco: leitura de texto temático	100	<u>Os lugares da argumentação</u>	101
--	-----	---	-----

• O lugar da ordem	102
--------------------------	-----

• O lugar da quantidade	104
-------------------------------	-----

• <u>O lugar da qualidade</u>	105
• <u>O lugar da essência</u>	106
• <u>O lugar da pessoa</u>	107
• <u>O lugar do existente</u>	108
<u>Duas maneiras de persuadir: Tema e Figura</u>	108
<u>Mantendo o foco: Figura e tema</u>	111
<u>Isotopia e persuasão</u>	112

Figuras de linguagem:

Recurso Estético De Persuasão

..... 117 • **Figuras de palavras**

• **Figuras de sintaxe**

• **Figuras de pensamento**

5 - A linguagem do Corpo

Voz e emoção

Mantendo o foco: leitura expressiva

A articulação

Mantendo o foco: expressividade

A expressividade do corpo

• As pernas

• Os braços e as mãos

• O tronco e a cabeça

• O semblante: olhos e boca

6 - A oralidade eficiente:

reuniões, palestras e entrevistas

Participações em reuniões

Como conceder entrevistas

Conferências e palestras

Bibliografia

Uma obra instigante

O professor Roberto Magalhães é mestre e doutor em letras. Seu curso de redação e palestras têm sido fundamentais para jovens e adultos que buscam sucesso em vestibulares e concursos.

Um aspecto muito importante – e que me entusiasma – é o professor Magalhães deixar fluir nesta obra todo o seu talento de orador. Talvez um lado ainda desconhecido por aqueles que não tiveram o privilégio de admirar sua eloquência. Literalmente, Magalhães “brinca” com as palavras, transformando seus discursos em mensagens que marcam, penetram, transformam e emocionam plateias, como pude pessoalmente testemunhar em inúmeras oportunidades.

Este livro, portanto, passa a ser um convite, quase uma provocação. Desafia quem deseja aprender as técnicas do bem falar em público. Extremamente didático, o livro traduz toda a experiência adquirida pelo professor nos longos anos de vida universitária e trabalhos acadêmicos. Indica técnicas e procedimentos para a utilização da palavra persuasiva. Como enfrentar o público? Como vencer o medo? Como transmitir, com sucesso, aquilo que se pretende? E responde a tantas outras indagações frequentes nessa área.

O professor Magalhães com seu texto claro e direto pavimenta tecnicamente o caminho para quem assume ou pretende assumir a tarefa de exercitar tanto a oralidade quanto a oratória.

Portanto, o livro dá ao leitor a possibilidade de se envolver com as instigantes proposituras e, quem sabe, surpreendê-lo com o desabrochar de um talento inesperado, um repentino “estalo de Vieira”.

Paulo Sérgio Simonetti Mestre em Ciências da Comunicação USP Jornalista Rádio 94 FM
Professor aposentado: jornalismo/Unesp

Apresentação

Nada mais legítimo do que investirmos em nós mesmos. Nada mais desejável do que valorizarmos a nossa imagem. Por isso, educamo-nos, trabalhamos, vivemos. É justo e necessário que assim o façamos, pois a nossa realização pessoal, o nosso conceito e até mesmo a nossa ascensão social dependem muito de como somos vistos na ambiência social. O

trabalho realizador, a conduta ética, o exemplo profissional, tudo entra nessa conta do autoinvestimento. Não nos esqueçamos, contudo, de uma outra moeda de valor incontestável: a palavra. Saber comunicar-se, defender ideias e valores, posicionar-se no debate social são habilidades que, evidentemente, muito favorecem a construção da nossa imagem social.

Impossível negar a admiração que nutrimos pela pessoa que sabe falar bem, com elegância e correção, em quaisquer das situações cotidianas. Fascinados ficamos quando ouvimos a palavra eloquente do orador expressivo. Diante de tal situação, ao mesmo tempo em que somos arrebatados pelo brilho da expressão sedutora, julgamos ser essa habilidade apenas possível àqueles que nasceram com talento para a oratória. Não reconhecendo essa vocação em nós mesmos, tendemos a nos excluir dessa desejável possibilidade de falar bem em público. Avaliação injusta que nos diminui e nos afasta de tal prática.

Todos podemos atingir tão desejável habilidade. Sabemos, contudo, que nada nos é dado sem trabalho e investimento. Nossas conquistas têm preço e por elas sempre pagamos. Falar bem em público com segurança, correção e brilho expressivo é, também, perfeitamente possível, se nos prepararmos devidamente para tanto.

Este livro foi escrito para ensejar esse aprendizado. Não é um manual de motivação psicológica, pois foi produzido para mostrar tecnicamente, passo a passo, como construir a mensagem discursiva e como produzi-la publicamente. São técnicas que ensinam o bem falar, envolvendo os recursos da linguagem expressiva, voz e gestos, tudo para garantir a harmonia da expressividade verbal. Por isso, recorreu a ampla e seletiva pesquisa bibliográfica para que teoria e prática se harmonizassem, assim facilitando o aprendizado retórico.

Muito importante, também, a preocupação de mostrar tecnicamente exemplos de geniais oradores e os recursos utilizados na produção de seus memoráveis discursos. Nessas oportunidades, as estratégias discursivas de que se utilizaram, os recursos retóricos de que se valeram, a forma como estruturaram a mensagem discursiva, tudo passa por análise criteriosa para que o leitor possa observar concretamente os segredos da melhor oratória.

Estudando a teoria, exercitando-se continuamente e observando a prática retórica de grandes oradores, o caminho para falar bem em público está devidamente pavimentado. É questão de querer e de fazer. É questão de caminhar.

1

A pAlAvrA, o medo e o Auditório

É pela palavra que nos apresentamos . Falando ou escrevendo, mostramos





quem somos .

13

A palavra nos define

Cuidamos da aparência física, procuramos nos vestir com elegância, interagimos respeitosamente com as pessoas, investimos em nosso aprimoramento intelectual... Todas essas práticas acabam nos conferindo uma singular identidade. Por todos esses sinais, que continuamente emitimos, o outro passa a nos conhecer. Nossa imagem é construída, assim, por tudo aquilo que ele de nós sabe, vê e observa. Seriam esses sinais que transmitimos continuamente os mais reveladores da nossa identidade? De uma certa forma, sim. Impossível negar que o nosso corpo fala, que nossas atitudes falam, que nossas roupas falam. Contudo, sem menosprezar quaisquer desses sinais, a nossa melhor tradução se dá, indiscutivelmente, pela palavra.

É pela palavra que nos apresentamos. Falando ou escrevendo, mostramos quem somos. Não é o rosto bonito, nem a roupa de grife que nos revelam. É pela linguagem que entregamos ao outro a nossa melhor tradução. Falando ou escrevendo, escancaramos o que temos de bom ou de ruim. Explicitamos as limitações do nosso raciocínio ou o brilho da nossa inteligência, a visão preconceituosa ou a respeitosa atitude assumida no trato com as diferenças individuais. É pela linguagem que nos definimos. No exato momento em que começamos a falar, começamos a nos despir de todas as mentiras. Feliz ou infelizmente, são poucos os bons leitores.

O medo de falar em público

Esta palavra traduz a dificuldade maior daqueles que desejam ou precisam falar em público. Medo de perder a linha do raciocínio, de não achar as palavras necessárias, de que a memória falhe e um silêncio vexatório se instale impiedosamente. Só de imaginar tais situações, a boca seca, os batimentos cardíacos aceleram-se e um abismo se abre para aquele que se vê diante de tão terrível desafio. Contudo, esse sentimento de pânico é perfeitamente natural. Afinal, o ato de falar em público coloca-nos inevitavelmente diante do julgamento alheio. Seremos avaliados por um grupo de pessoas, daí o normal e previsível medo da reprovação.

O fato de reconhecermos o tamanho e o peso da dificuldade não significa que ela seja intransponível. Muitas serão as pedras com que teremos de nos defrontar pelo caminho. Impossível viver ignorando os muitos obstáculos que nos aguardarão nas esquinas da vida. Por isso, só nos restam duas opções: fuga ou enfrentamento.

Fugir não resolve nossas dificuldades, apenas adia o necessário enfrentamento, agravando o problema. Enfrentar é a reação saudável que pode nos levar a superar a nossa limitação. O sucesso, evidentemente, nunca nos aguarda nos primeiros degraus da longa escada. É preciso ter a coragem do enfrentamento, passo a passo, vencer cada uma das dificuldades, transpor, com paciência e perseverança, cada degrau, cada dificuldade.

Sabemos, todavia, que não se enfrenta o inimigo, nem se combatem os desafios e as limitações apenas com voluntariedade. É preciso preparar-se para tanto. E assim o faremos se estudarmos os fundamentos teóricos da arte do bem falar, se nos entregarmos aos exercícios técnicos de forma perseverante. Cada vitória na vida tem seu preço. É preciso pagá-lo quando investimos em nossa realização pessoal e profissional. Afinal, não existe investimento mais realizador.

Como vencer o medo

Nada mais natural do que sentirmos medo quando temos que enfrentar uma situação para a qual não estamos devidamente preparados. É o que acontece quando nos deparamos com a necessidade de falar em público. Para vencer este pânico, temos que pagar o preço devido: estudo teórico e exercícios

retóricos. Estudando a teoria retórica, exercitando a oratória, dominando as técnicas expressivas do bem falar, qualquer pessoa pode não só vencer o medo, como se tornar um competente orador.

Não são poucos, contudo, os que desacreditam na possibilidade desse aprendizado. Afirmam que o orador já nasce com o talento de comover e persuadir, razão por que aqueles que não tiveram a mesma sorte estariam impossibilitados de desenvolver a competência da boa oralidade. Tal tese é simplista e não resiste a argumentos básicos.

É bem verdade que existem os vocacionados para o bom uso da palavra oral. Nasceram com o talento para a expressividade verbal e podem desenvolvê-la ainda mais desde que aprendam a usar os recursos retóricos. São oradores por natureza, fadados a serem admirados pela facilidade com que articulam frases e imagens, comovendo as pessoas.

Idêntica situação ocorre no domínio da linguagem escrita. Muitos nascem com aptidão espantosa para produzirem textos engenhosos e de grande expressividade estética. Serão escritores, poetas, jornalistas... Privilegiados pela natureza, desde que busquem os estudos linguísticos necessários, poderão desenvolver todo esse potencial inato. Lembremo-nos de que a pedra bruta, quando lapidada, torna-se joia rara, merecedora de toda a admiração.

Não se pode, contudo, eliminar a possibilidade do bem falar e do bem escrever aos demais mortais que não trazem, na força genética, igual potencialidade. Repetimos que essas pessoas poderão falar e escrever de forma elogiável desde que estudem e se exercitem com a perseverança necessária. Não serão, talvez, escritores ou oradores famosos. Serão, contudo, pessoas com reconhecida competência verbal tanto para falar quanto para escrever publicamente.

Todos podem estudar música e atingir um nível elogiável de desempenho instrumental sem que sejam concertistas ou virtuosos maestros. Da mesma forma, pode-se estudar pintura, escultura, dança e atingir um nível de razoável competência. É preciso entender que cada um de nós pode desenvolver habilidades em qualquer área do conhecimento, desde que nos entreguemos com determinação a esse aprendizado. Os resultados a serem

colhidos serão medidos pela força do nosso investimento. Só pode colher quem planta. E quem planta mais...

Falar para quem? O auditório

Sob o ponto de vista da retórica, o auditório é o conjunto de pessoas a serem influenciadas pela palavra do orador. A importância de se conhecer essa massa de audiência é fundamental por um razão óbvia: não se pode falar a mesma coisa e do mesmo jeito para qualquer ouvinte. Se o discurso visa a convencer e persuadir o auditório, o orador precisa saber quem são as pessoas que o compõem, o que pensam, o que desejam. Conhecer a audiência é condição essencial para o orador organizar o que vai dizer e a forma como o fará.

“O importante, na argumentação, não é saber o que o próprio orador considera verdadeiro ou probatório, mas qual é o parecer daqueles a quem ela se dirige. Sucede com um discurso, para citar uma comparação de Gracián, “o mesmo que com um festim, em que as carnes não são preparadas para o paladar dos cozinheiros, mas para o dos convivas.” (Perelman, 1996:26/27)

Esse ajuste do orador ao auditório para programar o que dirá e como dirá é sempre um processo difícil, porque as pessoas que constituem a plateia são seres com histórias de vida diferentes. O orador tenta captar de alguma forma, por aproximação, o melhor perfil coletivo dessa soma de individualidades. Essa heterogeneidade é um obstáculo permanente a desafiar aquele que fala em público.

A recepção do discurso nunca será a mesma para todos os ouvintes e, menos ainda, um ato de passividade. Cada ouvinte ativamente vai questionando o que está ouvindo – aceitando e recusando – num diálogo silencioso, mas nada passivo. No ato discursivo, o orador e o ouvinte são sujeitos ativos em interação na produção dos sentidos.

Cada ouvinte recupera, no momento da audiência, outros discursos que já ouviu, outros textos que já leu e toda essa experiência de resgatar o repertório das informações arquivadas em sua memória “dialogará” com o

discurso que o orador está, naquele momento, produzindo, caracterizando o que os especialistas chamam de “intertextualidade”.

Embora prevaleça o conceito de auditório como um conjunto de pessoas, a verdade é que a extensão do auditório é muito variável. Pode o auditório ter extensão nacional (o presidente fala para todo o país), pode ser constituído por um pequeno grupo (uma reunião numa empresa) e pode ainda ser definido por uma única pessoa, um aluno, um cliente, um amigo... Quanto mais amplo for o auditório, maior a dificuldade do orador, pela dificuldade que terá de controlar as reações dos ouvintes. Sendo pequena a plateia, o orador tem a seu favor a possibilidade de uma melhor avaliação sobre a aceitação ou não daquilo que fala, observando diretamente as reações fisionômicas daqueles que o ouvem.

Alguns auditórios apresentam um perfil bem mais definido, o que acaba requerendo ajuste menor do orador. É o caso de um auditório formado por ouvintes que compartilham a mesma área profissional: especialistas em direito penal, por exemplo. Nessa situação, o orador tem um controle mais seguro das variáveis, por conhecer, prévia e aproximadamente, o repertório de informações relativamente homogêneo da plateia para a qual fala.

Em síntese, o orador prudente avalia, antes de falar, para quem falará. Procurará conhecer tão bem quanto possível a sua audiência. Essa informação ser-lhe-á fundamental para a organização da sua peça discursiva. Saberá, ainda, que o sentido do que vai falar será construído em interação com seus ouvintes, o que implica saber que haverá “leituras” múltiplas e diferenciadas por parte deles. Ainda que só o orador esteja efetivamente falando, um “diálogo” silencioso será ativado na mente de cada pessoa que o ouve naquele momento. Esse dialogismo caracteriza a complexidade da produção discursiva. É o chamado contexto retórico.

Agora, seria interessante examinar o outro lado da questão. Se o orador procura conhecer o perfil do auditório, o mesmo ocorre com os ouvintes que se preparam para ouvi-lo. O auditório também quer conhecer o orador. Por isso, passa a avaliar um conjunto de qualidades pertencentes ao orador. Quem é ele? Como se veste? Qual é a sua formação profissional? Idade? Vivência religiosa? Já publicou obras? Qual é, enfim, a sua participação social? A esse conjunto de qualidades configuradoras do perfil do orador

dá-se o nome de “ethos”. Esse conhecimento prévio que o auditório ativa em relação ao orador nos permite dizer que, mesmo antes de iniciar o seu discurso, o orador já está, de certa forma, “falando”.

Se desfruta publicamente de conceito positivo por ter imagem profissional competente ou por pertencer a uma determinada instituição religiosa ou aos quadros de uma empresa de prestígio, o orador passa a contar com esse “ethos” que lhe favorece e qualifica a sua fala como um discurso autorizado. Contudo, a avaliação final ficará condicionada à qualidade do discurso que ele produzirá. É discursando que confirmará ou não esse “ethos” inicial .

2

A linguAgem: “ Arma” de persuasão

É pela linguagem que entregamos ao outro a nossa melhor tradução .





Oralidade e oratória

É fundamental diferenciar oralidade de oratória. A primeira diz respeito a qualquer ato de comunicação oral; a segunda designa o conjunto de regras do bem dizer, ou seja, a retórica, a arte da eloquência. A oralidade insere-se no uso cotidiano da palavra para cumprirmos nossas necessidades comunicativas. É o lado pragmático da comunicação. A oratória, por sua vez, faz parte do universo estético, sendo, portanto, um ato artístico.

Quando participamos de uma reunião, concedemos uma entrevista, veiculamos um aviso qualquer, estamos exercendo a oralidade; quando discursamos para um grupo de pessoas, usando a linguagem estética e os recursos retóricos, estamos no domínio da oratória.

A oralidade nada mais de nós exige do que o conhecimento da informação a ser transmitida e o competente uso dos recursos básicos de um idioma para a concretização do ato de fala. A oratória pressupõe muito mais do que isso. Além do conhecimento da mensagem a ser veiculada, é preciso conhecer os

recursos estéticos, as regras do processo persuasivo, ser competente na expressão vocal e também na linguagem gestual.

Desconhecendo tal distinção, o indivíduo, incumbido de levar a um grupo de pessoas uma informação qualquer, supõe, equivocadamente, que para cumprir tal necessidade precisa fazer uso da oratória. Assim concebendo, é tomado por uma sensação de pânico injustificável. Ocorre que, nesse caso, a plateia não espera dele as habilidades de um competente orador, a mensagem de brilho retórico, mas somente um ato de simples comunicação. Claro que, em situações mais formais, a oralidade deve ser traduzida pelo padrão culto de falar, cuidando para que a mensagem produzida tenha clareza, elegância e a necessária gramaticalidade. Contudo, continua sendo ato de oralidade, pois está compromissada apenas com a transmissão de uma determinada mensagem. Já a oratória reclama do orador o domínio da linguagem expressiva, o conhecimento dos recursos retóricos, tudo para convencer e emocionar.

Retórica e eloquência

Um aforismo latino diz que o orador se faz – “ **orador fit** ” - o que implica defender a ideia de que qualquer pessoa, dotada de condições intelectuais básicas, pode, com estudos e exercícios, tornar-se um bom orador. Na construção desse orador, é fundamental, portanto, o estudo da retórica: conjunto de regras que dirigem e desenvolvem o espírito crítico dos homens, propiciando-lhes conhecer os caminhos da arte do bem falar.

Não se pode confundir, contudo, a habilidade de bem falar em público - acessada pelos estudos retóricos - com o dom da eloquência. O orador eloquente já nasce com esse pendor. Evidentemente, o estudo retórico contribuirá para o aperfeiçoamento desse talento natural, potencializando-o ainda mais. Em verdade, poucos são os que nascem com essa vocação para o brilho da expressividade verbal. Os que não foram contemplados pela natureza podem, conforme já evidenciamos, tornar-se bons oradores, desde que perseverantes nos estudos e nos exercícios. Jamais, porém, ostentarão o brilho do orador eloquente.

Existem oradores que são ótimos retóricos, ou seja, conhecem muito bem as regras do bem falar em público, mas não têm o brilho da eloquência. Outros

são eloquentes, porém pouco sabem de retórica. Os eloquentes nascem assim, vocacionados para o melhor uso da palavra; os retóricos são construídos pelo trabalho ao longo do tempo. Importante é observar que o dom da eloquência privilegia com intensidades diferentes aqueles que são por ele agraciados.

O objetivo fundamental da retórica é habilitar o orador a persuadir e a comover seus ouvintes. A persuasão ocorre quando o orador convence a plateia de que a tese por ele defendida é verdadeira, merecedora, portanto, de credibilidade. Já a tarefa de comover implica atingir a sensibilidade dos ouvintes, levando-os a vivenciar as emoções que o orador imprime na sua fala.

Claro que o orador precisa estar sentindo as emoções de que fala, pois só dessa forma contagiará seus ouvintes. Se estiver desconfortável, desejando que aquela situação acabe o mais depressa possível, esse mal estar ficará visível para seus ouvintes, que, igualmente, passarão a ansiar pelo fim daquela situação tormentosa. Outro fator preocupante é o que diz respeito à artificialidade do ato discursivo. É o caso do orador que, tendo decorado o texto, enuncia-o de forma fria e mecânica. Assim agindo, jamais comoverá a plateia, que perceberá quão vazias são as palavras que vêm tão somente da boca e não da alma do orador.

Deve, pois, manter diante do público uma atitude natural. Para tanto, precisa evitar o mau humor, a fisionomia carrancuda, mostrando-se descontraído e alegre por ali estar. Deve sorrir, quando necessário, e buscar com olhos expressivos um “diálogo” com a plateia, falando com ela e não para ela. Ainda que não seja brilhante, sendo simpático e cordial, conquistará a simpatia e a benevolência daqueles que o ouvem. Não poucas vezes, oradores eloquentes foram recusados por serem arrogantes e se mostrarem distantes dos seus ouvintes. Não podemos nos esquecer de que o ato discursivo é um ato de comunicação, portanto de inclusão e de interação entre quem o produz e quem o recebe. O bom comunicador sabe que precisa ser agradável, mostrar-se motivado, valorizando esse encontro com seus ouvintes.

Merecem igual atenção os indesejáveis cacoetes. Há oradores que, durante o discurso, brincam com uma caneta, com os óculos, o que acaba atraindo a

atenção dos ouvintes, desviando-lhes a atenção da mensagem proferida. Ficar esfregando uma mão na outra, arrumando a gravata, enfiando as mãos no bolso, passeando nervosamente de um lado a outro são práticas condenáveis, pois evidenciam um orador inseguro que não consegue disfarçar o seu mal estar diante da plateia. Pior ainda é aquele que desvia continuamente os olhos do público, fixando-o num ponto qualquer do recinto, perdendo dessa forma a oportunidade de explorar a expressividade interativa do olhar.

Não menos importante é saber tirar da voz e dos gestos a expressividade que o discurso requer. Há de se buscar a harmonia do todo: mensagem discursiva coesa e corente, gestos que confirmam brilho ao que se diz, voz sonora e agradável com modulações e ritmos diferenciados. Todas essas técnicas podem ser aprendidas e exercitadas. É assim que o orador se faz. Finalmente, lembremo-nos de que a imagem convincente do orador é aquela que gera nos ouvintes a sensação de que estão diante de alguém seguro, confiante e competente. Nada pior para destruir essa desejável imagem do que o comportamento nervoso manifestado nesses cacoetes sempre lamentáveis.

Língua escrita e língua oral

Há duas linguagens de que nos valem no processo cotidiano da comunicação: a linguagem escrita e a linguagem oral. A primeira é expressa apenas por sinais gráficos convencionais. A segunda pressupõe, além do conhecimento lexical e da gramaticalidade da língua, outros recursos complementares como o domínio da fala, o bom uso do timbre da voz, a entoação, os recursos gestuais... O orador, para ser bem sucedido na execução do seu discurso, tem que harmonizar voz e gestos na produção da mensagem, procurando atingir um efeito único de harmonia e persuasão.

Outra característica da linguagem oral diz respeito à função fática. Essa função está centrada na valorização do contato e diz respeito ao uso de todos os recursos que possam iniciar e revigorar o processo comunicativo, mantendo-o atraente. A função fática cumpre, portanto, a função de iniciar o discurso, depois procura mantê-lo atraente e, finalmente, cuida de encerrá-lo. Numa comunicação telefônica, a função fática é facilmente

percebida, pois os interlocutores, com o objetivo de manter viva a comunicação, usam como recursos as expressões: “alô”, “escuta”, “você está me ouvindo?”, “vou desligar...” Cabe, pois, ao orador o bom uso dos recursos fáticos da linguagem oral para prender a atenção do auditório e com ele interagir, conquistando-lhe, assim, a simpatia. Atento a essa preocupação, por vezes o orador se valerá do vocativo para avivar o contato: “meus senhores”, “meus amigos”, “ilustre auditório”...

Com mesmo objetivo fático, diminuirá e aumentará o volume da voz, alterando-lhe o tom quando as frases assim o exigirem, buscará, se necessário, uma entoação mais agressiva, fará pausas significativas, recorrerá a gestos mais expressivos, tudo para não perder a atenção dos seus ouvintes. Cada ideia proferida deverá ser acompanhada por um gesto harmônico que a complete. Para adquirir tais habilidades, é fundamental que exercite técnicas de leitura expressiva em voz alta e que desenvolva a linguagem gestual correspondente, cuidando para que a altura e o tom da voz sejam sempre adequados à extensão física do auditório e ao número de ouvintes.

Fundamental é perceber que, enquanto a linguagem escrita busca a concisão, ou seja, o emprego econômico das palavras em busca da objetividade, a linguagem oral é extremamente redundante. E assim o é para que o ouvinte possa entender mais facilmente o que lhe está sendo dito.

O mesmo raciocínio vale para o tamanho das frases. Na linguagem oral, elas são mais curtas e mais objetivas. Uma frase excessivamente longa, contendo intercalações, dificulta ao ouvinte o entendimento da mensagem. Na linguagem escrita, as frases podem ser mais longas, pois o leitor tem a seu favor a possibilidade de interromper a leitura para conferir o que foi redigido, revisar os recursos coesivos, as estruturas sintáticas, o que, evidentemente, não acontece com o ouvinte num ato de interlocução oral.

Análise discursiva: ler e refletir

Padre Vieira, um genial orador

Objetivando evidenciar esses conceitos que marcam a diferença entre linguagem escrita e linguagem oral, analisaremos o discurso proferido pelo

genial Padre Vieira num excerto do “**Sermão Histórico e Panegírico nos Anos da Rainha D. Maira Francisca de Sabóia**”.

“É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as

idades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema, nem bem que seja próprio e seguro. O pai não tem seguro o lho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o eclesiástico não tem segura a imunidade, o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus nos templos e nos sacrários não está seguro”.

A repetição enfática da palavra “ **guerra** ” por três vezes, abrindo os três períodos iniciais, não deixa a menor dúvida de que é ela a referência do texto, ou seja, o assunto sobre o qual o eloquente Vieira discorrerá. Para enfatizar todo o poder destrutivo de uma guerra, Vieira materializa o conceito de guerra em três figuras, cada uma delas representada por uma expressiva metáfora. Em processo de gradação metafórica, a guerra é **monstro** , depois é **tempestade terrestre** e, finalmente, é **calamidade de todas as calamidades** .

Inicialmente, a guerra é um monstro “ **que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta** ”.

Observemos que a boca faminta do monstro guerra vai gradativamente ampliando o seu poder de destruição: começa se alimentando das fazendas, ou seja das riquezas nacionais; depois, aumentando a violência faminta, atinge o sangue dos homens, anemizand-os; finalmente, por consequência imediata, atinge o mal maior: rouba-lhes as vidas.

A segunda representação metafórica da guerra é feita sob o signo da tempestade. E como tal, cumpre idêntica e gradativa função destruidora: começa levando os campos, regiões de menor densidade humana; depois

leva as casas, já vitimando pessoas. Em seguida, insistindo no processo de gradação, mais do que as casas leva também as vilas (conjunto de casas). Finalmente, atinge a amplitude maior: reinos e monarquias inteiras.

A terceira metáfora evidencia-lhe o poder de maior de destruição, razão por que a guerra é então metaforizada como “a calamidade de todas

as calamidades”. Nesse estágio final de violência extremada, a guerra agride e destrói o que o homem tem de mais valioso: o pai pode perder o filho; o rico, pode perder a fazenda (o patrimônio); o pobre pode perder o suor, que representa o seu bem maior: a força do trabalho; o nobre vê ameaçada a sua honra; o eclesiástico, sua imunidade; o religioso pode perder a clausura do íntimo recolhimento e nem mesmo Deus está seguro diante da pior das calamidades. Perfeita, contudo, é a referência aos lugares templos e sacrários, sugerindo que a guerra só pode atingir e destruir a imagem material de Deus, jamais a sua essência divina.

Há, portanto, neste sermão magistral de Vieira, um trabalho estético de isomorfismo, ou seja, uma perfeita identificação entre o conteúdo e a forma que o materializa. É o competente uso da função poética da linguagem. No plano do conteúdo, Vieira fala de um poder destruidor que gradativamente vai atingindo o seu ápice; no plano formal, o mesmo acontece na construção de metáforas cada vez mais lesivas e na enumeração também ascendente dos bens que vão sendo destruídos. Nesse processo isomórfico, o que o conteúdo diz, a forma confirma num jogo de rara habilidade poética.

As principais características da linguagem oral podem ser observadas neste sermão do Padre Vieira. Observemos que a peça discursiva privilegia a redundância, característica básica da oralidade. Por isso, a guerra é figurativizada por nada menos do que três vezes e sempre gradativamente. A ênfase na redundância retórica está muito bem marcada na repetição dos enunciados que “martelam” as metáforas: **“E a guerra aquele monstro ”, “É a guerra aquela tempestade terrestre ”, “É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades...”** Vieira ativa todo esse processo de expressiva redundância para nos convencer de algo muito claro, objetivo e incontestável: a guerra acaba gradativamente com tudo o que temos, sejam bens materiais ou espirituais.

Outra marca da linguagem oral pode ser observada no uso de frases relativamente curtas, com estruturas sintáticas repetidas, num ritmo que mantém a mesma acentuação rítmica ao longo do discurso. Tudo se repete para garantir a melhor compreensão dos ouvintes e para que não parem dúvidas sobre o processo

destruidor da guerra. Se imaginarmos o uso enfático dos recursos vocais, associados à manifestação de gestos complementares, teremos uma imagem bastante reveladora da eloquência desse grande mestre dos púlpitos, ele sim um "monstro" da oratória sagrada.

Funções da Linguagem

Deve o orador conhecer o processo pelo qual a linguagem se manifesta, cumprindo funções e finalidades diversas. Daí a importância do estudo das funções exercidas pela linguagem. Roman Jakobson, linguista russo, estabeleceu, nesse sentido, seis categorias funcionais. Cada uma delas está associada a um dos elementos constituintes do processo de comunicação: o emissor ou destinador, o receptor ou destinatário, o referente, o canal, o código e a mensagem.

• Função Referencial

Também chamada de denotativa, esta função está centrada no referente (assunto). Cumpre a função de levar ao ouvinte ou ao leitor uma informação clara e objetiva sobre um determinado assunto. Esta manchete jornalística bem exemplifica a informação referencial:

Banco Central age de novo para conter dólar.

Nesse caso, falando do referente dólar, a linguagem leva ao leitor ou ouvinte uma mensagem denotativa, unívoca, ou seja, de sentido único. A função referencial é dominante na linguagem científica, jornalística, na linguagem da História, da Filosofia, da Física... É a função lógica da linguagem, que traduz os sentidos usuais e dicionarizados da palavra.

Na oratória a função referencial tem a incumbência de apresentar as informações que, articuladas, vão constituir as linhas de raciocínio do orador. Essa função será a responsável pela coesão e coerência da peça discursiva.

• Função Expressiva

Centrada sobre o destinador ou emissor, a função expressiva propicia a manifestação dos conteúdos emotivos, principalmente no uso das interjeições, pura manifestação dos estados de alma. É pela função expressiva que manifestamos nossa subjetividade afetiva, emocional. Na poesia, a função expressiva marca acentuada presença.

Na oratória, a função expressiva é amplamente utilizada para sensibilizar a plateia (pathos), trabalhando a emoção, comovendo os ouvintes.

No discurso de morte de Olavo Bilac, Coelho Neto, orador talentoso, explorou a função expressiva da linguagem com criatividade:

“Adeus! Até quando? Até onde? Quem o sabe? Falo em vão, bem sei.(...) Ó morte terrível, que resistes inexoravelmente a todos os brados, ouve-me, se tens misericórdia, e consente, Rainha do Silêncio, que chegue à tua presença a voz da minha saudade.”

• Função Conativa

É aquela que se orienta para o destinatário no sentido de persuadi-lo de alguma coisa. É também chamada de função apelativa e sua característica maior é a de convencer o leitor ou ouvinte a mudar o seu comportamento. Essa função se vale principalmente do modo verbal imperativo. A linguagem da propaganda nos dá inúmeros exemplos de ótimo aproveitamento dessa função persuasiva. É o caso dessa publicidade da revista Exame:

“Não basta um bom shampoo para fazer a cabeça de uma mulher inteligente.”

Os discursos da oratória, os debates, os artigos de opinião, todas essas modalidades discursivas se valem consideravelmente da função conativa. São mensagens produzidas para convencer e persuadir.

No Sermão da Sexagésima, Vieira quer persuadir o ouvinte religioso de que a conversão por meio de um sermão requer a conjugação de três fatores: o pregador revelando a doutrina, Deus concedendo a graça e, finalmente, o

homem enxergando as razões da conversão. Usando uma linha de raciocínio bem articulada, sobretudo por inferências, faz uso da função conativa da linguagem de forma admirável.

Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si e ver a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessário luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento.

• **Função Fática**

É a mensagem centrada no contato, no suporte físico, no canal. Cumpre a função de manter viva a mensagem, prolongando-a pelo interesse que suscita. Pode, igualmente, interromper o processo comunicativo. São exemplos da função fática as expressões telefônicas: alô! “tudo bem? “Sei, sei”, “olha, olha”... A função fática se caracteriza pela utilização de recursos linguísticos com o objetivo de iniciar, manter e, até mesmo, terminar um processo de comunicação. Não importa no uso da função fática o conteúdo do que se diz, mas apenas a manutenção do ato comunicativo. A função fática está bem marcada neste enunciado:

Puxa, como está frio! Será que chove?

Na retórica, o uso fático da linguagem, sempre objetivando manter o discurso vivo e atraente, recorre constantemente às estratégias de interação com os ouvintes, tanto pelo uso do vocativo, quanto pelo tom dialogal que exercita. É o que se vê neste fragmento do célebre discurso Oração aos Moços, do genial Rui Barbosa:

Entre vós, porém, moços, que me estais escutando, ainda brilha em toda a sua rutilância o clarão da lâmpada sagrada, ainda arde em toda a sua energia o centro de calor, a que se aquece a essência d'alma. Vosso coração, pois, ainda estará incontaminado; e Deus assim o preserve.

• Função Metalinguística

Essa função é ativada quando a linguagem explica a própria linguagem. A função metalinguística está centrada sobre o próprio código. Os dicionários e também as chamadas palavras cruzadas exemplificam esse recurso da palavra que se esclarece pela própria palavra. Quando o emissor afirma o que se deve entender por uma determinada palavra, está ativando a função da metalinguagem.

Admir Ramos, em “A Introdução da Oratória”, dá-nos um bom exemplo de metalinguagem ao explicitar o que devemos entender por gesto no processo retórico:

A expressão gesto, na oratória, deve ser tomada no sentido lato, amplo, e não apenas no referente aos movimentos dos braços ou das mãos. A simples mudança de semblante, o movimento com os olhos, com as espáduas, com o peito, com a cabeça e, ainda, um breve silêncio do orador são ações ou gestos e, certamente, os mais vivos e cheios de energia. (Ramos, 1971:83)

• Função Poética

Essa função está centrada sobre a própria mensagem. Sua função é colocar em evidência o lado material dos signos. Nesta função, a mensagem é trabalhada para chamar a atenção sobre si mesma. Os recursos sonoros e gráficos são utilizados para reforçar o conteúdo do que se enuncia. Um exemplo:

“O rato roeu a roupa do rei de Roma”.

Nesse enunciado, a repetição intencional do fonema “**re**” sugere o som do próprio rato roendo as vestes do rei. A forma já é, portanto, conteúdo.

A função poética está muito presente na poesia e na publicidade. É um recurso lúdico de criar significados explorando os significantes, ou seja, o lado material do signo linguístico. Um cartaz dos Correios, de forma criativa, ativou a função poética ao produzir o enunciado:

“Sele novas amizades. Colecione selos.”

O Banco Bamerindus valeu-se também da função poética quando, também com criatividade, sugeriu:

“Credite no Brasil”.

A função poética ocorre, portanto, quando a forma (significante) já é conteúdo (significado).

Rui Barbosa, em “A Paixão pela Verdade”, explora com maestria a sonoridade das palavras, trabalhando enfaticamente os fonemas nasais, tudo para criar o barulho do fluxo das águas das cachoeiras das serras. Ao mesmo tempo, confere às frases um ritmo que alterna tranquilidade e fúria para transmitir ao receptor a sensação de que está diante de uma cachoeira que vem, inicialmente, mansa, mas, encontrando um obstáculo, cresce raivosamente para transpô-lo. E com essa imagem analógica, que ele exemplifica a revolta dos homens de bem quando igualmente encontram a pedra do erro e da indignidade no curso de suas vidas.

A paixão pela verdade semelha, por vezes, às cachoeiras da serra. Aqueles borbotões d’água, que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o e, afinal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e flocos de espuma. A convicção do bem, quando contrariada pelas hostilidades pertinazes do erro, do sofisma ou do crime, é como essas catadupas da montanha.

Esse encontro harmônico entre o que se diz com o modo de dizer - forma e conteúdo - caracteriza a função poética da linguagem.

Análise discursiva: ler e refletir a eloquência de Rui Barbosa

Para evidenciar o bom uso das funções da linguagem no domínio da oratória, vamos analisar um fragmento discursivo proferido pelo magistral orador Rui Barbosa. Neste fragmento do discurso da campanha civilista de Rui Barbosa, proferido em 1909, o nosso “**Águia de Haia**” vale-se das diversas funções da linguagem, sobretudo da função poética para construir um discurso de alta engenhosidade. O que diz encontra confirmação na forma como diz. É o uso criativo da função poética.

A paixão pela verdade

A paixão pela verdade semelha, por vezes, às cachoeiras da serra. Aqueles borbotões d'água, que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o

o de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o e, anal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e ocos de

espuma. A convicção do bem, quando contratriada pelas hostilidades pertinazes do erro, do so sma ou do crime, é como essas catadupas da montanha. Vinha deslizando, quando topou na barreira, que se lhe atravessa o caminho. Então remoinhou arrebatada, ferveu, avultando, empinou-se, e agora brame na voz do orador, arrebatada-lhe em rajadas a palavra, sacode, estremece a tribuna, despenha-se-lhe em torno, borbulhando.

Mas o que ela contém, e a impele, e a revolta, não é cólera, não é destruição, não é maldade: é o poder do pensamento, a vibração da fé, a energia motriz das almas, esse uído impalpável que se transporta nas ondas invisíveis do ambiente, e vai, por outras regiões, arder nos espíritos, fulgurar nas trevas humanas, abalar vontades, agitar indivíduos e povos, reanimados ao seu contacto, como os mais maravilhosos instrumentos da indústria, os teares, as forjas, os estaleiros, acordam ao in uxo dessa eletricidade silenciosamente bebida, léguas e léguas daí, por um o de cobre aéreo nas quedas sonoras do rio. Enquanto, porém, essa transmissão imperceptível opera ao longe maravilhas, renovando a atividade às civilizações, derramando vida pela superfície da terra, a correnteza precipitada, que acabou de enviar à distância essas descargas da grande força, volve, pouco adiante, ao remanso ordinário do curso, prendendo -se entre as devesas do monte e as alfombras da pradaria. As revoltas da consciência contra as más causas, ainda contra as piores, não azedam um coração desinteressado. O meu tem atravessado as maiores procelas políticas, às vezes soçobrado, ferido, sangrando no entusiasmo e na esperança, mas sem fel. Não seria este novo encontro, embora duro e violento, com a mentira política, a velha corruptora dos nossos costumes, a sabida arruadeira da cercanias do poder, a pimpona rixadora do grade mercado, que me induzisse a esquecer, para com as pobres criaturas por ela

contaminadas, a lição divina da caridade. Antes de político me prezo eu de ser cristão. Não sei odiar os homens, por mais que deles me desiluda. O mal é inexorável, pela consciência de ser caduco. O bem, paciente e compassivo, pela certeza da sua eternidade.

gia que move o orador justo e eloquente - às cachoeiras da serra, que crescem furiosamente em borbotões volumosos para transpor o obstáculo que lhes cortou a correnteza. Em síntese: o orador eloquente, defensor convicto do bem, ao encontrar no seu caminho o erro ou o crime dos homens, repete a mesma ação das águas contra o obstáculo que lhes impede o caminho: também cresce, brame, avulta-se e com “rajadas de palavras estremece a tribuna, despenha -se-lhe em torno, borbulhando”.

Nesse fragmento discursivo, o grande orador Rui Barbosa trabalha com aguda sensibilidade e criatividade mesclando as três modalidades discursivas: a descrição, a narração e a dissertação. Sua intencionalidade discursiva é comparar a paixão pela verdade - ener

Para confirmar essa analogia, Rui se vale da narratividade, ou seja, do processo configurador da mudança de estados: estado inicial, ação transformadora e estado final. Observemos como essas mudanças de estado estão presentes no processo comparativo.

Estado inicial: o regato vem serpeando e cantando pela encosta e, repentinamente, encontra um obstáculo.

Ação transformadora: para transpô-lo cresce, afronta-o, envolve-o e o transpõe.

Estado nal: vencido o obstáculo, volta o regato a correr mansamente como fio de prata sussurrando pela esplanada.

O mesmo processo ocorre com a paixão pela verdade que energiza a eloquência do orador.

Estado inicial: o orador convicto do bem segue calmamente o seu curso, quando então se defronta com as hostilidades pertinazes do erro, do so sma ou do crime.

Ação transformadora: o orador, homem convicto do bem, revolta-se e brame contra o erro ou o crime em rajadas de palavras, sacudindo a tribuna, atacando o mal que se colocou como obstáculo.

Estado nal: vencido o obstáculo, volta esse homem do bem e da verdade ao curso normal e tranquilo de sua vida.

Além dessa preocupação narrativa que demarca os três momentos sequenciados, todo o discurso prima por uma descrição rica em detalhes explorando cores, forma e sons. É pela sinestesia que o genial Rui garante ao seu discurso uma visualidade figurativa que coloca os ouvintes diante de uma cena extremamente rica tanto para os olhos quanto para os ouvidos. É nesse momento que o conteúdo ganha confirmação pela linguagem sonora e visual. É a chamada função poética do discurso.

Observemos como a enumeração rápida dos verbos, em processo de gradação, cria a imagem do movimento rebelde dessas águas que precisam vencer o obstáculo surgido:

“Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o e, anal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e ocos de espuma”.

Em razão do processo comparativo (**a paixão pela verdade é semelhante às cachoeiras da serra**), o discurso proferido pelo orador também é descrito como se cachoeira fosse.

Para explicitar a similaridade existente entre a força das palavras e a força das águas, Rui explora a sonoridade explosiva dos fonemas bilabiais e dentais presentes nas palavras “**borbotões**”, “**rebentam**”, “**espadanam**” e, ao mesmo tempo, vale-se dos fonemas nasais igualmente presentes nessas mesmas palavras. Ao ouvir esses enunciados, o ouvinte tem a nítida sensação de estar diante desse sonoro embate de águas. A enumeração rápida dos diversos verbos de ação confere à frase um ritmo de gradação crescente que também sugere ao ouvinte a gradação dos golpes das águas contra as pedras:

Então remoinhou arrebatada, ferveu, avultando, empinou-se, e agora brame na voz do orador, arrebatada-lhe em rajadas a palavra, sacode, estremece a tribuna, despenha-se-lhe em torno, borbulhando.

Palavras como “ **o de prata**”, “**pedaços de cristais**”, “**flocos de espuma**” trazem à cena a profusão de cores e de brilho dessas águas revoltosas que agriem o obstáculo que se lhes cortou o tranquilo caminhar.

No plano dissertativo, o orador defende, através da função referencial, a tese de que não é o sentimento negativo da cólera a energia que impele a paixão pela verdade. A energia que move o orador convicto do bem é a da fé inquebrantável, da esperança, da renovação espiritual, sentimentos esses que tocam a sensibilidade dos ouvintes, persuadindo-os da legitimidade de se lutar contra todos os erros em defesa de nobres ideais. Depois desse lance reflexivo, um depoimento íntimo: a confissão do orador que, embora ferido e magoado muitas vezes, nunca deixou que o sentimento derrotista contaminasse a sua disposição de continuar lutando pela justiça e pelos oprimidos. A mentira política traduzida pela figura expressiva da “**arruadeira**” e da “**pimpona**” não será obstáculo que lhe possa impedir a justa e necessária caminhada. Prevalecerá sempre a convicção do bem, a luta do justo: a paixão pela verdade.

Em resumo, o processo decodificador aponta os elementos essenciais que organizam o plano discursivo:

Assunto: a paixão pela verdade;

Tema em discussão: a semelhança entre o orador apaixonado pela verdade e as cachoeiras da serra;

Tese: mostrar que tanto as cachoeiras da serra como orador apaixonado pela verdade não aceitam os obstáculos que lhes impedem a continuidade do curso natural; lutam fervorosamente até transpô-los.

Retórica: origem e desenvolvimento

A retórica nasce com o início do processo de comunicação entre os homens. Decorre, pois, da necessidade humana de se fazer entender para se comunicar e, então, persuadir. É o que diz Reboul:

A melhor introdução à retórica é a sua história. Vamos, portanto, empreendê-la, mas com duas observações preliminares. A primeira é que a retórica é anterior à sua história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Pode-se, aliás, encontrar retórica entre hindus, chineses, egípcios, sem falar dos hebreus. Apesar disso, em certo sentido, pode-se dizer que a retórica é uma invenção grega tanto quanto a geometria, a tragédia, a filosofia. Em certo sentido e mesmo em dois sentidos. Para começar, os gregos inventaram a

“técnica retórica”, como ensinamento distinto, independente dos conteúdos, que possibilitavam defender qualquer tese. Depois, inventaram a teoria retórica, não mais ensinada como uma habilidade útil, mas como uma reflexão com vistas à compreensão, do mesmo modo como foram eles os primeiros a fazer a teoria da arte, da literatura, da religião. (Reboul,1998:1)

Costuma-se marcar cronologicamente o início dos estudos retóricos no século V a.C. na Sicília grega e por questões judiciais. Os historiadores apontam o nascimento da prática argumentativa pela necessidade de defesa de direitos patrimoniais, sobretudo em litígios que objetivavam a restituição de terras subtraídas por tiranos. Não havendo advogados, era necessário dar aos litigantes recursos verbais que os auxiliassem na defesa de suas demandas. Foi assim que Certo Corax e o seu discípulo Tísias publicaram uma “arte oratória” (Tekhné rhetoriké), coletânea com modelos práticos para orientar as pessoas que necessitavam defender na justiça os seus direitos. Por manter estreito relacionamento com a Sicília, Atenas adotou imediatamente essa prática retórica.

Foi o siciliano Górgias (487 a.C. – 380 a.C.) quem começou a divulgar em diversas regiões da Grécia os rudimentos da arte retórica. O seu grande mérito foi o de recusar o princípio da verdade absoluta, como conhecimento irrefutável, valorizando a possibilidade da construção do verossímil através da linguagem esteticamente organizada. Famoso por proferir discursos elegantes, veiculando frases de efeito elaboradas com recursos rítmicos e figuras de linguagem, Górgias percebeu, então, que o bom manuseio das palavras tinha o poder de encantar e seduzir as pessoas. Era, portanto, uma questão de técnica argumentativa.

Antes de Górgias, os gregos identificavam literatura com poesia cabendo à prosa função menos nobre, ou seja, traduzir a linguagem cotidiana sem brilho, apenas funcional. Górgias surpreendeu os gregos com a novidade da prosa eloquente, construída com figuras, rimas, paronomásias, metáforas, perífrases, recursos estéticos que elevaram a prosa a um patamar de beleza quase tão prestigiado quanto o da poesia.

Entre os seus muitos discípulos estavam Protágoras, Pródicos e Hípias, então considerados sofistas que cumpriam o papel pedagógico de ensinar aos seus alunos as técnicas retóricas para a defesa de quaisquer valores e

situações, não se preocupando, portanto, com a chamada verdade absoluta. Essa forma de pensar causava resistência a muitos gregos, entre eles Platão e Aristóteles, grandes filósofos que não aceitavam essa possibilidade de defesa de qualquer tema. Para Platão, não se poderia defender indiferentemente o justo e o injusto, porque o homem não deveria se afastar dos princípios da Justiça, meta primeira da felicidade humana.

Protágoras, contrariamente, defendia a ideia de que o homem é a medida de todas as coisas. Infere-se daí que tudo passa a ser relativo: as coisas são vistas diferentemente, sendo belas para uns e feias para outros. Cada um com sua verdade, o que significa dizer que não existe a verdade absoluta. É a teoria do relativismo pragmático defendida por Protágoras, cujo princípio básico é a inexistência de uma objetividade comum. Tal modo de pensar justifica plenamente a tese dos sofistas, segundo a qual inexistem temas que não possam ser defendidos, o que libera o processo retórico de se submeter à uma verdade inquestionável, ao belo e ao justo.

Em 384 a.C. nascia em Estagira (atual Stravos) Aristóteles, o grande estudioso da retórica, que repensou totalmente os estudos retóricos até então existentes. Fixou importantes princípios argumentativos, que até hoje embasam as modernas teorias linguísticas. Produziu a famosa Arte Retórica, uma síntese dos princípios retóricos da sua época, evidenciando o poder persuasivo das estratégias argumentativas. Estavam assim lançadas as bases da evolução dos estudos retóricos a serem desenvolvidos no ocidente.

Para Aristóteles, a retórica é uma arte inferior à filosofia e às ciências exatas. Tanto uma quanto a outra atingem as verdades necessárias e só podem ser o que são, verdade única. A retórica cuida do verossímil, ou seja, do que pode acontecer de forma variada, uma “verdade” construída, tudo dependendo da habilidade do retor.

Cícero, célebre orador, nascido em 106 a.C., em Arpino, foi o grande responsável pelo desenvolvimento da retórica latina. Reavaliando a retórica aristotélica, Cícero, em “Do Orador”, explicitou para os romanos todo o encantamento da palavra retórica. Depois de Cícero, a eloquência começa a perder o prestígio conquistado, sobretudo porque já não se dava o devido valor aos debates públicos e até mesmo os exercícios didáticos sobre os

processos retóricos passaram a ser tratados nas escolas de forma artificial, muitas vezes enveredando para aulas de pura declamação.

Na Idade Média, a retórica ocupava lugar de destaque na educação dos jovens e chegou à Idade Moderna ainda com prestígio. Em razão de uma excessiva teorização sobre artifícios e figuras no processo da linguagem persuasiva, a retórica perde espaço novamente. Contra a retórica estava um adversário considerável: o Positivismo, cuja característica básica era a defesa da verdade científica, então necessariamente comprovada. Não havia mais nesse momento histórico lugar para procedimentos meramente opinativos, enunciados destituídos da objetividade racional e científica, defesa do apenas provável. Ao contrário, a valorização estava toda centrada nas premissas universais, racionalmente comprovadas, valores que o processo retórico evidentemente não poderia garantir.

Outro golpe contra a retórica ocorreu com o advento do Romantismo, que não aceitava a possibilidade da defesa de qualquer tema, já que para a estética romântica a sinceridade era valor indisponível. Para os românticos, o caráter confessional no processo de verbalização era essencial.

Em seguida, o racionalismo cartesiano e toda a concepção cientificista em desenvolvimento atingiram o poder e o prestígio da retórica, que perdeu espaço e valor, mas ainda assim manteve-se viva. A partir de 1960, renasce com vigor na Europa, então sob o nome de “Nova Retórica”. Hoje, os estudos retóricos, além de normatizarem os procedimentos verbais do processo persuasivo, cuidam também de oferecer ferramentas técnicas para a interpretação dos textos discursivos. A retórica estendeu, portanto, amplamente o seu campo de atuação para outras áreas da comunicação, influenciando a linguagem publicitária, poética, cinematográfica, musical...

As neoretóricas recuperaram o valor da expressividade da emoção, da dicção subjetiva, do verossímil, não mais se abalando com a pretensão do controle racional e científico que historicamente a atingiu.

Mantendo o Foco

Padre Vieira: o tempo e o amor

“O primeiro remédio é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera! São as afeições como as vidas que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito.

São como as linhas que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso, os antigos sabiamente pintaram o amor menino, porque não há amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afroixa-lhe o arco, com que já não tira, embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda essa diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.” (Padre Vieira: Sermão do Mandato)

• Função referencial da linguagem: Informação

Neste sermão, Padre Vieira fala sobre a ação do tempo sobre todas as coisas, inclusive sobre o amor, enfatizando a efemeridade desse sentimento.

• Função conativa da linguagem: Persuasão

Padre Vieira recorre a diversas estratégias para convencer os ouvintes de que o amor é sentimento frágil e passageiro. Como estratégia principal, recorre à figura de linguagem denominada antítese: oposição de ideias ou de pensamentos. Antiteticamente, Vieira contrapõe “**colunas de mármore**” a “**corações de cera**”. Depois, usando do exemplo das linhas que partem do centro da circunferência, contrapõe a ideia de que quanto “**mais continuadas**”, “**menos unidas**” serão. Finalmente, investe na ideia de que o fato de se “**amar**” é sempre causa do “**não amar**” e o de “**amar muito**” o de “**amar menos**”.

• Função poética da linguagem: A Forma confirma o conteúdo

No sentido de conferir ao discurso maior credibilidade, Vieira trabalha a linguagem de forma poética principalmente através do paralelismo rítmico: “**Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba**”. Personificando o amor na imagem do Cupido, Vieira insiste neste mesmo recurso de persuasão através do efeito rítmico: “**Afroixa-lhe o arco, com que já não tira, embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge**”. Com essa organização frasal, centrada na recorrência rítmica, Vieira trabalha a forma como recurso suplementar do conteúdo da sua mensagem.

3

Como orgAnizAr o disCurso

Teorias e exercÍcios,
concentração e perseverança, assim se faz um orador . Semeia-se; depois,





colhe-se o fruto .

45

Elementos constitutivos do discurso

Diante de um discurso brilhante, encantados com o desempenho retórico do orador, muitas pessoas acreditam, ingenuamente, que o fato de ele não estar lendo o seu discurso significa que esteja criando a sua fala naquele momento, num ato de puro improviso. Engano, o bom orador sabe que, por prudência, deve fugir de toda e qualquer improvisação. Observemos os ensinamentos do grande mestre J. Matoso Câmara Jr. quando discorre sobre essa importante questão.

“Pode parecer à primeira vista que a exposição oral, dada a natureza espontânea da linguagem falada, deva ser um improviso em sentido absoluto, para causar uma boa impressão no auditório. E, com efeito, é fácil perceber como a sensação de improviso é estimulante e capta uma simpatia geral do orador. Ao contrário, o discurso lido, ou evidentemente decorado, tem a vencer, de início, uma instintiva má vontade; e só é bem aceito em casos muito definidos em que a convenção social o impõe. (...)”

Esse sentimento do auditório deve ser levado cuidadosamente em conta pelos expositores, mas nunca desgarrá-los a ponto de se pautarem literalmente por ele. Nenhum grande orador jamais procedeu de tal forma, desde a Antiguidade Clássica, quando a fala em público tinha primacial importância para o político na ágora e para o general no campo de batalha; do gênio da oratória grega Demóstenes, se disse, ainda em seu tempo, que todos os seus discursos cheiravam a azeite de candeia, e ele próprio admitia o que aí se insinuava, retrucando ao crítico malevolente, que tinha fama de ladrão: Para coisa muito diversa te serve a luz da candeia.” (Câmara Jr. 1978:44)

Todo trabalho qualificado requer, portanto, duas fases indispensáveis: planejamento e execução. Com a oratória, vale, evidentemente, o mesmo princípio. É preciso que haja sempre um planejamento do que se vai falar. É nesse momento que o orador organizará a sua linha de raciocínio de forma integral: começo, meio e fim. Igualmente nesse momento definirá suas estratégias discursivas. Sem o devido planejamento, o ato de discursar passa a ser imprudente e compromete a qualidade da peça oratória, quando não expõe ao ridículo o próprio orador. Tecnicamente o discurso é constituído por três partes: o exórdio e a proposição; a exposição: confirmação e refutação e a peroração.

• **Exórdio e Proposição**

A introdução, que, na antiga retórica, recebia o nome de exórdio, cumpre, no modelo clássico do discurso, uma função de um ajuste duplo. Primeiro, ajusta o orador ao auditório; depois, ajusta o auditório ao assunto.

Nesse momento preambular, o orador busca conquistar a simpatia dos seus ouvintes, tecendo elogios à plateia, mostrando-se modesto, delicado, respeitoso. É o primeiro ajuste. Depois, enfatiza a importância do assunto, pois é fundamental despertar o interesse dos ouvintes para o tema sobre o qual vai falar. Evidentemente, espera

-se que o orador, na preparação do seu discurso, já tenha refletido o suficiente e elaborado a competente pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Não se deve falar sobre um assunto que se desconhece. Quem o faz revela irresponsabilidade e imprudência. Quando não se tem o que dizer, o melhor é silenciar-se. Um discurso deve oferecer ao público informações interessantes, frases de efeito estético, citações de frases de celebridades, dados estatísticos, ilustrações históricas, sem o que a peça oratória não atingirá a densidade necessária. É sobretudo por respeito aos ouvintes que o orador deve se preparar criteriosamente para proferir o seu discurso.

Na apresentação do exórdio, o orador precisa ser objetivo, não se alongando além do necessário, pois essa imprudência pode gerar um efeito contrário: o cansaço e até mesmo a irritação dos ouvintes, justamente quando o objetivo era conquistá-los. Não se pode alongar excessivamente nessas considerações introdutórias, pois os ouvintes estão curiosos à espera da

discussão do tema central. O grande orador romano Cícero definia, em “De Oratore”, o exórdio como “a oração que prepara o ânimo do ouvinte para bem receber o discurso”.

A antiga retórica permitia a existência de discursos sem exórdio (ex-abrupto). Cícero nos deixou um célebre exemplo dessa possibilidade na primeira Catilinária, quando de forma surpreendente abriu o seu discurso com uma severa imprecação: “Até quando, ó Catilina, abusarás da nossa paciência...” Nos discursos modernos, a introdução do assunto tem sido contemplada com lances criativos com ótima recepção por parte dos ouvintes, justamente por romper o esquema clássico, já desgastado.

Escolhido o assunto, é preciso fazer a proposição do tema. Dada a amplitude do assunto, o orador deve sempre delimitá-lo, escolhendo um específico ângulo de abordagem. Tecnicamente, dá-se o nome de tema ao assunto delimitado. A título de exemplificação, imaginemos que o orador pretenda discorrer sobre o assunto “corrupção”. Que tema discutir? O orador poderá eleger como tema central do seu discurso a identificação das principais medidas a serem tomadas para combater a corrupção; poderia, ainda, escolher um tema diferente, propondo uma discussão sobre as causas da corrupção, ou mesmo sobre as consequências do mesmo problema; poderia, ainda, optar por um recorte temático de natureza histórica, evidenciando como se deu cronologicamente o desenvolvimento dessa prática criminosa entre nós. Nada impede, também, que se escolham dois ou mais temas para serem tratados num único discurso, mas é preciso considerar que as dificuldades dessa abordagem crescem quanto mais se ampliam os recortes temáticos. Tudo porque o orador deverá desenvolver para cada tema uma tese respectiva e, depois, selecionar os argumentos necessários.

A proposição do tema tem que ser muito bem marcada pelo orador, já que a plateia precisa estar bem informada sobre o que será discutido naquele discurso. Além do que, o tema é o elemento que vai garantir a unidade (coesão e coerência) de todo o discurso. Quando o orador comete a falha de abandonar a proposição fixada, discutindo o que não pertence ao programado, ocorre a chamada “fuga do tema”, vício perturbador da necessária lógica discursiva.

• **Exposição: Confirmação e Refutação**

Essa é a segunda fase do percurso discursivo. Escolhido o assunto e feito o recorte temático, o orador escolherá uma ou mais teses para defender. A tese é um juízo de valor (avaliação positiva ou negativa) que se emite sobre um determinado tema. Considerando-se que todo discurso tem natureza persuasiva, a tese é o coração do discurso, a sua razão de ser. Em última análise, todo discurso é proferido para convencer o público de que aquela tese defendida merece credibilidade. As teses podem, quanto à titularidade, pertencer ao orador ou a terceiros. Quando o orador apresenta uma tese de terceiros, ou seja, uma opinião pertencente a outra pessoa ou a um grupo de pessoas, fica ele obrigado a concordar total ou parcialmente com essa tese (validação total ou parcial da tese de terceiros) ou dela discordar (antítese).

Emitir uma tese, um ponto de vista, um juízo de valor, e não prová-los com recursos argumentativos, equivale a grau zero de persuasão. São, portanto, os argumentos os elementos que confirmam ou não a tese. É argumentando com eficiência que o orador ganha a confiança dos ouvintes, que, persuadidos, passam a concordar com a intencionalidade discursiva.

Contudo, a forma de argumentar tem que ser bastante cuidadosa e, sobretudo, ética. É preciso evitar a arrogância dos chamados “donos da verdade”. É preciso conduzir a linha de raciocínio sem pressa, mas articulando gradativamente as premissas necessárias, uma após a outra, para só depois chegar à conclusão desejada. Não é com desrespeito e, menos ainda, com desprezo para com os argumentos dos nossos adversários que se conquista a benevolência da plateia. O bom orador sabe que argumentar não pode ser um ato impositivo de um determinado ponto de vista, mas um ato ético de reflexão, de análise cuidadosa, gerenciando razão e emoção em doses equilibradas.

O processo de refutação é igualmente importante no processo de convencimento da audiência. O simples fato de se defender uma determinada opinião já indica que outras opiniões contrárias foram preteridas pelo orador. Sabidamente, toda afirmação gera, no exato momento em que é proferida, uma negação correspondente. Marcado um posicionamento ideológico, surge, portanto, a necessidade de se enfrentar as

objeções adversárias. O orador deve refutar as teses e os argumentos contrários respeitando sempre a dignidade do adversário, aduzindo argumentos consistentes, evitando o deboche injustificável. Tanto o processo de confirmação da tese, como o de refutação devem estar ancorados em argumentos competentes e respeitosos.

• **Peroração**

Estando a tese suficientemente argumentada, o orador promove o fechamento do discurso, com a peroração. Para tanto, pode retomar a tese central defendida, que, sendo, agora, reapresentada, depois do processo argumentativo, passa a ter valor persuasivo intensificado. Pode, também, retomar, estrategicamente, argumentos que sejam fundamentais para a sustentação da tese defendida. Muitas vezes, por ser o processo dissertativo de natureza crítica, o orador cuida de se posicionar sobre os problemas discutidos, apresentando, inclusive, sugestões que possam minimizá-los.

Em resumo, neste tópico verificamos que a estrutura clássica do discurso é constituída por três partes:

Momento Inicial:

O exórdio: é a introdução do assunto. Apresenta geralmente estratégias discursivas para conquistar a simpatia dos ouvintes e valorizar o assunto a ser tratado;

A proposição: momento em que o orador propõe o tema, ou seja, delimita o assunto, indicando o que vai ser especificamente discutido. O tema é a problematização do assunto. Se o assunto é, por exemplo, violência, muitos temas poderiam ser sobre ele discutidos. Enumeremos algumas possibilidades: causas da violência urbana; consequências da violência urbana; como combater a violência urbana...

Momento Intermediário:

Exposição da tese: o orador expõe a tese que defenderá sobre o tema fixado. Neste momento deixa claro aos ouvintes qual é a sua opinião sobre o tema em discussão.

Confirmação: é a apresentação dos argumentos confirmadores da tese, momento de dar à tese a devida sustentação argumentativa.

Refutação: é a apresentação dos argumentos de combate à tese e aos argumentos do adversário.

Momento Final:

A **peroração:** é a conclusão da peça discursiva. Retoma as afirmações produzidas nas teses, nos argumentos e, eventualmente, sugere medidas que possam minimizar o problema em discussão.

Análise discursiva: ler e refletir

elementos estruturadores do discurso

Um exercício importante para melhor entendermos o processo organizador de um discurso é detectar, por meio da leitura, os elementos que participam da estrutura textual: o assunto, o tema, a tese, os argumentos e a conclusão. A título de exemplificação, aplicaremos essa técnica num texto famoso do filósofo Bertrand Russel, publicado na obra *Princípios da Reconstrução Social*, em 1916.

O PENSAMENTO

“Os homens temem o pensamento mais do que qualquer outra coisa sobre a terra – mais do que a ruína, mais do que a própria morte. O pensamento é subversivo e revolucionário, destrutivo e terrível; o pensamento é impiedoso com o privilégio, com as instituições estabelecidas e os hábitos cômodos; o pensamento é anárquico e sem lei, indiferente à autoridade, displicente com a comprovada sabedoria dos séculos. O pensamento olha para as profundezas do inferno e não se amedronta. Vê o homem, frágil ponto cercado de insondáveis abismos de silêncio, e ainda assim sustenta-se orgulhosamente, tão impassível como se fosse senhor do universo. O pensamento é grandioso, ágil e livre, a luz do mundo e a principal glória do homem.

Mas se pretendemos que o pensamento se torne propriedade de muitos, e não privilégio de poucos, precisamos eliminar o medo. É o medo que detém os homens – medo de que suas crenças acalentadas se revelem desilusões, medo de que as instituições por que pautam suas vidas se revelem danosas, medo de que eles próprios se revelem menos dignos de respeito do que supunham ser. “Deve o trabalhador pensar livremente sobre a propriedade? Então o que acontecerá a nós, os ricos? Devem os homens, mulheres jovens

pensar livremente sobre sexo? Então, o que será da moralidade? Devem os soldados pensar livremente sobre a guerra? Então, que será da disciplina militar? Fora com o pensamento! Voltemos à obscuridade do preconceito, para que a propriedade, a moral e a guerra não quem em perigo! É melhor que os homens sejam parvos, preguiçosos e oprimidos do que sejam livres seus pensamentos. Pois, se seus pensamentos fossem livres, eles poderiam não pensar como nós. E essa doença deve ser evitada a qualquer preço.” Assim argumentam os opositores do pensamento nas profundezas de suas almas. E assim agem em suas igrejas, suas escolas e suas universidades”.

• O ASSUNTO: O universo da referência

Com facilidade, percebemos que o assunto desse discurso está centrado na palavra-chave: **pensamento** . É a palavra que tem a maior fre

quência estatística no texto por ser a referência em torno da qual a peça discursiva se constrói. Há por parte do enunciador uma preocupação inicial de conceituar o que é o pensamento, daí a presença dominante dos verbos de ligação: o pensamento é isso, o pensamento é aquilo...

Detectada a palavra-chave indicadora do assunto (pensamento), torna-se importante fazer o recorte temático, ou seja, fixar o tema, o que será, enfim, discutido a respeito desse assunto. Tudo porque o assunto “pensamento” é muito amplo, requerendo, portanto, a necessária delimitação para que se entenda, afinal, qual é o tema em discussão.

• O RECORTE TEMÁTICO: Delimitação do assunto

É o tema que demarca os limites da discussão textual. Se considerarmos que o texto discursivo sempre cobra do enunciador um determinado posicionamento ideológico, uma resposta a uma determinada interrogação, diríamos que o tema pode ser entendido como uma indagação a ser respondida pela tese. Nesse discurso, o filósofo faz a seguinte indagação: o que o homem teme mais do que qualquer outra coisa? . Esta interrogação constitui, portanto, o tema discursivo a ser discutido.

• A TESE:A defesa de uma ideia

Detectada a pergunta temática, surge a necessidade de respondê

-la. Essa resposta, como já afirmamos, será o que tecnicamente chamamos de tese. Afinal, escrevemos ou falamos sempre para defender um determinado ponto de vista. Os teóricos da comunicação enfatizam que todo texto tem uma natureza argumentativa, apresentando sempre de forma clara ou velada o propósito da persuasão. No discurso, que estamos analisando, a tese é bastante clara, pois responde à indagação temática: “**os homens temem o pensamento mais do que**

qualquer outra coisa sobre a terra, — mais do que a ruína, mais do que a própria morte”. E, num momento posterior, mais especificamente no

segundo parágrafo, o autor apresenta-nos nova tese com um enunciado adversativo: **“Mas se pretendemos que o pensamento se torne propriedade de muitos, e não privilégio de poucos, precisamos eliminar o medo”**. Em síntese, estamos diante de duas teses adversativas:

Os homens temem o pensamento mais do que tudo,/ mas precisamos eliminar o medo se quisermos democratizar o pensamento.

Detectada as teses, importante é observar como os argumentos foram dispostos para dar a elas a devida sustentação e, assim, garantir-lhes força persuasiva.

• OS ARGUMENTOS: Elementos de sustentação

Um recurso prático bastante utilizado para percepção da carga argumentativa é indagar à tese o porquê daquilo que ela enuncia. Indaguemos, então, por que o homem teme tanto o pensamento? Em resposta a essa primeira tese, teremos os seguintes argumentos: porque o pensamento é subversivo, revolucionário, destrutivo, terrível, impiedoso com o privilégio, com as instituições e com os hábitos cômodos, é anárquico e sem lei, indiferente à autoridade, displicente com a sabedoria dos séculos, com nada se amedronta, é grandioso, ágil e livre, é a luz do mundo, a principal glória do homem.

Essa profusão de adjetivos objetiva persuadir o ouvinte ou o leitor de quão presente e atuante é o pensamento, realidade que justifica plenamente o grande temor que ele suscita entre os homens.

Para comprovar a segunda tese de natureza adversativa, torna-se também necessário captar os argumentos que lhe dão sustentação. Retomemos a tese:

“Mas se pretendemos que o pensamento se torne propriedade de muitos, e não privilégio de poucos, precisamos eliminar o medo”.

A pergunta temática recai no porquê de precisarmos eliminar o medo para democratizarmos o pensamento. Os argumentos prontamente respondem: porque os homens têm medo de que suas crenças se revelem meras decepções, medo de que suas instituições se revelem danosas, medo de que eles mesmos se descubram menos dignos de respeito... Mais ainda: medo de que o trabalhador pense sobre a propriedade, de que homens, mulheres e jovens pensem sobre sexo, de que os soldados pensem sobre a guerra.

Com tais argumentos, também enumerados em profusão, o enunciador evidencia o quanto os homens temem o ato de pensar, pois essa reflexão instaura grave crise na ordem constituída. Retoma-se, assim, a ideia de ser o pensamento um agente revolucionário. Fica explícito nesse esforço argumentativo que o ato de pensar determina mudanças sociais nem sempre desejadas por ameaçar interesses e privilégios, o que, evidentemente, inquieta as classes dominantes.

• **ACONCLUSÃO: Retomada e inferência de ideias**

Toda linha de raciocínio articulada no processo discursivo deve encontrar um fechamento coeso e harmonioso com as ideias até então defendidas e argumentadas. É o que faz o segmento conclusivo. A conclusão retoma, então, opiniões e argumentos e também induz os ouvintes ou leitores a pensarem em conformidade com a tese defendida, coroando, assim, o processo persuasivo. Em face dos perigos e ameaças então desencadeados pelo pensamento, o enunciador não vê outra possibilidade de fechar o seu raciocínio senão denunciando a voz dos privilegiados socialmente que, por interesses óbvios, rejeitam o pensamento:

“Fora com o pensamento! Voltemos à obscuridade do preconceito, para que a propriedade, a moral e a guerra não quem em perigo! É melhor que os homens sejam parvos, preguiçosos e oprimidos do que sejam livres seus pensamentos. Pois, se seus pensamentos fossem livres, eles poderiam não pensar como nós. E essa doença deve ser evitada a qualquer preço.”

De forma surpreendente, o enunciador confirma que essa voz contrária ao ato de pensar não é a sua voz, que esse pensamento não é o seu, mas é a voz dos **“inimigos do pensamento”**, que temem a perda de poder e de privilégios.

”Assim argumentam os opositores do pensamento nas profundezas de suas almas. E assim agem em suas igrejas, suas escolas e suas universidades”.

A genialidade de Bertrand Russel se evidencia ao explicitar que todo esse discurso contra o pensamento ocorre – e só assim poderia ser – “**nas profundezas de suas almas**”, ou seja, os inimigos do pensamento ocultam essa ideologia autoritária na mais funda intimidade. E suas ações de censura ao pensamento, contudo, são exercidas nos seus territórios de dominação: igrejas, escolas e universidades.

Observemos, então, pelo processo decodificador a estrutura organizadora desse discurso:

TESE 1: Assunto: pensamento;

Tema em discussão: o que os homens mais temem na vida?

Tese defendida: Mostrar que os homens autoritários temem o pensamento mais do que qualquer outra coisa no mundo.

TESE 2: Assunto: pensamento;

Tema em discussão: o que é necessário fazer para democratizar o pensamento?

Tese defendida: mostrar que se quisermos democratizar o pensamento, permitindo assim que todos pensem, devemos eliminar o medo de pensar.

Início do discurso: expectativas

Alguém nos é apresentado por um amigo. Nunca antes vimos essa pessoa. Quem é ela? Como se veste? Como fala? O que pensa? Nesse exato momento, começamos a buscar respostas para essas perguntas. Por curiosidade e, até mesmo, por um mecanismo de defesa, precisamos com urgência conhecer quem está ali diante de nós. O mesmo diríamos de um ambiente novo a que tivéssemos acesso. Buscaríamos igualmente avaliar todos os sinais possíveis para dele construirmos a nossa primeira impressão.

Diz o senso comum que a primeira impressão é a que fica. Se ficará ou não, nada podemos garantir porque opiniões e julgamentos sempre podem mudar, mas que a primeira impressão é importantíssima no ato do conhecimento, disso não podemos duvidar. Como seres curiosos que somos,

vamos “lendo” com avidez os primeiros sinais que recebemos do ser ou da situação a ser conhecida. Nosso desejo é sair dessa zona de desconforto que é a situação de ignorância para, então, começar a conhecer aquela pessoa ou aquele lugar que se coloca pela primeira vez diante de nós. Sair do desconhecido para o conhecido é para nós uma necessidade de resgatar o equilíbrio perdido diante da novidade.

Avaliando os primeiros sinais recebidos, chegamos à primeira impressão. É o nosso primeiro julgamento e tão importante ele é, que passamos imediatamente a valorizar ou desvalorizar o que começamos a conhecer. Essa impressão primeira gera uma predisposição de aceitação ou de recusa, de simpatia ou de antipatia, avaliando o que diante de nós se colocou como novidade.

Com o orador que se apresenta pela primeira vez diante de uma plateia curiosa, a situação não foge à regra. Tão logo ele chega ao palco, à tribuna, os olhares ansiosos dos ouvintes começam a lê-lo inteiramente. Está bem vestido? Tem uma fisionomia receptiva? Dá sinais de nervosismo? Tem boa aparência? Como será o seu discurso? Vai ler ou falará de improviso? Será um discurso longo e maçante? Ao mesmo tempo em que essas perguntas dançam nas cabeças das pessoas, as respostas vão se construindo, formando a chamada primeira impressão.

Sabendo que inevitavelmente assim ocorrerá, o orador deve cuidar de oferecer sinais positivos à plateia que o avalia. Vestindo-se com sobriedade, mostrando-se feliz por ali estar, sorrindo moderadamente. O orador prudente faz o que pode para emitir sinais positivos que possam favorecê-lo nesse momento em que se forma a primeira impressão.

Se mal vestido, se desvia timidamente o olhar da plateia, se dá sinais constantes de nervosismo, inequivocamente estará colaborando para que um juízo negativo seja feito da sua imagem e do discurso que passará a proferir. Se essa primeira impressão será ou não confirmada não o sabemos. Contudo, de forma imprudente, o orador tudo fez para que o auditório construísse dele uma imagem negativa. Não lhe será fácil posteriormente reverter a imagem ruim que transmitiu aos ouvintes.

Como enfrentar esse auditório que já está de posse dessa primeira impressão? Nesse momento, uma palavra deve merecer atenção especial: previsibilidade. Se o orador é previsível, ou seja, começa repetindo os modelos convencionais – já conhecidos do público – ele, por nada inovar, assinala negativamente para seus ouvintes que possivelmente a mesmice continuará. Mais um discurso, mais uma mensagem previsível, mais uma situação maçante.

É por essa razão que os estudiosos da linguagem e da textualidade enfatizam a importância da imprevisibilidade. Ao invés de confirmar a expectativa, o caminho sugerido é o de quebrá-la, surpreendendo o auditório com um lance estratégico de criatividade. Fugir do lugar comum, instaurar a surpresa, dar lugar ao diferente, é o que se sugere. Assim agindo, o orador tem tudo para “fisgar” a atenção do público que, curioso, quer saber como esse desafio diferente e instigador vai ser desenvolvido. Claro que para a plateia esse bom começo passa a ser sinal positivo de que todo o discurso poderá ter igual qualidade.

Evidentemente, um discurso pode começar muito bem e acabar muito mal. Mas se começar mal, dificilmente reverterá tal situação. Impactar o público com um início criativo é, sem dúvida, uma sugestão valiosa dos estudiosos da comunicação. No célebre movimento linguístico conhecido como Formalismo Russo (1910 a 1930) e que concedeu importante contribuição aos estudos literários, os especialistas chamaram de estranhamento (*literaturnost*) a esse fenômeno de romper com o convencional, com a forma que, pelo cansaço do uso, banalizou-se, perdendo a força de encantamento. Ser “estranho” é, portanto, desejável como forma de estratégia comunicativa. Um exemplo clássico dessa produtiva e estranha forma de começar um texto está no romance *Metamorfose*, de Franz Kafka: um pacato cidadão se vê repentinamente transformado numa barata. Em *O Estrangeiro*, de Albert Camus, uma frase inicial mostra, igualmente, toda a força criativa e instigadora do início impactante: “Hoje mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei”.

Todos sabemos que o discurso retórico tem predominante natureza dissertativa: o orador opina sobre um determinado tema para depois comprová-lo com a devida sustentação argumentativa. Embora seja essa a

forma dominante, por que não começar diferente? Com uma narração ou uma descrição por exemplo. Por que não começar pelo texto figurativo no lugar do previsível texto temático? Nesse caso, a narrativa teria a função de ilustrar o tema em discussão. Se, por exemplo, pretendêssemos defender a ideia de que uma situação ruim pode sempre se tornar pior, o espetacular e sintético “Conto com Letras Garrafais”, de Marina Colassanti, seria bastante oportuno:

“Todos os dias esvaziava uma garrafa, colocava dentro sua mensagem, e a entregava ao mar. Nunca recebeu resposta. Mas tornou-se alcoólatra.”

Outra forma de surpreender a expectativa dos ouvintes, tanto quanto dos leitores, é contrariar as “verdades” do senso comum, ou seja, as opiniões dominantes da sociedade – que os gregos chamavam de dóxa. Imaginemos que um orador, tendo que falar sobre a violência machista contra as mulheres começasse, estrategicamente, a sua fala mais ou menos assim:

“Sem dúvida alguma, a mulher que trai o seu parceiro dá causa aos crimes que contra ela possam ser cometidos”.

E depois dessa provocação, arrematasse:

“Assim pensam as cabeças doentias desses machistas covardes!”

Quebrar expectativas é recurso valioso como forma de captar e motivar a atenção dos ouvintes. Os retóricos atenienses sabendo da importância renovadora desse processo de ruptura exigiam de seus alunos que discursassem na contramão, ou seja, defendessem teses que contrariassem as ideias dominantes na sociedade. Eram os antimodelos que lhes ensejavam o desafio de contestar as “verdades” então estabelecidas.

Muitas vezes o orador, fugindo do padrão de previsibilidade, inicia o discurso explorando a curiosidade do auditório através do recurso do suspense. É o que faz Frei Palhares na proposição do tema desse discurso:

“Amados irmãos, venho hoje a este púlpito falar contra um crime, que tem coberto e inundado toda a terra, todo o mundo como um dilúvio. Crime cometido pelos grandes, pelos pequenos, pelos pobres, pelos ricos, pelos escravos, pelos senhores, pelos doutos, pelos ignorantes, velhos e novos, sacerdotes e seculares, libertinos e devotos. Crime em que todas as gentes

estão acostumadas a cair por hábito, que já não são precisos inimigos tentadores, nem carne, nem demônio. Crime que ataca e rompe em seu princípio, em sua raiz, os sacrossantos laços da caridade, que é todo o fundamento da nossa religião e que ataca com injustiças os mais estimáveis bens, os bens de mais alta hierarquia que os bens do mundo, que possui o nosso próximo. Não é da soberba que eu hoje venho falar -vos, nem da avareza, nem da ira, nem da gula, nem da inveja, nem da preguiça; mas venho falar-vos da filha amaldiçoada de quase todos estes crimes, que é a murmuração. “

Essa proposição temática pelo suspense é uma forma criativa de iniciar a peça discursiva. Frei Palhares, ao proferi-la, dá-nos uma aula de como fazê-lo.

Ao anunciar o assunto de que falará não o nomeia, apenas o inclui no gênero da criminalidade. Falará de um crime que afeta todas as pessoas e todos os lugares. Para mostrar a universalidade deste crime faz oportuna e inteligente enumeração de antíteses: grandes x pequenos, pobres x ricos, servos x senhores, x doutos x ignorantes... A causalidade desse crime é a pior possível, já que não é induzido pelos “inimigos tentadores, nem carne, nem mundo, nem demônio”, mas tão somente pelo “hábito”. Em seguida, aponta o objeto lesado por tal crime: “os sacrossantos laços da caridade”, os bens mais estimados deste mundo. Pela negação, o orador aumenta o suspense sobre o assunto a ser tratado nessa sua fala:

“Não é da soberba que eu hoje venho falar-vos, nem da avareza, nem da ira, nem da gula, nem da inveja, nem da preguiça; mas venho falar-vos da filha amaldiçoada de quase todos estes crimes, que é a murmuração.”

Agora sim, o assunto sobre o qual vai discorrer ganha a definição e a clareza necessárias. Falará o orador sobre a murmuração, ou seja, a prática da maledicência por aqueles que se comprazem em agredir e depreciar a vida alheia. São os invejosos, os caluniadores, os difamadores.

Hoje, os estudos da Nova Retórica, na Bélgica, resgataram esse salutar princípio de romper as expectativas instaurando a imprevisibilidade. Recebendo a contribuição teórica da Linguística, da Semiótica, da Análise do Discurso e da Teoria Literária, os novos retóricos têm evidenciado que a

linguagem também envelhece pelo uso e, como tal, perde a força de sedução, de encantamento. Fugir das formas estabelecidas e previsíveis para propor a linguagem nova, a visão renovadora, é estratégia que os oradores não devem, portanto, desprezar.

Alberto Caeiro, heterônimo do poeta Fernando Pessoa, mostra -nos nestes versos a dificuldade e a necessidade de fugir do peso das ideias estabelecidas. Por isso, a originalidade requerida pela arte exige sempre do criador esse exercício de romper com o aprendido.

“Procuro despir-me do que aprendi.

Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos. Desencaixotar minhas emoções verdadeiras,

desembrulhar-me e ser eu, não o Alberto Caeiro, mas um animal humano que a natureza produziu. Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!), Isso exige um estudo profundo, Uma maneira de desaprender...”

A estratégia da tese de adesão inicial

Outra forma interessante de se iniciar o discurso é por meio da chamada tese de adesão inicial. Primeiro, o orador estrategicamente defende uma tese de fácil aceitação pelo auditório para, em seguida, colocar a tese principal, cuja aceitação é sempre mais difícil, exigindo, inclusive, suporte argumentativo eficiente. Essa estratégia discursiva está embasada no princípio de que o orador deve buscar inicialmente um ajuste de ideias com o auditório, o que lhe pavimentará o caminho para a apresentação da tese central. Ir “direto ao ponto” é sempre procedimento arriscado pelo simples fato de não se preparar devidamente a audiência para o ponto de vista a se defender.

A tese de adesão inicial recorre a valores amplamente aceitos pela comunidade social, fato que confere vantagem importante no processo de persuasão. Bernard Meyer, na obra “A Arte de Argumentar” acentua a importância da utilização desses valores:

“Cada um de nós dispõe de um conjunto de valores, implícitos ou explícitos, que justificam nossos comportamentos e lhes dão coerência. Mas

além da personalidade individual, existem valores que, numa sociedade, costumam ser admitidos por quase toda a população. Nos campos ideológicos ou políticos, é quase certo que a palavra “tolerância” é sentida como um valor profundo de nossa sociedade por todos os nossos concidadãos. (...) A vantagem é dupla: não só, como vimos, essas normas são a priori compartilhadas pela sociedade, portanto pelo público ao qual o argumentador se dirige, mas, principalmente, não exigem nenhuma demonstração. Como elas se impõem, por si mesmas, porque implicitamente admitidas, evitam uma vez mais a obrigação de justificar o ponto de vista com um raciocínio. O locutor aposta na força intrínseca delas e em sua aceitação implícita e quase automática pelo público que deve ser convencido...” (Meyer, 2008: 222/ 223)

Em “ **Profetas e Padres** ”, Erich Fromm nos dá um bom exemplo da utilização da tese de adesão inicial. Defende, primeiramente, a ideia de que, embora tenhamos hoje, mais do que em qualquer época, amplos recursos de divulgação informativa, as ideias não encontram a mesma aceitação e eficácia de antes. Evidentemente, os leitores ou os ouvintes logo reconhecem o fato incontestável de vivermos num mundo de ampla divulgação de ideias e, ao mesmo tempo, sabem que existe, hoje, uma crise de confiança na palavra, no discurso dos homens.

Partindo do pressuposto de que o caminho está preparado pelo ajuste entre emissão e recepção textual, Fromm passa a defender a sua tese principal, explicitando por que a palavra tão difundida não encontra hoje a necessária aceitação. Observemos como a tese de adesão inicial prepara o leitor para a introdução da tese central.

- **Tese de adesão inicial:**

Pode-se dizer sem exagero que nunca o conhecimento das grandes ideias produzidas pela raça humana esteve tão difundido pelo mundo quanto hoje. E que nunca essas ideias foram menos eficazes do que são hoje. As ideias de Platão e de Aristóteles, dos profetas e de Cristo, de Spinoza e de Kant são familiares a milhões de pessoas das classes instruídas da Europa e da América. São ensinadas em milhares de instituições de ensino superior e algumas delas são pregadas por toda a parte, em igrejas de todos os credos. Como se pode explicar essa discrepância?

- **Tese central:**

As ideias não influenciam o homem profundamente quando são apenas ensinadas como ideias e pensamentos. O simples travar conhecimento com outras ideias não é o bastante, embora essas ideias, em si mesmas, sejam corretas e poderosas. Mas as ideias só têm, realmente, um efeito sobre o homem quando são vividas por aquele que as ensina, quando são personificadas pelo professor, quando a ideia aparece encarnada.

- **Argumento por exemplificação:**

Se um homem expressa a ideia de humildade e é humilde, aqueles que o escutam compreenderão o que é humildade. Não apenas compreenderão, como também acreditarão que ele está falando de uma realidade e não apenas proferindo palavras.

Esse excerto pode, então ser assim, decodificado:

Assunto: o conhecimento das grandes ideias;

Tema: por que as ideias, hoje tão amplamente difundidas, não têm a mesma aceitação que tinham no passado?

Tese central: As ideias só influenciam verdadeiramente os homens quando são realmente vividas por aqueles que as pregam.

O Discurso Narrativo: efeito surpreendente

O ato de contar histórias sempre prendeu a atenção dos ouvintes e leitores. Os homens das cavernas reuniam-se ao redor das fogueiras para ouvir relatos de caçadas e de outras aventuras do cotidiano. As crianças sempre preferiram ouvir histórias a quaisquer outras brincadeiras. Cinema, televisão, literatura também se valem dessa necessidade de fantasia para vender os seus produtos ficcionais. A verdade é que o homem tem uma necessidade vital de consumir ficção. Tudo porque a narrativa cumpre uma função de espelho, colocando-nos diante de uma realidade que, embora inventada, identifica-se com a nossa vivência cotidiana. Colocamo-nos no lugar das personagens, vivemos os seus problemas, nutrimos por elas forte afinidade ou rejeição numa experiência que nos realiza afetiva e racionalmente.

Esse encanto que a narrativa produz nas pessoas pode ser uma opção interessante para iniciar um discurso. Primeiro, por quebrar a expectativa do ouvinte que espera do orador as formas convencionais de introdução do discurso. Segundo, porque a trama da história tem esse poder de sedução a que já nos referimos.

Para que o orador tenha condições técnicas de começar um discurso contando uma história, é necessário que conheça o processo que estrutura essa modalidade discursiva. Um esquema didático bastante eficiente ensina-nos que a história deve começar por uma fase inicial de equilíbrio. Nesse momento inicial, tudo está transcorrendo de forma tranquila para a personagem central da história. Para que a história passe a despertar o interesse do leitor ou do ouvinte é necessário que essa fase de equilíbrio ceda lugar a uma fase de desequilíbrio. Isso acontece quando alguma coisa ocorre perturbando o momento inicial de tranquilidade. Surge, então, a terceira fase, que é da cogitação: a personagem em desequilíbrio se vê na necessidade de planejar uma forma de recuperar o equilíbrio perdido. Dessa fase de cogitação, passará à execução do que fora planejado, concretizando, assim, a quarta fase. Aqui temos o clímax da narrativa: a personagem terá sucesso no ato recuperador do equilíbrio? Dependendo da eficiência da ação realizada, teremos o resultado que pode ser a recuperação do equilíbrio (final feliz) ou a manutenção do desequilíbrio (final infeliz) constituindo a quinta e última fase da estrutura narrativa. Em síntese, são estas as fases articuladoras do processo narrativo:

- 1. Equilíbrio:** tudo bem;
- 2. Desequilíbrio:** algo acontece;
- 3. Cogitação:** o que fazer?
- 4. Execução:** algo é feito;
- 5. Resultado:** positivo ou negativo.

Com o intuito de exemplificação didática, vamos nos valer de uma narrativa curta e bastante criativa do genial Luis Fernando Veríssimo. Observemos, então, como essas fases se articulam para estruturar a história.

O PNEU FURADO

“O carro estava encostado no meio fio com um pneu furado. De pé ao lado do carro, olhando desconsoladamente para o pneu, uma moça muito bonitinha. Tão bonitinha que atrás parou outro carro e dele desceu um homem dizendo: “Pode deixar...” ele trocaria o pneu. “Você tem macaco?” — ele perguntou. “Não” — respondeu a moça. “Tudo bem eu tenho” — disse o homem. “E estepe você tem?” “Não”, disse a moça. “Vamos usar o meu” — disse o homem. E pôs-se a trabalhar, trocando o pneu, sob o olhar da moça. Terminou no momento em que chegava o ônibus que a moça estava esperando. Ele ficou ali, suando, de boca aberta, vendo o ônibus se afastar. Dali a pouco, chegou o dono do carro. “Puxa, você trocou o pneu pra mim. Muito obrigado”. Sem graça, respondeu: “É... é eu não posso ver pneu furado. Tenho de trocar”. O dono do carro disse com espanto: “Que coisa estranha!” “É uma compulsão sei lá”, disse o outro, com cara de idiota.”

Estrutura narrativa:

Fase de equilíbrio: a personagem dirigia normalmente o seu carro;

Fase de desequilíbrio: avistou uma moça bonitinha, olhando tristemente para o pneu furado do carro;

Cogitação: diante do problema, a personagem logo pensou em ajudá-la;

Execução: usando o próprio macaco e o próprio estepe, ele acreditou ter resolvido o problema da moça bonitinha.

Resultado: a história termina negativamente, pois o carro não pertencia à moça. Ela apenas esperava pelo ônibus, que, chegando, levou-a ao seu destino.

Cumprindo a função básica de todo texto, que é a busca da persuasão, a narrativa acaba por defender uma tese que se encontra subjacente ao revestimento figurativo: diante de uma mulher bonita, os homens sempre se mostram solícitos, dispostos a ajudá-la. Mas não nos esqueçamos do detalhe: a mulher tem que ser, no mínimo, bonitinha. Como uma das principais funções da narrativa literária é a de denunciar o ridículo do comportamento humano, Luis Fernando Veríssimo, com a sua maestria costumeira, deixa-nos a imagem final desse homem idiota, que, traído pela precipitação, tem que se explicar ao proprietário do carro, então surpreendido com tanta gentileza.

Análise discursiva: ler e refletir

a PalaVra imPotente

Um cego de nascença vivia apenas com o pai que, diante das limitações do lho, sempre se mostrava amoroso e paciente na tentativa de ajudá-lo na resolução dos problemas. Assim, viviam bem e unidos, enfrentando as dificuldades cotidianas. Contudo, por ser muito Inteligente e sensível, o lho observou que a cor branca estava culturalmente associada a valores positivos: a paz, a pureza, a virgindade e tantos outros valores eram assim sinalizados com a cor branca. Diante dessa constatação o lho indagou ao pai: “Pai, o que é o branco?”

como o leite que havia na tigela que ele segurava. O lho então tocou o leite com os dedos e arriscou: “Então, meu pai, o branco é líquido?”

O pai tentou responder, mas percebeu que as palavras não o ajudavam nessa tarefa, que então reconhecia como extremamente difícil. Depois dos insucessos iniciais, percebeu que o lho estava encostado numa parede branca com uma tigela branca de leite. Entendeu que essa coincidência poderia ajudá-lo na resposta ao lho cego. “Meu lho, branca é a parede em que você está encostado.” Passando a mão sobre a parede, o lho concluiu: “Então, meu pai, o branco é áspero?” O pai, decepcionado, disse ao lho que o branco não era áspero, mas era exatamente como a tigela que ele segurava. “Ah... então o branco é liso” – respondeu o lho. Ainda na esperança de dar ao lho cego a melhor explicação, o pai respondeu-lhe que o branco não era liso, mas era

Frustrado por não conseguir dar ao lho a melhor explicação, o pai só pôde concluir que o branco não era áspero, nem liso, nem líquido, pois era inde nível.

Como toda narrativa, essa história está centrada numa antítese de base: desconhecimento x conhecimento. Parte de um estado inicial de desconhecimento (não saber o que é a cor branca) e se movimenta para atingir um estado final de conhecimento (saber o que é uma cor branca). Esse momento inicial de desconhecimento corresponde ao momento de desequilíbrio. O momento final seria de equilíbrio, se o pai conseguisse levar o filho à situação de conhecimento, fato que não ocorreu.

Toda narrativa traz uma situação de desequilíbrio, daí a necessidade de um projeto de superação dessa dificuldade. Nessa história, o projeto não se realiza porque as ações produzidas pelo pai não foram eficientes para produzir o estado final de superação desejado. É, portanto, uma história de final infeliz. A narrativa não consegue promover a mudança de estado desejada: o estado inicial de desconhecimento, como elemento, negativo e limitador, assim permanece em razão do fracasso do pai. Observemos como o roteiro está estruturado:

- 1. Fase de equilíbrio:** pai e filho viviam bem apesar das dificuldades impostas pela cegueira;
- 2. Fase de desequilíbrio:** o filho deseja saber do pai o que é a cor branca;
- 3. Cogitação:** o pai procura uma explicação para ajudar o filho;
- 4. Execução:** o pai tenta, por três vezes, ajudar o filho, valendo-se da cor branca da parede, da tigela e do leite;
- 5. Resultado:** o pai reconhece a impossibilidade de transpor a dificuldade. Essa é, portanto, uma história de resultado negativo, uma história de final infeliz.

Todo texto, como já afirmamos, é produzido com finalidade persuasiva. Há sempre um objetivo de convencimento no ato enunciatório. Falamos e escrevemos para persuadir. No texto dissertativo, a tese defendida é geralmente explícita, revelando claramente ao ouvinte ou ao leitor que ponto de vista está sendo defendido pelo enunciador. Nas narrativas, a tese não se apresenta de forma clara e explícita, mas de forma subjacente, exigindo do ouvinte ou do leitor um exercício de abstração para entender a intencionalidade do ato enunciatório. Qual seria, então, a intencionalidade do enunciador ao produzir essa narrativa? Que leituras podem ser feitas para captar-lhe a intenção persuasiva? Que tese ou teses essa história se presta a defender?

O texto narrativo em análise, é um texto polifônico, ou seja, possibilita múltiplas leituras, desde que justificadas pelo contexto organizador da própria narrativa. Nesse sentido, pode-se defender que, entre outras possibilidades interpretativas, a narrativa tem, como tese subjacente, o seguinte entendimento: nem sempre as palavras cumprem a sua natural função de explicar, traduzir, conceituar.

Mantendo o Foco

leitura estrutural de duas narrativas:

Narrativa 1:

“Numa reunião escolar, a diretora falava aos pais sobre a importância de se fazerem mais presentes na vida de seus filhos. Dizia ela que os pais preci-

savam dialogar mais com as crianças, dedicando-lhes mais tempo para esse convívio necessário ao melhor desenvolvimento emocional das crianças. Sem a presença física do pai junto aos filhos, todas as portas para inúmeras desgraças estariam abertas. Nada justo, portanto, a condição de pai ausente. Em seguida, a diretora indagou se havia ali algum pai que não estivesse cumprindo esse importante dever de convivência afetiva com o filho.

Foi então que um homem de aparência humilde confessou não estar cumprindo esse dever de pai. Alegou que, em razão do trabalho e das dificuldades de transporte, saía de casa ainda de madrugada, quando o filho dormia, e só retornava muito tarde da noite, quando o filho já havia dormido.

A diretora disse a esse pai que reconhecia as dificuldades que ele tinha, mas asseverou que nada poderia ser mais importante do que a convivência afetiva entre pais e filhos. Não estaria ele, então, em dívida para com o seu filho? Como viver sem dar ao filho o carinho e a afetividade necessários? Como ser, assim, um pai tão ausente?

O pobre homem reconheceu que gostaria sim de estar mais presente na vida do filho, mas não aceitava ser considerado um pai ausente. Como não, se não tinha nenhum contato com o filho? – indagou a diretora. O pai então lhe respondeu: “Em todas as madrugadas, minha senhora, quando saio para o trabalho, eu dou um nó no lençol da cama do meu filho. Assim, quando ele acorda, sabe que eu estive ali, ajoelhado para beijá-lo e abençoá-lo. Foi o que combinei com ele. E é isso que eu faço todos os dias.” **Execução:** a diretora faz publicamente a repreensão cogitada;

Estrutura narrativa 1:

Equilíbrio: diretora da escola censurava os pais ausentes, aqueles que não convivem com os filhos de uma forma satisfatória;

Desequilíbrio: um pai confessa ser um deles, pois em razão do trabalho não consegue manter tal convivência;

Cogitação: a diretora se vê, então, na necessidade de repreendê-lo por tal comportamento;

Resultado negativo: a repreensão não é cabível: o pai mostra que criara um jeito especial de comunicar-se diariamente com o filho.

Narrativa 2:

Um homem, felizardo, encontrou uma garrafa onde morava um gênio. Libertado de sua prisão, o gênio lhe disse:

— Tenho o poder de torná-lo feliz. Atenderei a todos os seus pedidos sem nenhum limite!

Tomado por uma onda de felicidade, o homem começou a imaginar todas aquelas coisas com que sempre sonhara e que nunca imaginara ter. Coisas que o tornariam feliz para sempre! E os seus olhos brilhavam ao contemplar os objetos dos seus desejos: casas em lugares paradisíacos, viagens por países longínquos, banquetes com comidas exóticas, carros, iates, aviões, lindas mulheres que o amariam com amor terno e el, um corpo eternamente jovem, belo e potente... Ah! O que ele imaginava estava além de tudo o que sonhara, e agora seus olhos deslumbrados se deleitavam nos objetos que o tornariam feliz. Estava pronto a transformar seus sonhos em realidade e felicidade.

— Vou dizer o que desejo. — disse ao gênio.

— Há apenas um pequeno detalhe, insigne cante, que é preciso esclarecer. — o gênio acrescentou.

— Pois diga! — replicou o homem.

É que tudo o que você tiver, seu pior inimigo terá em dobro...

Ao ouvir essas palavras, uma perversa metamorfose aconteceu com seus olhos. Seu deleite tranquilo nos objetos do seu desejo se transformou num movimento aito entre o que o gênio lhe daria – até aquele momento muito mais do que tudo com que jamais sonhara, mais que su ciente para a sua felicidade – e aquilo que seria dado ao seu pior inimigo. E, quando seus olhos contemplavam o que ele teria, como ele se sentia pobre e desgraçado! A visão da felicidade do outro estragara, para sempre, a sua própria felicidade.

— Já sei o que quero pedir.— disse ele nalmente ao gênio.

— Pois faça o seu pedido. — o gênio replicou.

— Me fure um olho!”

(Alves, 2002:24/25)

Estrutura narrativa 2:

Equilíbrio: tudo estava bem até o momento em que o homem se preparava para fazer os pedidos ao gênio;

Desequilíbrio: o gênio diz que há uma condição para realização dos seus desejos: daria tudo em dobro para o seu pior inimigo;

Cogitação: o homem precisa decidir-se se aceita ou não a condição;

Execução: muda os seus desejos por outro: ter um olho furado pelo gênio;

Resultados: negativo por não mais receber todos os objetos de desejo sonhados e ainda por ter um olho furado; positivo porque consegue causar cegueira total ao seu inimigo.

O Discurso Descritivo: Estesia e Emoção

Não deve o orador falar apenas à inteligência dos ouvintes. Ainda que a persuasão pelo caminho lógico seja uma das metas de todo discurso, não

deve o orador apenas desenvolver as habilidades do raciocínio para o propósito do convencimento. Ao estabelecer premissas e delas inferir conclusões, ao selecionar argumentos que darão a devida sustentação à tese defendida, ao estabelecer silogismos estratégicos que conduzam o pensamento do auditório, o orador explora o caminho da razão, do *logos*. Ainda que reconheçamos a grande importância da razão persuasiva, há outra dimensão que deve sempre merecer a atenção dos oradores: falar à emoção, tocar a sensibilidade dos ouvintes.

Até o século VI a.C, *logos* significava palavra ou verbo. Posteriormente nos estudos filosóficos e retóricos passou a designar o uso da razão. Tão importante quanto falar à razão é falar à sensibilidade, o que pode ser feito através da linguagem emotiva ou patética. O **pathos** diz respeito a essa área da afetividade, uma espécie de racionalidade emotiva que se processa quando o orador expressa o belo, o estético, por meio da beleza formal da linguagem – ritmo, rimas, gradações tonais, paralelismos sintáticos – e pelas imagens que cria através da linguagem figurada ou metafórica.

Daí a importância retórica da linguagem descritiva. A descrição é um relato figurativo no qual são apresentados atributos de uma pessoa, de um objeto, de um ambiente ou situação num certo momento estático de tempo. Enquanto o processo narrativo é comandado pelo tempo cronológico que avança acompanhando a sequência das ações, a descrição apresenta os fatos e as ações como se fossem concomitantes, ou seja, como se tudo acontecesse num momento estático de tempo. Não há, portanto no texto descritivo progressividade de ações, situação esta que permite ao descritor ficar livre do princípio de anterioridade e posterioridade, podendo alterar como quiser a ordem de apresentação dos enunciados descritivos. Observemos:

“O relógio acusava 19 horas. O bar, como de costume, repleto. Jovens, moças e moços, conversavam em voz cada vez mais alta, tentando vencer o eco perturbador do vozerio crescente. Os garçons, equilibristas de bandejas, esgueiravam-se com singular perícia entre as mesas, lidando com a impaciência dos pedidos. As mesas, muito próximas, revelavam, entre uma profusão de copos e garrafas, a alegria etílica que começava a

se soltar. Não cabia mais nenhum mortal naquele tumulto sonoro, fato que não impedia a chegada teimosa de pessoas e mais pessoas.”

Como podemos observar o texto descritivo relata também ações, movimentos. Contudo, recorre ao artifício da concomitância: tudo parece acontecer num momento estático de tempo (às 19 horas) e tais ações podem ter a ordem de apresentação modificada sem prejudicar a coerência textual. Se acrescentássemos um fato que fugisse da concomitância das ações, inaugurando um novo momento, teríamos o início da progressividade das ações, portanto o início do processo narrativo. Consideremos essa possibilidade, imaginando que o texto descritivo apresentado trouxesse no seu final uma ação ou fato posterior ao então relatado:

“De repente, por força de um blecaute o bar mergulhou-se numa profunda e vaiada escuridão.”

Esse último enunciado estaria assim começando o processo narrativo por ter instaurado o princípio narrativo da progressividade das ações.

É também pela descrição que o orador torna o seu discurso intenso, expressivo, ativando as paixões dos ouvintes (pathos), evidenciando o princípio retórico de que não se deve falar só à inteligência, mas também à sensibilidade dos ouvintes. Um bom orador é formado pela leitura constante dos clássicos. É visitando as páginas imortais dos grandes autores, que se aprendem muitos dos recursos estéticos para comover os ouvintes. A literatura sempre foi e será sempre reduto de visitas frequentes e obrigatórias àqueles que querem falar e comover pela arte da palavra estética.

Eça de Queiroz, em *A cidade e as Serras*, consegue com genialidade descrever uma cena de natureza, em que a vida explode com vitalidade tanto graciosa quanto poderosa:

“Por toda parte a água sussurrante, a água fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, dentre as patas da égua e do burro; grossos ribeiros saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta à beira das veredas, jorrava por uma bica, benéficamente à espera dos homens e dos gados...”

Eça anuncia com expressiva síntese o que vai descrever: água sussurrante e água fecundante por toda a parte. Musicalidade e vida em fecundação. A água, referência do processo descritivo, é figurativizada primeiramente num quadro de graça infantil: os espertos regatinhos, como se crianças fossem, correm, rindo com as pedras, por entre as patas da égua e do burro. Depois, essa “água-criança” é retratada já na forma adulta como “grossos ribeiros” saltando com força ruidosa de pedra em pedra. Para ativar todo um processo de sinestesia, Eça recorre ainda ao brilho faiscante das águas, que graciosamente despencam como fios de prata das alturas, precipitando-se contra os barrancos. E finalmente para retomar o poder fecundante das águas, desenha magistralmente a presença de bicas jorantes que, à beira das veredas, ficam pacientemente esperando homens e gados para saciar-lhes a sede.

Toda essa trama de ações, de quadros figurativos, geram a sensação de estarmos “vendo” a magia da vida explodindo em graça e fecundação. Tudo acontece num único momento – tempo estático— como se todos os sinais de manifestação dessa natureza anímica ocorressem ao mesmo tempo.

Há discursos inesquecíveis em que o processo descritivo cria linhas de sentido bastante adequadas e expressivas. Tocando a sensibilidade dos ouvintes, o grande orador constrói a seu favor efeitos competentes de convencimento e de persuasão. Foi o que fez Coelho Neto em “O Panegírico de Rui Barbosa”. Para homenageá-lo, Coelho Neto descreve, em discurso memorável, o quanto eram eloquentes os discursos de Rui, explorando a figura do alimento, que revitaliza tanto o corpo quanto a alma.

“Ei-lo aí. Não ostenta a pujança de um carvalho, não se impõe pelo vulto, pela força, pela fronde, como o cedro: é débil, vale tanto como a palhinha triga. E trigo é.

E por que é trigo? Por ser forte. O trigo alimenta, duas vezes: sustenta o corpo, se é pão; fortalece a alma, se é a Fé que nos eleva em voo ao céu. Come-se o pão e o trigo nutre; comunga-se a hóstia e o trigo salva.

O cedro é árvore, o carvalho é árvore, o jequitibá é árvore, o trigo é uma gramínea flébil – dir-se-á um pálido raio de sol saído da terra outoniça, um

filho de luz à flor dos campos. É o sol porque nos conforta – aquece-nos, dando-nos vitalidade ao sangue e conforta-nos quando recebemos a comunhão.

Que vale a árvore com a sua aparência robusta, grossa, frondosa, espalhada em raízes? É lenho que o tempo pui; que o caruncho carcome, que o fogo reduz a cinzas; e o trigo? primeiro nos alimenta na vida, leva-nos depois da morte à Eternidade e é o pão do todo sempre. (...) Pequenino é ele, uma moeda de resgate, e opõe-se a todo inferno; delgado, resiste a todos os botes; friável, não cede aos ferros ígneos das legiões e é trigo. Assim a fragilidade é força quando nela assiste o espírito divino. Tal é esse homem. (...)

Eis o que faz o trigo frágil, quando cheio de gênio, que é a força que se multiplica. Hoje começa o teu tríduo com esta festa ao sol, diante de Deus e dos homens. Sê louvado e bendito, Homem trigo, Homem onipotente, raio de sol na terra, esplendor e auréola da Pátria.”

Com grande eloquência, Coelho Neto vale-se da pequena estatura do nosso genial Rui Barbosa para descrevê-lo como “palhinha triga” em oposição aos enormes e pujantes carvalhos e cedros. O que têm de força e robustez essas árvores imponentes, tem de falsa fragilidade o trigo, “gramínea flébil”. Eis a bela antítese que sustenta toda a estrutura do discurso descritivo. A figura do alimento autoriza-nos a ver no texto a oratória do grande Rui como alimento espiritual, energia divina que a tudo enfrenta e supera.

Mantendo o Foco

leitura de texto descritivo

Frederico Garcia Lorca, com sua sensibilidade e talento raros, oferece-nos um expressivo exemplo de técnica descritiva ao retratar a cena de um jardim sem vida, envolto num cenário de desolação e de tristeza. Para entendermos um pouco o mais o processo descritivo, recurso dos mais valiosos à disposição de oradores sensíveis, observemos alguns detalhes técnicos do processo descritivo.

JARDIM MORTO

Cai chuvosa a manhã sobre o jardim... No nal duma ladeira lamosa e junto a uma cruz, verde e negra de umidade, está a porta de madeira carcomida que dá entrada ao recinto abandonado. Mais além há uma ponte de pedra

cinzenta e na distância brumosa uma montanha nevada. No fundo do vale e entre penhas corre o rio manso cantarolando sua velha canção.

Em um nicho negro que há junto à porta, dois velhos com capas rasgadas aquecem-se ao lume de uns tições mal acesos... O interior do recinto é angustioso e desolado. A chuva acentua ainda mais esta impressão. Escorrega-se com facilidade. No chão, há cruzados de gretas enormes, pelas quais saem as lagartixas, que passeiam formando com seus corpos arabescos indecifráveis. No fundo há um resto de claustro, com heras e

ores secas, com as colunas inclinadas. Nas fendas das pedras desmoronadas há ores amarelas cheias de gotas de chuva; nos chãos há charcos de umidade entre as ervas(...)

A chuva aumenta e cai sobre o jardim produzindo ruído surdo e apagado... Umas folhas grandes estremecem suavemente e entre elas assoma com sua cabeça achatada um grande lagarto... que sai correndo a esconder-se entre umas pedras. Deixa a cauda de fora e depois se introduz de todo... As ervas que o peso do lagarto inclinou voltam preguiçosamente a ocupar sua primitiva posição... Com o vento, todas as ores amarelas tremem e se sacodem da água que têm entre suas pétalas... Há caramujos pregados aos muros... O tempo foi desapiedado para com este jardim: secou seus rosais e cinamomos e, em troca, deu vida a plantas traidoras e mal olentes...

Não para a chuva de cair.
(LORCA, 1975:18/19)

- **O processo descritivo**

É descritivo por apresentar um recorte da realidade por meio de figuras (elementos concretos) em processo enumerativo sem observar o princípio de causalidade, ou seja, todas as ocorrências são apresentadas como se fossem concomitantes.

- **A referência e o objetivo do ato enunciativo:**

Um quadro descritivo que tem como referência um jardim. O descritor objetiva retratá-lo já quase sem vida, castigado pela ação impiedosa do tempo. Vale-se o descritor para atingir tal propósito do recurso da sinestesia: explorar sensações originárias de diferentes órgãos do sentido: visão, tato, olfato, paladar e audição. Alguns exemplos dessa estratégia:

Recurso visual: “cruz, verde e negra de umidade”;

Recurso tátil: “no chão há charcos de umidade entre as ervas”;

Recurso sonoro: “rio manso cantarolando sua velha canção”; “a chuva aumenta e cai sobre o jardim produzindo ruído surdo e apagado...”

Mostrando uma manhã chuvosa, com muita lama, frio intenso e uma enumeração de elementos envelhecidos, o descritor acentua a visão triste de um jardim praticamente morto.

Organização de Linhas de Raciocínio

Deve o orador na preparação da peça discursiva escolher a forma como vai estruturar a sua fala. A escolha do caminho discursivo oferece ao orador muitas possibilidades de realização. Ao selecionar o assunto, como referência discursiva, o orador geralmente se vê diante de diversas opções de abordagem.

O orador decidirá, então, se privilegiará o critério da comparação, se enfatizará as causas, se investirá nas consequências, ou se dará ao seu discurso uma linha de oposição cronológica. Enfim, senhor da sua palavra, o orador escolhe um determinado critério ordenador, o que implica a adoção formal de uma linha de raciocínio.

Comparação - Contraste

Padre Antonio Vieira mostra-nos, no excerto abaixo, a técnica de discursar produzindo, comparativamente, diferenças entre dois elementos. Num jogo de contraposições bem articuladas, contrasta as imagens do pequeno e do grande ladrão.

“O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem S. Basílio Magno... Não são só ladrões, diz o Santo, os que cortam bolsas, ou espreitam os que vão se banhar para lhes colher as roupas; os ladrões que mais própria e diariamente merecem este título, são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já

com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo; os outros se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam. Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos. Ditosa Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas. Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado, em triunfo, um cônsul, ou ditador por ter roubado uma província! E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidónio Apolinar... Seronato está sempre ocupado em duas coisas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo, para roubar ele só.”

Vieira coloca inicialmente a sua tese de Comparação - Contraste: o pequeno ladrão, que furta para comer, não vai nem leva ninguém para o inferno. Já os ladrões de maior calibre, estes sim não só vão para o inferno como também levam outros para o mesmo destino. Para dar sustentação argumentativa a essa tese comparativa, apoia-se em argumentos de autoridade, citando S. Basílio Magno. Então o processo comparativo diferenciador contrapõe o pequeno ladrão (autor de roubo de bolsas e roupas) àqueles que, instalados no poder, gozando da proteção dos reis, e que por isso acabam roubando o povo e cidades inteiras.

O critério da comparação por diferenciação pede a clareza da contraposição. Vieira no-la dá com objetividade contundente. Primeiro, aponta a extensão criminosa: os pequenos ladrões roubam um só, os grandes roubam comunidades. Depois, evidencia as condições da produção do ato criminoso: os pequenos roubam ameaçados pelo risco do castigo, os grandes se beneficiam da impunidade. Em seguida, Vieira indica as consequências do ato lesivo: os pequenos são enforcados, enquanto os grandes enforcam. Recorre, ainda, ao argumento da ilustração, quando lembra o brado de Diógenes ao se deparar, na Grécia, com o cortejo pronto a fazer justiça: “Lá vão os ladrões grandes enforcar os pequenos”. Ao final,

cita Sidônio Apolinar que acusa o grande ladrão Seronato de se preocupar com duas coisas: castigar os ladrões e roubar, diminuindo a concorrência.

Como podemos observar uma possível linha de raciocínio para a organização do discurso é a da comparação, que tanto pode incursionar pela diferença ou pela semelhança marcadas pelos elementos comparantes. O procedimento organizador do discurso pode ser assim descrito: apresentação da tese de comparação e, em seguida, o rol dos argumentos sustentadores da diferença ou da semelhança.

Causa e Consequência

Observemos, agora, uma peça discursiva que se organiza a partir do princípio da causalidade.

O ÚLTIMO DISCURSO

“Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. Gostaria de ajudar – se possível – judeus, o gentio... negros... brancos.

Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem -nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloquente à bondade do homem... um apelo à fraternidade universal... à união de todos nós. Neste mesmo instante a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora... milhões de desesperados, homens, mulheres, criancinhas... vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que me podem ouvir eu digo: “Não desespereis! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbem e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. E assim, enquanto morrem homens, a liberdade nunca perecerá.

Soldados! Não vos entregueis a esses brutais... que vos desprezam... que vos escravizam... que arregimentam as vossas vidas... que ditam os vossos atos, as vossas ideias e os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como gado humano e que vos utilizam como bucha de canhão! Não sois máquina! Homens é que sois! E com o amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar... os que não se fazem amar e os inumanos!

Soldados! Não batalheis pela escravidão! Lutai pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas está escrito que o Reino de Deus está dentro do homem – não de um só homem ou grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder – o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tendes o poder de tornar esta vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto – em nome da democracia – usemos desse poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo... um mundo bom que a todos assegure o ensejo de trabalho, que dê futuro à mocidade e segurança à velhice.

É pela promessa de tais coisas que desalmados têm subido ao poder. Mas, só mistificam! Não cumprem o que prometem. Jamais o cumprirão! Os ditadores liberam-se, porém escravizam o povo. Lutemos agora para libertar o mundo, abater as fronteiras nacionais, dar fim à ganância, ao ódio e à prepotência. Lutemos por um mundo de razão, um mundo em que a

ciência e o progresso conduzam à ventura de todos nós. Soldados, em nome da democracia, unamo-nos!

Hannah, estás me ouvindo? Onde te encontrares, levanta os olhos! Vês, Hannah? O sol vai rompendo as nuvens que se dispersam! Estamos saindo da treva para a luz! Vamos entrando num mundo novo – um mundo melhor, em que os homens estarão acima da cobiça, do ódio e da brutalidade. Ergue os olhos, Hannah! A alma do homem ganhou asas e afinal começa a voar. Voa para o arco-íris, para a luz da esperança. Ergue os olhos, Hannah! Ergue os olhos!”

Proferido por Charles Chaplin em 1940, no filme O Grande Ditador, esse célebre discurso aponta, na sua estrutura, a causa fundamental e as consequências de os homens terem se desviado do “caminho da liberdade e da beleza”. Na introdução dessa linha de raciocínio, Chaplin enfatiza que deveríamos ter seguido o caminho natural da vida humana: “viver para a felicidade do próximo”. Contudo, de forma equivocada tomamos outro caminho. É pelo raciocínio adversativo que Chaplin introduz a tese do seu discurso:

“O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos.”

Colocada a tese do desvio da caminhada, surge a necessidade de dar a ela a devida sustentação argumentativa, ou seja, o momento de explicitar a causa desse extravio de caminho. Segundo o orador, tudo aconteceu por causa da ganância humana. Envenenando a alma dos homens, a cobiça levou-nos às consequências degradantes, então marcadas por antíteses expressivas. Eis as consequências:

Velocidade x Imobilidade

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela.

Abundância x Penúria

A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria.

Conhecimento x Ignorância

Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Máquinas x Humanidade – Inteligência x Sensibilidade

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de

inteligência, precisamos de afeição e doçura.

Retomando a linha de raciocínio presidida pela articulação causa-consequência, o orador enfatiza:

A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia... da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano.

Percebamos, então, que toda desgraça é “produto”, ou seja, consequência da cobiça humana. Detectada a grande causa do extravio do bom caminho, bem como suas maléficas consequências, fica facilitada a sugestão de ações para reverter o quadro negativo. Chaplin aponta-nos, então, o que fazer para retomar o caminho natural da bondade humana:

- lutar contra os homens autoritários que querem regar nossas vidas para escravizar-nos;
- lutar por um mundo novo, despido de ganância e de escravidão, um mundo que dê futuro à mocidade e acolhimento à velhice;
- lutar pela abolição das fronteiras nacionais, erigindo um novo tempo de conhecimento e de sensibilidade em benefício de todos, sem exclusão.

Como se pode observar três linhas de raciocínio associam-se coesamente para produzir a estrutura discursiva: o problema e sua causalidade, consequências e sugestões de ações para reverter-lo. Observemos:

- detecta-se o problema (desvio do bom caminho);
- detecta-se a causa (ganância dos homens);
- apresentam-se as consequências;
- sugerem-se ações de reversibilidade.

Causa e Consequência: Narratividade

Na história dos discursos celebres, marca presença indelével aquele proferido por Martin Luther King Jr., em 28 de agosto de 1963, no Memorial Lincoln, sobre a questão dos direitos civis. A frase “Eu tenho um sonho!” soa até hoje como o grito histórico mais profundo e dolorido contra

o absurdo dos preconceitos raciais. Um discurso de rara beleza, nascido da profundidade da alma negra, por isso forte e verdadeiro.

“Há um século, um grande norte-americano, em cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinava a Proclamação da Emancipação. Esse importante decreto veio como um raio de luz de esperança para milhões de escravos negros que haviam sido marcados a ferro nas chamas de uma devastadora injustiça. Veio como uma aurora feliz para terminar a longa noite do cativo.

No entanto, cem anos mais tarde, o negro ainda não é livre. Cem anos mais tarde, a vida do negro ainda é lamentavelmente deformada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação. Cem anos mais tarde, o negro vive numa ilha isolada de pobreza no meio de um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos mais tarde, o negro ainda definha nas margens da sociedade norte-americana e se vê exilado em sua própria terra. E, então, nós estamos aqui hoje para dramatizar uma vergonhosa condição.

De certa maneira, viemos à capital de nosso país para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e a Declaração da Independência, eles estavam assinando a nota promissória que cada cidadão norte-americano iria herdar. Essa nota era uma promessa de que todos os homens, sim, tanto homens brancos quanto homens negros, teriam garantidos os inalienáveis direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade. É óbvio que, hoje, os Estados Unidos têm sido inadimplentes com essa nota promissória, na medida em que compete a seus cidadãos de cor. Em vez de honrar essa sagrada obrigação, os Estados Unidos deram ao povo negro um cheque sem fundo que foi devolvido com a marca “fundos insuficientes”.

Mas nós nos recusamos a acreditar que o banco da justiça seja falível. Nós nos recusamos a acreditar que não há fundos suficientes nos grandes cofres de oportunidades desta nação. E, então, nós viemos para descontar esse cheque, um cheque que nos dará por obrigação as riquezas da liberdade e a segurança da justiça.

Também viemos a este lugar santificado para relembrar os Estados Unidos da feroz urgência do agora. Não é o momento para se engajar na luxúria de relaxar ou tomar a droga tranquilizante do gradualismo. Agora é o momento de tornar reais as promessas da democracia. Agora é o momento de sair do vale escuro e desolado da segregação rumo ao iluminado caminho da justiça racial. Agora é o momento de tirar a nossa nação das areias movediças da injustiça racial para a sólida pedra da irmandade. Agora é o momento de fazer da justiça uma realidade para todas as crianças de Deus. Um começo.

Aqueles que esperavam que o negro apenas desabafasse e então ficasse contente, irão acordar bruscamente se a nação retornar à sua vida de sempre. Não haverá descanso nem tranquilidade nos Estados Unidos até que o negro tenha os seus direitos de cidadão garantidos. Os turbilhões da revolta continuarão a sacudir as fundações da nação até que o luminoso dia da justiça se faça. (...)

A maravilhosa nova militância que envolveu a comunidade negra não deve nos levar a desconfiar de todas as pessoas brancas, pois muitos de nossos irmãos brancos, como é claro pela presença deles aqui hoje, estão conscientes de que sempre marcharemos para frente. Nós não podemos voltar. Ainda existem aqueles que estão perguntando aos devotos dos direitos civis: “Quando vocês estarão satisfeitos?” Nós não estaremos satisfeitos nunca enquanto o negro for a vítima do horror indescritível da brutalidade da polícia. Nós nunca poderemos estar satisfeitos enquanto nossos corpos, pesados com a fadiga da viagem, não puderem ganhar abrigo nos hotéis das estradas e das cidades. Nós nunca poderemos estar satisfeitos enquanto um negro do Mississippi não puder votar num negro em Nova York, acreditar que ele não tem nada no que votar. Não, não, nós não estamos satisfeitos e nós não estaremos satisfeitos até que a justiça corra como água e o correto seja como uma poderosa corrente. (...)

Eu tenho um sonho de que um dia esta nação irá se levantar e viver pelo verdadeiro significado de seu credo: nós temos essas verdades como evidências de que todos os homens são criados igualmente.

Eu tenho um sonho de que um dia nas montanhas vermelhas da Geórgia, os filhos dos amigos escravos e os filhos dos futuros donos de escravos

estarão aptos a sentar-se juntos na mesa da irmandade.

Eu tenho um sonho de que um dia até mesmo o Estado do Mississippi, um estado sufocado pelo calor da injustiça, sufocado pelo calor da opressão, estará transformado em um oásis de liberdade e justiça.

Eu tenho um sonho de que minhas quatro crianças um dia viverão em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da sua pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Hoje eu tenho um sonho! Eu tenho um sonho de que um dia, lá no Alabama, com seus perversos racistas, com seu governador tendo transbordado palavras de interposição e anulação de seus lábios, um dia lá mesmo, no Alabama, pequenos meninos negros e pequenas meninas negras estarão aptos a dar as mãos para pequenos meninos brancos e meninas brancas, como irmãs e irmãos. Hoje eu tenho um sonho!

Eu tenho um sonho de que um dia todos os vales serão exaltados, e cada pico e montanha será mais baixo, os lugares desiguais serão planos, e os lugares tortuosos serão retos, e a glória do Senhor será revelada e toda a carne verá isso junto.”

O famoso discurso de Luther King Jr. parte de um fato marcante na história da luta racial negra nos Estados Unidos: a proclamação da emancipação negra por Abraham Lincoln. Esse decreto surgia então como “um raio de luz de esperança” para milhões de negros violentados pela desumana escravidão. Contudo, cem anos depois, a justiça não se fazendo, Martin Luther King Jr. profere o seu discurso de luta declarada.

Cem anos depois da emancipação, o negro ainda sofria a terrível segregação, vivendo na miséria, enquanto os Estados Unidos exibiam-se como um “vasto oceano de prosperidade”. O grande líder Luther King, diante da constatação da permanência da injustiça, faz o seu discurso como cobrança de uma dívida que precisa ser paga.

Usando termos da linguagem bancária, o grande orador faz do seu discurso um ato de cobrança ou, mais especificamente, de desconto de cheque que fora dado sem a devida provisão. É esse ato de desconto de cheque que caracteriza a ação transformadora do processo narrativo.

Todo o discurso é estruturado pela narratividade, que se caracteriza pelo processo de mudança de estado: passa-se de um estado inicial a um estado final a partir de uma ação transformadora. Em síntese:

- Estado inicial negativo: cem anos depois da declaração de emancipação, a situação de injustiça contra o negro permanece injusta.
- Ação transformadora: ato de cobrança da dívida pelo desconto do cheque.
- Estado final: a expectativa de receber o que é devido, inaugurando assim um novo tempo de luta pela justiça e pela paz.

A relação de causa/consequência também está presente na narratividade: a dívida contraída pelo governo americano para com os negros é a causa do ato de cobrança. Este, configurado pelo ato de desconto do cheque, é a consequência da inadimplência. “Descontar o cheque” é a forma metafórica que, no discurso, aponta a mobilização dos negros para uma luta incansável e permanente:

“Não haverá descanso nem tranquilidade nos Estados Unidos até que o negro tenha os seus direitos de cidadão garantidos. Os turbilhões da revolta continuarão a sacudir as fundações da nação até que o luminoso dia da justiça surja.”

Oposição Temporal

Num discurso em homenagem a Bilac, Amadeu Amaral enfatiza a magia da infância em oposição à idade adulta despoetizada.

ESCADAS DE ESTRELAS

“Os poetas são crianças grandes. Todos nós, quando pequenos, experimentamos esse pasmo, esse deslumbramento e esse terror diante do mundo que se nos desvenda. O espaço, para a criança, está sempre povoado de formas, sacudido de movimentos, sonorizado de vozes. As estrelas brilham com um fulgor de iluminação em palácio encantado. As árvores confabulam entre si, mexendo as frondes, uma para o lado das outras, ora sossegadas e boas, ora inquietas e sinistras. Os pirilampos dançam com grandes meneios de diabinhos gentis. As flores riem nas noites. As montanhas dormem como cetáceos colossais, soerguendo o dorso

azulado ou arfando o ventre verdoengo. E andam gênios de todo o feitio nas asas do vento, e rondas de trasgos e de sacis, de djins e de tutus, de minhocões e avejões, de monges e de anjos que passam na treva, ao brilho remoto dos astros ou ao gelado clarão da lua. Enfim, na infância, o mundo é mais temível e mais pitoresco.

É também muito mais interessante. A nossa alma participa mais profundamente da vida cósmica, não tem tanta e tão despoetizada consciência da personalidade, sente-se presa por inumeráveis ligações a tudo quanto a rodeia, e julga-se prolongada por infinitas projeções a tudo quanto os sentidos percebem e a imaginação alcança. Há em tudo uma alma, e essa alma é semelhante à nossa, e essa alma é a nossa mesma alma que se desdobra e se alarga como um oceano.

Com o andar do tempo, a nossa individualidade se vai rapidamente se destacando, tomando corpo e tomando forma, como um cristal. À medida que crescemos... diminuímos. Ficamos isolados, pequeninos e miseráveis no seio da natureza. A natureza não nos é apenas estranha, é indiferente para conosco. O pitoresco de outrora perde a cor, o brilho e o encanto. O firmamento é uma ilusão: os astros são mundos frios, as distâncias entre eles dão vertigens... As árvores não dizem nada umas às outras. Vai longe o tempo em que os animais falavam. Não há anjos no céu, não há trasgos na terra. Tudo se apaga, tudo se banaliza. O drama intenso das coisas transforma-se numa mecânica gélida e desengraçada. As luzes do céu e da terra empalidecem. E nós, grilhetas do trabalho e do sofrimento, aqui estamos a suar e a lutar, operários tristonhos de uma obra que não nos interessa.

Mas para regalo e nosso bem, surgem os poetas. Crianças grandes, eles continuam o sonho que nós interrompemos. E aí vão, pela vida adentro, a reacender as luzes que se apagam, a reverdecer e a repovoar as terras e mares, a reidorar e recolorir os céus, a dar novas vozes e novas asas à alma exausta das coisas. Eles desempenham neste mundo o divino ofício dos restauradores da criação envelhecida. Renovam-lhe o revestimento encantador, sem deixar que se encarquilha e desbote de todo.

Entre esses bons operários da beleza, no Brasil um há que se destaca e refulge: Olav o Bilac. Poucos têm feito tanto quanto ele para renovar a

provisão de beleza ao alcance dos nossos sentidos. Ele teve, sobretudo, carinhos especialíssimos para a cúpula do céu. A superfície azul da abóboda etérea, as nuvens errantes, o sol e as estrelas, tudo isso ele reparou e poliu para o gozo dos nossos olhos em tudo isso ele pôs reflexos e faíscas inéditas. Bilac foi um adorável remendão do firmamento, um bendito consertador de estrelas embaciadas.”

Este eloquente discurso está compromissado em provar a tese: os poetas são crianças grandes. Para fazê-lo, o orador decide estruturar a sua fala pela oposição temporal contrapondo a infância à idade adulta.

Recurso de largo uso na oratória, essa oposição marca um período eufórico (positivo) identificado na infância e um período disfórico (negativo), identificado na idade adulta.

Para comprovar essa tese, a vida infantil é retratada como um “pasma”, um “deslumbramento” do pequeno ser diante de uma natureza antropomorfizada: as “árvores confabulam entre si”, “as flores riem nas noites”, as montanhas dormem como cetáceos... Valendo-se de prosopopeias, o orador humaniza a natureza, cuja alma acaba se identificando à alma infantil: “a nossa alma participa mais profundamente da vida cósmica”. Na infância, a natureza é para criança um ser mágico com o qual ela interage por meio da imaginação fantasiosa.

O tempo surge no discurso como elemento transformador, pois à “medida que crescemos, diminuimos”. A chegada à idade adulta rouba-nos esse mundo mágico e “ficamos isolados, pequeninos e miseráveis no seio da natureza”. Toda a natureza perde, então, a sua magia, o seu encanto: “os astros são mundos frios”, as árvores não dizem mais nada umas às outras”, “vai longe o tempo em que os animais falavam”, “tudo se apaga, tudo se banaliza”.

Se o tempo, elemento disfórico, rouba-nos a magia da infância, os poetas surgem na vida adulta para nos devolver o que nos foi tragicamente tirado: “crianças grandes eles continuam o sonho que nós interrompemos”. É, então, o momento de resgate da fantasia perdida, o que é feito expressivamente pelo recurso da prefixação: “reacender as luzes”,

“reverdecer e repovoar terras”, redoirar e recolorir os céus”. Os poetas são assim os “restauradores da criação envelhecida”.

Objetivando comprovar a veracidade do que afirma, o orador recorre ao exemplo de um ilustre poeta: Olavo Bilac. E dá provas do que diz relembrando que Bilac foi o grande poeta do firmamento renovado e resgatado por versos célebres, Bilac foi “um bendito “consertador de estrelas embaciadas”.

Estruturalmente, o discurso está centrado na oposição temporal: infância x idade adulta. Elementos responsáveis pelas transformações: o tempo e os poetas. O tempo nos envelhece, roubando-nos a magia da infância; os poetas cuidam de resgatar pela magia poética tudo o que perdemos.

4

A Argumentação

“A força bruta dobra, mas só o justo argumento convence .”





A Importância do processo argumentativo

Esse é o momento decisivo do discurso. Momento de persuadir, de recorrer à lógica do raciocínio para conquistar a adesão da plateia. Nenhuma tese persuadirá os ouvintes se não estiver embasada em sólida argumentação. No esforço argumentativo, o orador precisa recorrer à inteligência do auditório. Para tanto, precisa trabalhar bem a racionalidade, articulando com habilidade uma linha de raciocínio coesa, gradativa e coerente. Contudo, não se persuadem os ouvintes apenas com argumentos racionais. É necessário envolvê-los também pelo emocional. Valendo-se dos recursos patéticos, o orador toca a sensibilidade da plateia para que se convença da validade da tese defendida. Horácio já dizia que para comover os ouvintes é fundamental que o orador se comova antes de todos. Vivenciando verdadeiramente a emoção que quer veicular, o orador transfere empaticamente essa energia para o público que a recebe inteiramente. Nunca é demais repetir que não se constrói a emoção apenas com palavras. O timbre da voz, o ritmo da fala, o gestual competente e as frases de efeito

contribuem decisivamente para o objetivo de emocionar. O processo persuasivo ocorre, portanto, por duas vias: razão (logos) e emoção (pathos). O professor Luiz Antonio Ferreira explica-nos como o orador pode explorar esse recurso afetivo.

“É na intersubjetividade que se processam os sentidos discursivos. Uma espécie de “razão emotiva” toma conta do auditório quando o orador, como resultado da exploração do belo, provoca admiração; do mesmo modo, quando diante de uma situação conflitiva, explora o sublime e deixa o auditório estupefato. É virtude do orador buscar a cooperação na atividade da linguagem. Pode assim proceder por meio de pelo menos, duas estratégias significativas: pela exploração das paixões e pela exploração estética da linguagem. Ao despertar simpatia, por exemplo, movimenta as paixões do auditório (pathos) e, ao mesmo tempo, ao incitar o gosto estético do auditório, pode estar apenas revestindo um argumento fraco com os tons da beleza de uma metáfora ou de uma outra figura de retórica.” (Ferreira, 2010: 143/44)

A utilização dos recursos patéticos, contudo, não deve pecar pelo excesso. É fundamental que se explore o campo emotivo com economia e favorável oportunidade. Começar um discurso apelando fortemente para emoção é procedimento inaceitável, pois a plateia ainda está num estágio de frieza e de curiosidade que não se ajusta de forma alguma a esse precipitado arrebatamento afetivo do orador. O efeito emotivo a ser provocado no auditório reclama preparação, trabalho cuidadoso e gradativo.

Outro fator relevante é a ordem com que se devam apresentar os argumentos. A estratégia de se começar o processo argumentativo com um argumento forte e de impacto é sempre recomendável. Assim agindo, o orador surpreende favoravelmente os ouvintes, facilitando a continuidade do processo argumentativo. Depois desse argumento impactante, a gradação dos argumentos menos fortes aos mais contundentes pode ser um bom caminho estratégico.

Também é preciso saber adequar a dosagem da carga argumentativa, cuidando para que não sejam poucos nem excessivos os argumentos aduzidos. O excesso leva à redundância, à monotonia, ao cansaço. A insuficiência argumentativa fragiliza a tese por falta da devida sustentação.

O orador usa argumentos não só para confirmar que a sua tese é merecedora de adesão e credibilidade, mas também para refutar os argumentos adversários. Confirmação e refutação constituem, portanto, a unidade do processo argumentativo. A arte e a técnica da refutação são essenciais ao orador competente, pelo simples fato de que não existem teses sem antíteses. Ao se defender uma determinada ideia ativam-se objeções, discordâncias naturais. Não se pensa da mesma maneira, nem se olha para uma questão com olhar único. Além de ter que construir toda uma linha argumentativa de sustentação à tese que defende, o orador deverá ser eficiente ao combater os argumentos adversários. Não o fazendo, deixará no espírito da plateia a dúvida e a resistência à adesão desejada. Para que possamos avaliar devidamente a importância do processo de refutação, lembremo-nos da oratória forense que está toda centrada no contraditório, já que o conflito de interesses entre as partes é a essência do processo. Lembremo-nos, igualmente, da oratória sagrada sempre preocupada em combater o ceticismo. Defender uma ideia será, enfim, colocar-se em oposição a outras ideias, o que justifica e esclarece quão importante é o processo da refutação.

É preciso, pois, descobrir as contradições existentes nos argumentos adversários, apontar-lhes a insuficiência de apoio estatístico, a inconsistência dos testemunhos, as falácias que o sustentam, valendo-se o orador, sempre, de silogismos bem articulados, de ironia mordaz e de agudeza de raciocínio. Cuidando sempre para que a refutação não resvale para o campo do deboche e do desrespeito. Afinal, as pessoas pensam de forma diferente, o que é legítimo, desejável e democrático.

Tipos de argumentos

- **O fato:**

Enquanto as opiniões são discutíveis, pois cada um tem a sua, o fato, por ser evidência, é incontestável. É uma ocorrência histórica, datada e única. Apresenta enorme poder de convencimento justamente por ser verificável, por pertencer à esfera da realidade, das coisas constatadas.

- **As ilustrações:**

É a narrativa contada como justo exemplo do que se quer provar. A história narrada pode ser real ou fictícia. Esse recurso figurativo torna o argumento mais vivo, sobretudo porque vivenciado pelas personagens. O processo narrativo é sempre um recurso valioso para concretizar, por meio do enredo, ideias e raciocínios abstratos. A ilustração de fatos reais tem, em tese, mais poder de persuasão, pois o narrado ostenta a condição de coisa ocorrida. Para melhor compreensão da ilustração como técnica argumentativa, relembremos as fábulas tradicionais, cujo enredo contava com a presença de animais que falavam e pensavam como humanos. A história era então contada para defender a veracidade de um ditado popular de fundo didático, já que as fábulas eram produzidas com objetivo pedagógico (docere). Com o intuito de condenar os vícios e os pecados, valorizando as virtudes, contava-se a história para, no final, apresentar uma frase resumidora de toda a fabulação: a moral da história.

- **O testemunho:**

É a comprovação do fato pela intervenção de terceiros. Depende sempre da credibilidade de quem o faz. É um recurso probatório de amplo uso, principalmente na esfera jurídica. O uso do testemunho, como elemento argumentativo, exige, contudo, que o orador não se submeta a ele servilmente, mas, ao contrário, saiba explorá-lo com espírito crítico. O testemunho de autoridade não pode valer apenas por ter sido emitido por especialista renomado. Ao contrário, deve valer pela inteligência do que diz, pela contribuição reflexiva e valiosa que confere à linha argumentativa defendida.

- **Os elementos estatísticos:**

São provas de natureza quantitativa decorrentes de pesquisas. Seu valor de persuasão é significativo desde que a pesquisa reveladora desses números mereça credibilidade.

Análise discursiva: ler e refletir o amor e os crimes Passionais

“Para mim, o amor jamais desceu aos bancos dos réus. Quando em nome dele, alguém se desmanda até o crime, o amor foi preterido pelo ódio. A

responsabilidade penal decorre do estado do agente no momento do crime. Ao crisar a mão para o ímpeto do arremesso ou o sucesso da pontaria, impele-o, não o amor, mas o ódio, e a esse nunca se deu guarida nos mais complacentes dos tribunais. Em caso algum, responsabilizo o amor pelos chamados crimes passionais. Em respeito aos românticos, não posso confundir, com as setas de Cupido, a faca, o punhal, o revólver, a navalha. A rigor, crime de amor seria a compressão de um abraço, a violência de um beijo que esgotasse os pulmões. O amor é por natureza fecundo e criador. Não figura nas cifras da mortalidade; mas nas da natalidade, não tira, mas põe gente no mundo. As hemorragias que o identificam são as da vida e não as da morte.” (Apud Delmanto: 1980, 38)

Nesse fragmento discursivo do grande jurista e orador Roberto Lyra, o processo argumentativo é construído com maestria tanto pela linha de raciocínio, defendida, como também pelo trabalho estético que decorre do uso da linguagem figurativa ou metafórica. Lyra tem uma tese clara e bem marcada a defender:

“Para mim, o amor jamais desceu aos bancos dos réus.”

Para dar sustentação argumentativa a essa tese, Lyra desenvolve quatro argumentos:

1. A mão criminosa é movida pelo ódio e não pelo amor;
2. Não se podem confundir as armas do ódio (a faca, o punhal, o revólver, a navalha) com as setas de Cupido.
3. Exemplos irônicos do que seriam crimes cometidos por amor (compressão de um abraço, a violência de um beijo que esgotasse os pulmões).
4. O amor gera a vida e não a morte.

O primeiro argumento é basicamente racional. Investe na ideia de que a mão criminosa, no exato momento em que agride, não pode estar sendo impulsionada pelo sentimento amoroso, mas tão somente pelo ódio. Excelente a forma como Lyra evidencia a dupla possibilidade do ato homicida: a mão no “ímpeto do arremesso” (arma branca, a faca, o punhal...) e a mão no “sucesso da pontaria” (arma de fogo). Inconcebível pensar, portanto, o ato assassino como um ato de carinho, de amor. Daí o uso da antítese: amor x ódio.

O segundo argumento, menos compromissado com a racionalidade, retira a sua contundência da comparação estética, explorando com alta criatividade os elementos figurativos. Lyra recorre à mítica imagem do anjo Cupido para confrontar as setas geradoras do amor com as armas geradoras da morte: a faca, o punhal, o revólver, a navalha. Novamente o investimento é feito por meio do processo antitético: armas do amor x armas do ódio.

O terceiro argumento, não menos criativo, explora com agudo senso de humor o recurso da ironia. Não existe a menor possibilidade de se pensar um crime movido pela energia amorosa. A insistência em apresentar exemplos de crimes de amor resvalaria, certamente, em exemplificação ridícula: morte da pessoa amada por um abraço que, sendo tão forte, a esmagaria; beijo tão ardente que, sendo asfixiante, esgotar-lhe-ia o ar dos pulmões.

O quarto e último argumento é uma verdadeira aula de trabalho de linguagem estética, por explorar, com grande sensibilidade, a força de antíteses expressivas.

Amor: figura nas cifras da natalidade; **Ódio:** figura nas cifras da mortalidade; Amor: põe gente no mundo; Ódio: tira gente do mundo;

Amor: identifica-se com as hemorragias do parto; Ódio: identifica-se com as hemorragias da morte.

Como se pode perceber, todo o discurso está centrado na figura de linguagem denominada antítese. É, evidentemente, a figura perfeita para dar sustentação argumentativa à tese que se quer provar: ódio e amor são sentimentos opostos, um comprometido com a morte, outro comprometido com a vida. Não se pode, portanto, aceitar que o crime passionai seja movido pelo amor, mas apenas e tão somente pelo ódio.

Mantendo o Foco

leitura de texto temático

É sempre importante desenvolver a leitura da organização estrutural dos textos. Toda peça discursiva deve ser bem articulada, mantendo coerência a coesão para garantir a clareza da linha de raciocínio. É o

que faz o grande mestre Silveira Bueno neste discurso sobre eloquência:

“Na linguagem rica e vária do povo, ouvimos falar em eloquência dos olhos, eloquência dos gestos, eloquência do silêncio. Realmente há olhos eloquentes: os olhos ternos de quem pede; os olhos duros de quem repreende; os olhos tristes de quem se despede; os olhos serenos de quem arma; os olhos irresistíveis de quem manda. Há também eloquência nos gestos; numa destra que se agita num adeus, num indicador áspero que aponta a rua; numa concha de mão que oferece água ao sedento; num punho ameaçador e temível. E há silêncios que valem por perora

ções eloquentíssimas: o silêncio de uma casa abandonada; o silêncio de um templo solitário, o silêncio noturno de uma cidade morta. Há em tudo eloquência, porque em tudo isso há qualquer força comovedora e impressionante a operar sobre o nosso ânimo.”

Assunto: eloquência;

Tema: estaria correta a linguagem do povo quando afirma existir eloquência nos olhos, nos gestos e no silêncio?

Tese defendida: o autor confirma o que diz a linguagem popular, afirmando haver sim eloquência nos olhos, nos gestos e, até mesmo, no silêncio.

Argumentos: A eloquência dos olhos de quem pede, de quem repreende, de quem se despede, de quem afirma, de quem manda; a eloquência dos gestos: na destra do adeus, no indicador que expulsa, na mão que oferece água, no punho que ameaça; a eloquência do silêncio: em perorações, em uma casa abandonada, em um templo solitário e no silêncio noturno de uma cidade morta.

Conclusão: “Há em tudo eloquência, porque em tudo isso há qualquer força comovedora e impressionante a operar sobre o nosso ânimo”.

Os lugares da argumentação

Os lugares retóricos, *topói*, indicam um esforço de classificação dos argumentos por temas. A retórica cuidava, assim, de estabelecer uma série de lugares, verdadeiros depósitos de argumentos, a que os oradores recorriam para encontrar as linhas de raciocínio de que necessitavam para produzir os efeitos persuasivos.

Fornecia-se dessa forma aos oradores um repertório de argumentos (lugares), cuja eficácia persuasiva já tinha sido comprovada ao longo do tempo. Algumas linhas argumentativas sempre se mostraram historicamente com forte pendor persuasivo, razão por que eram, então, catalogadas. Observemos algumas delas:

- **O lugar da ordem**

O princípio da ordem defende a superioridade do que ocupa o primeiro lugar, posição de honra de estar à frente de todos os demais elementos concorrentes. Baseia-se, também no critério da temporalidade: o antigo é melhor que o novo, ou, invertendo-se a linha de raciocínio, a superioridade do novo sobre o antigo. Quem desconhece o discurso saudosista segundo o qual já não se fazem as coisas como antigamente? Nas competições, o princípio da ordem prevalece totalmente. Seja em uma corrida de fórmula 1, seja em uma disputa pedestre, seja em um campeonato de futebol, a superioridade é marcada pela conquista do primeiro lugar. Esse processo de valorização da ordem propicia ao orador uma vantagem clara e valiosa: o auditório já está predisposto a aceitar essa linha de pensamento como inquestionável.

Em “ ***Uma Pulga na Camisola*** ”, Max Nunes permite-nos observar, em “Saudosismo”, a utilização do princípio da ordem de forma cômica e criativa.

“*Sou saudosista sim:*

Do tempo em que mulher nascia com um nariz e ficava com ele até o fim.

Tempo em que o professor ensinava,

aluno estudava, mulher casava e dinheiro comprava. Tempo em que o comprimido fazia a dor de cabeça sumir sem ninguém precisar assobiar

e do tempo em que o trabalhador

só passava fome até a hora do almoço.

Tempo em que homem era homem e mulher era mulher. Hoje a coisa ficou

tão misturada que, quando alguém vai discursar, é bom começar assim: Meus senhoras e minhas senhores...” Sou saudosista sim .”

Confrontados dois tempos, o presente e o passado, o enunciador confessa-se saudosista. Trabalha com o princípio de ordem que defende ser o passado um tempo melhor do que o presente. A modernidade, então recusada pelo enunciador, simplesmente acabou com as situações normais do passado que permitiam às pessoas uma vida de equilíbrio e de segurança. Hoje, não mais: o professor não ensina, o dinheiro nada compra e não se sabe mais quando o homem é homem e quando a mulher é mulher.

Não é lícito, contudo, pensar que essa insatisfação com o tempo em que se vive esteja limitada aos tempos de hoje. Em todas as épocas, o homem manifestou a sua insatisfação com o momento vivido. São Policarpo, um mártir do século II de nossa era, já reclamava: “Meu Deus, em que século me fizestes nascer!”

Insatisfeito com o seu tempo, o ser humano sempre reagiu por variadas formas: entregando-se à religião acreditando que o mundo melhor virá depois da morte, participando de projetos políticos visando a reformas sociais, consumindo sonhos e fantasias propiciados pelo universo artístico... Importa, pois, perceber que o princípio da insatisfação com o tempo em que se vive é uma constante na história, daí o seu valor persuasivo. É a eterna constatação nostálgica de um tempo melhor que não volta mais.

O poeta Mário Quintana retoma em “Recordo ainda” esse mesmo princípio de ordem, também lamentando o tempo que passou.

“Recordo ainda... e nada mais me importa... Aqueles dias de uma luz tão mansa

Que me deixavam, sempre, de lembrança, Algum brinquedo novo à minha porta... Mas veio um vento de Desesperança Soprando cinzas pela noite morta! E eu pendurei na galharia torta Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui... Mas, aí, Embora idade e senso eu aparente Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente! Sou um pobre menino... acreditei!... Que envelheceu, um dia, de repente!..."

A infância, marcada euforicamente como tempo de “uma luz tão mansa”, é rememorada pelo poeta como um tempo de “brinquedo novo” que se deixava em sua porta. Mas cuidou a vida de lhe trazer o vento da “Desesperança” soprando cinzas na noite morta. Vento que lhe levou a infância alegre e o fez pendurar os brinquedos numa “galharia torta”. Agora, depois de tanta estrada percorrida, pede o poeta que não se iludam com a imagem da sua velhice. Menino, ainda que vergado sob o peso dos anos, ele quer os brinquedos de volta.

Bastante comum é a utilização na publicidade do raciocínio apodítico (imperativo, autoritário) para tornar o produto, alvo da campanha, inquestionável. Todos nos lembramos da campanha publicitária da cerveja número 1, que se afirmava, por uma questão de ordem, ser a primeira em qualidade e prazer.

• O lugar da quantidade

Vale uma coisa mais do que a outra pelo princípio da quantidade. O processo democrático é um exemplo desse tipo de argumento, pois defende a valorização do quantitativo: o candidato é o melhor porque eleito por um número maior de votos. O recurso às estatísticas comprova também a validade desse princípio. Recorrer à quantidade é, portanto, uma estratégia discursiva de forte poder de persuasão. Para evidenciar a disparidade na qualidade de ensino entre escolas particulares e escolas públicas brasileiras, o movimento “Todos pela Educação” avaliou 6.000 alunos que concluíram o terceiro ano do ensino fundamental. Confrontados os números resultantes do processo avaliativo, comprovou-se o descaso do poder público na área educacional. Observemos mais um exemplo do uso persuasivo do princípio da quantidade:

“Nas escolas pagas, $\frac{3}{4}$ das crianças atingiram os resultados esperados em matemática; a porcentagem reduziu-se a 43% entre os alunos da rede pública. Disparidades gritantes também se manifestaram nos testes de leitura (79% contra 49%) e de escrita (82% contra 53%).” (Folha de S. Paulo 28/08/2011)

• O lugar da qualidade

Neste caso, a qualidade se opõe à quantidade. Confere-se valor maior a alguma coisa por ela ser única, insubstituível. Vale aqui a ideia de singularidade que se opõe à ideia do quantitativo. Nas publicidades que homenageiam o dia das mães ou dos pais, por exemplo, esse recurso é largamente explorado pelos publicitários: pai e mãe são únicos. Uma joia de estimação, recebida em um momento especial, passa a valer como insubstituível para a pessoa que a recebeu. No lugar da qualidade, o valor é especial, único, e se opõe ao elemento vulgar, ao corriqueiro. Nesse sentido, o ensinamento de Perelman:

“O verdadeiro não pode sucumbir, seja qual for o número dos seus adversários: estamos em presença de um valor de ordem superior, incomparável. É esse aspecto que os protagonistas do lugar da qualidade não podem deixar de enfatizar: no limite o lugar da qualidade redundaria na valorização do único que, assim como o normal, é um dos pivôs da argumentação.” (Perelman, 1996:101)

Um dos temas mais característicos do Arcadismo, “o carpe diem” (prende o dia) está sempre enfatizando a necessidade de aproveitar o dia, aquela hora, aquele momento, que são únicos, e, por isso, nunca mais voltarão. A figura do nacionalismo também é constantemente invocada em nome desse princípio de se pertencer a um povo único. Vinícius de Moraes traduz-nos esse sentimento de devoção à pátria:

*“A minha pátria é como se não fosse, é íntima Doçura e vontade de chorar;
uma criança dormindo É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.
Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:*

*Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria Mas sei que a minha pátria é a luz,
o sal e a água Que elaboram e liquefazem a minha mágoa Em longas
lágrimas amargas.” (...)*

• O lugar da essência

Valoriza-se algo por representar a essência de alguma coisa. Na teoria platônica, a essência é o ser verdadeiro que o espírito conhece ao se afastar das aparências. É o modelo da perfeição, a qualidade no seu mais alto grau de realização. Algumas pessoas, por sua importância, competência, beleza, entre outras qualidades, conquistaram o mérito dessa essencialidade: Madre Teresa de Calcutá, a essência da bondade, Rui Barbosa, a essência do jurista. Não só pessoas, mas também alguns objetos assinados por grifes famosas atingiram essa condição de essência, ou seja, a qualidade inquestionável: um automóvel, um relógio, um vestido...

Mário Quintana fala-nos poeticamente do amor como essência dos sentimentos mais nobres:

*“Amor é síntese
É uma integração de dados Não há que tirar nem pôr Não me corte em fatias Ninguém consegue abraçar um pedaço
Me envolva todo em seus braços
E eu serei o perfeito amor.”
Amor... Amor... Amor Sempre... Sempre Amor...”*

Em 5 de novembro de 1924, O jurista baiano João Mangabeira, discípulo de Rui Barbosa, fez um discurso em homenagem à memória do nosso “Águia de Haia”. Rui é, então, exaltado como figura ímpar, essencial:

“Volvamos o nosso espírito para a tranquilidade onde repousa o magno sacerdote da nossa democracia, o grande semeador a quem devemos os frutos mais excelentes do nosso liberalismo constitucional. Para que seu fulgor nos ilumine! Para que o seu exemplo nos ampare! (...) Para que desçam, portanto, sobre o coração e a consciência dos que se digladiam no Brasil, ao sol das lutas políticas, a misericórdia, a clemência, as inspirações do Senhor!”

• O lugar da pessoa

Valoriza-se primeiramente a condição humana sobre qualquer valor material. Vale a pessoa, a dignidade do ser humano. No momento histórico em que vivemos, quando a ostentação material de riquezas é extremamente valorizada, é comum ouvirmos o discurso que defende o resgate de uma

cultura mais humana, mais despojada, que, revertendo o quadro de valores, conceda à pessoa um valor maior.

Em “Cérebro Eletrônico”, Gilberto Gil faz uma confrontação criativa entre a máquina tecnológica e o ser humano, evidenciando a superioridade do único ser que pensa, chora, fala, ouve e decide o seu próprio destino:

*“O cérebro eletrônico faz tudo Faz quase tudo
Faz quase tudo
Mas ele é mudo
O cérebro eletrônico comanda Manda e desmanda
Ele é quem manda
Mas ele não anda
Só eu posso pensar
Se Deus existe
Só eu
Só eu posso chorar
Quando estou triste
Só eu.” (...)*

• O lugar do existente

Argumenta-se na defesa do valor que existe e não do que se deseja. Na linguagem do povo, esse princípio ganha ótima tradução no provérbio: “mais vale um pássaro na mão, que dois voando.” Por isso, coerente com essa linha de raciocínio, glorifica-se o conquistador, o realizador e despreza-se o sonhador. Valoriza-se aquele que está satisfeito com o que tem e desqualifica-se o ambicioso, o eterno insatisfeito. É nessa linha de pensamento que relembramos a advertência de Oscar Wilde:

“Os homens não sabem dar valor às suas próprias mulheres. Isso deixam para os outros.”

Outros lugares retóricos merecem citação pelo amplo e constante uso: o lugar da tradição, da saúde, do prazer, da sedução, da beleza... Presentes sobretudo no discurso publicitário, eles aparecem também com frequência no discurso político e laudatório.

Duas maneiras de persuadir: Tema e Figura

Quem fala ou escreve pode fazê-lo de duas maneiras. Uma mesma mensagem pode ser transmitida de forma figurativa ou de forma temática. A figura nomeia coisas e acontecimentos existentes no mundo natural: homem, casa, relógio. A figura é, portanto, um termo concreto. O tema é uma palavra abstrata que não tem existência concreta no mundo natural. Pela função, torna-se mais fácil compreender a diferença entre figura e tema. A primeira tem como função criar um efeito de realidade, mostrar como o mundo é no nível da concreção. As figuras produzem dessa forma uma representação do mundo em que vivemos, cumprem uma função de espelho ou mimética. Mostram como a realidade é. O tema cumpre a função de explicar, interpretar, ordenar, classificar, avaliar seres e acontecimentos do mundo natural.

Os provérbios geralmente são textos figurativos, ou seja, utilizam-se de figuras (elementos concretos) para transmitir um conhecimento fruto da experiência popular. Quando alguém diz que “de grão em grão a galinha enche o papo” está usando figuras: galinha, papo, grão. Este é um texto figurativo. Poderíamos dizer a mesma coisa, valendo-nos de um texto temático: conquistando-se as coisas aos poucos, um dia estaremos satisfeitos.

Essa divisão que diferencia o texto figurativo do texto temático é, evidentemente, didática. Na realidade, os textos não são puros, mas apresentam-se mesclados por temas e figuras. Para classificá-los, usamos o critério da predominância. O texto temático, por ser abstrato, não tem cobertura figurativa, opera apenas no nível conceitual, interpretativo. Já o texto figurativo tem sempre um texto temático subjacente que o interpreta.

A título de exemplificação, imaginemos que figuras utilizaria um publicitário para relacionar uma determinada marca de carro aos temas do luxo, sofisticação e poder? Possivelmente, recorreria às figuras de um homem elegante e de uma mulher jovem e bonita, em ambiente sofisticado.

Resta dizer que os textos temáticos por serem abstratos, por trabalharem no nível das ideias, podem oferecer maior dificuldade de entendimento ao leitor ou ao ouvinte. Já os textos figurativos facilitam, em tese, esse

entendimento. As crianças, por exemplo, mostram-se sempre interessadas em histórias ficcionais justamente pela concreção dessas narrativas, o que lhes facilita a compreensão do enredo apresentado. Da mesma forma, não se interessam por textos dissertativos, exatamente pelo grau de dificuldade interpretativa que esses textos lhes oferecem.

Vejamos, ainda com intuito de exemplificação, a narrativa poética de Eduardo Alves da Costa: No caminho, com Maiakovski:.

*“Na primeira noite, eles se aproximam e colhem uma flor do nosso jardim e não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem; pisam as flores, matam o nosso cão. E não dizemos nada.
Até que um dia o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a lua e, conhecendo o nosso medo, arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada, Já não podemos dizer nada.”*

Ainda que sob a forma de versos, o texto ostenta configuração narrativa. Dividido em três momentos (a primeira noite, a segunda noite e até que um dia), a história evidencia um processo de violência crescente diante da passividade dos ocupantes de uma casa. Num primeiro momento, os agressores ainda estão fora da casa, aproximam-se e roubam apenas uma flor. Inexistindo reação, eles voltam e já estão no jardim, quando o dano é bem maior: pisam as flores e matam o cão. A última investida, ainda estimulada pela inexistência de reação, ocorre com a presença de apenas um dos agressores, o mais fraco deles. O dano é, então, total e irreversível: o agressor “rouba-nos a lua e, conhecendo o nosso medo, arranca-nos a voz da garganta, e por que não dissemos nada, já não podemos dizer nada”.

A natureza figurativa desse texto é de fácil percepção. As figuras dão concreção à história contada: “colhem flor”, “jardim”, “matam cão”, “pisam flores”, “lua”, “garganta”...

A transformação aproximada desse texto figurativo em texto temático é possível, desde que cumprindo a função interpretativa da história narrada.

Assim fazendo, poderíamos dizer a mesma coisa, só que abstratamente:

Ao menor ato de violência de que formos vítima, deveremos reagir prontamente. Se não o fizermos, por medo ou covardia, estimularemos a brutalidade, que passará a nos agredir cada vez mais. Nosso inimigo, conhecendo a nossa apatia, não titubeará em nos violentar sempre mais. Chegará, então, o dia em que, derrotados, nenhuma reação poderemos mais oferecer. Chegará o dia em que nada mais poderemos fazer.

Na oratória, o discurso temático é um forte aliado do orador por propiciar-lhe o caminho da abstração, do raciocínio lógico que, bem estruturado, tem forte poder de persuasão. É trabalhando no campo das ideias, interpretando fatos, avaliando situações, que o orador incursionará pelo campo da racionalidade persuasiva. Por outro lado, terá sempre a sua disposição a possibilidade do discurso figurativo. Isso ocorrerá quando investir em narrativas e descrições, que apresentam enorme potencial de concretização do pensamento abstrato. Além disso, o texto narrativo -descritivo é sempre muito eficiente quando dirigido à sensibilidade da plateia pela força emotiva que veicula. Uma história bem enunciada leva os ouvintes às lágrimas, ao ódio, à alegria, tudo por força do revestimento figurativo bem ordenado. O texto temático faz pensar, o figurativo, sentir.

Mantendo o Foco

leitura: Figura e tema

Observe como essa narrativa (texto figurativo) pode ser lida tematicamente:

Um publicitário encontrou um cego pedindo esmolas numa praça de uma grande cidade. Observou que, embora uma tabuleta

anunciasse a condição de deficiente visual, o pobre pedinte tinha no chapéu poucas moedas. Sensibilizado com a situação do pedinte, perguntou ao cego se poderia escrever outra mensagem no verso da tabuleta. O cego permitiu que assim fosse feito. Passados alguns dias, o publicitário voltou ao local para verificar o resultado do seu ato. Percebeu, então, que a situação modificara totalmente. Agora, o cego estava feliz com o sensível aumento das contribuições recebidas. Reconhecendo a presença do publicitário amigo, logo indagou: O que você escreveu no verso da tabuleta que tanto me ajudou. O publicitário respondeu: Apenas mudei o jeito de dizer. Escrevi assim: É primavera e eu não consigo vê-la.

Texto temático:

O importante não é o que se diz, mas o modo como se diz. A mesma informação, dependendo da forma como é elaborada, tem maior ou menor força persuasiva.

Isotopia e Persuasão

Um texto, por mais aberto ou polissêmico que seja, não pode ser lido de qualquer maneira ao gosto do leitor. O texto aceita um determinado número de leituras que já estão previstas no próprio texto. Ao mesmo tempo em que abre algumas possibilidades de leitura, interdita outras.

O texto não é, portanto, um amontoado de frases, mas uma unidade coerente de sentidos. O que lhe dá coerência é a repetição de determinados traços semânticos durante o discurso. Isotopia é o nome técnico que se dá a esse processo de redundância semântica. É pela isotopia que linhas possíveis de leitura são estabelecidas. Observemos, no poema *Velas Içadas*, como a reiteração das palavras afinadas ao contexto marítimo estabelecem determinadas possibilidades interpretativas. O texto fala do coração metaforizado em barco, depois do que as palavras vão construindo a isotopia marítima: velas, marés, barco ancorado, viver ancorado, naufrágio, piratas, tormentas...

VELAS IÇADAS

*“Seu coração é um barco de velas içadas Longe dos mares, do tempo, das
loucas marés Seu coração é um barco de velas içadas Sem nevoeiros,
tormentas, sequer um revés Seu coração é um barco jamais navegado
Nunca mostrou-se por dentro, abrindo os porões Seu coração é um barco
que vive ancorado Nunca arriscou-se ao vento, às grandes paixões Nunca
soltou as amarras
Nunca ficou à deriva
Nunca sofreu um naufrágio
Nunca cruzou com piratas e aventureiros Nunca cumpriu o destino das
embarcações”*

Ivan Lins

A palavra “ **coração** ” é um conector de duas isotopias: a do barco que foge dos perigos do mar e a do amante que foge dos perigos do amor. Mar e

amor estão, assim, conectados como signos do espaço do perigo, espaço ameaçador.

O navegante – metaforizado na figura do barco – está pronto para a navegação: suas velas estão içadas, mas recusa-se ir ao mar por medo das loucas marés, tempestades, nevoeiros, naufrágios, piratas e aventureiros. O amante, metaforizado pelo coração, está pronto para amar, mas recusa-se a entregar-se ao amor, temendo sofrer grandes decepções. Essas duas linhas isotópicas acabam sendo objeto de um juízo de valor disfórico: barco que não navega e amante que não ama não cumprem a sua natural destinação: navegar e amar. Essas duas leituras são possíveis graças às linhas isotópicas que presidem o texto. Como podemos ver, a criativa construção de isotopias, tanto no texto escrito como no texto oral, pode propiciar recursos de alta expressividade estética.

Pregando na cidade de São Luís do Maranhão, em 1654, o padre Antônio Vieira discute, no Sermão da Sexagésima ou do Evangelho, o porquê de muitos sermões não tocarem a sensibilidade dos fiéis. Eis outro exemplo de criatividade e competência na condução da linha isotópica.

(...) “O sermão há de ter um só assunto e uma só matéria. Por isso, Cristo disse que o lavrador do Evangelho não semeara muitos gêneros de semente, senão uma só: Exiit, qui seminat, seminare semen. Semeou uma semente só, e não muitas, porque o sermão há de ter uma só matéria, e não muitas matérias. Se o lavrador semeara primeiro o trigo, e sobre o trigo semeara centeio, e sobre o centeio semeara milho grosso e miúdo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso, nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco. Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento: que se há de colher senão vento. “

O notável Vieira trabalha nesse sermão a isotopia da semeadura para analogicamente descrever a atividade do pregador como a de um lavrador (pregador=lavrador). Por isso, vai articulando, com grande coerência, traços

semânticos construtores dessa isotopia: a semente (matéria do sermão) deve ser única sob pena do nascimento de uma mata brava (confusão de temas). Em seguida, recorre a uma segunda isotopia: a isotopia da navegação. Agora o pregador é configurado como timoneiro navegante (pregador = navegante). Se decide por muitos destinos (norte, sul, leste e oeste) não chegará a lugar nenhum. As indicações geográficas (norte sul, leste e oeste) retomam a ideia do excesso de temas, o que inviabiliza a possibilidade de se chegar ao destino desejado. A redundância das duas isotopias, a do pregador-lavrador (aquele que deve semear apenas uma semente) e a do pregador-navegante (aquele que deve navegar apenas em única direção), dá ao sermão melhor possibilidade de entendimento. Pe. Vieira sempre recorreu com grande competência às figuras exemplificativas para melhor visualizar aos fiéis a linha temática defendida. Por serem as ideias de natureza abstrata, Vieira vale-se das imagens concretas (semente, lavrador, trigo, mata brava, navegante, vento...) facilitando dessa forma aos ouvintes o entendimento da mensagem veiculada.

A construção da linha de raciocínio que defende a necessidade de se pregar um tema só pode ser assim explicitada:

*Pregador - lavrador/uma semente; muitas sementes = mata brava.
Pregador - navegante/uma direção; muitas direções = nenhum destino.*

Muitas sementes sugerem mata brava; muitas indicações geográficas sugerem impossibilidade de destino. Em síntese, as figuras podem ser assim traduzidas: o bom pregador sabe que o sucesso do seu sermão depende da fixação de um tema único, sob pena de se perder na multiplicidade dos assuntos tratados.

Cecilia Meireles, no poema “4º motivo da rosa”, trabalha poeticamente a figura das rosas, recorrendo a traços humanos que se repetem ao longo do texto. Essa isotopia (humano=flor) acaba autorizando a leitura dessas rosas, não como rosas, mas como seres humanos que fazem diferentes opções de vida.

*“Não te aflijas com a pétala que voa: também é ser, deixar de ser assim.
Rosas verás, só de cinzas franzidas, mortas, intactas pelo teu jardim.
Eu deixo aroma até nos meus espinhos ao longe, o vento vai falando de*

mim. E por perder-me é que vão me lembrando, por desfolhar-me é que não tenho fim.”

Partindo do conector semântico “rosa”, Cecília Meireles nos oferece isotopicamente a construção de duas rosas, que rosas não são. A primeira é a que se abre e que se doa (pessoa altruísta, solidária) e que não deve sofrer, portanto, com as perdas naturais figurativizadas na imagem da pétala que voa:

“Eu deixo aroma até nos meus espinhos/ por desfolhar-me não tenho fim.”

A segunda é a rosa que se fecha e morre inteira sem nada doar aos semelhantes:

“Rosas verás só de cinzas franzidas, mortas intactas pelo teu jardim.”

São as pessoas egoístas que nada doam de si. Por isso, morrem esquecidas e intactas, já que nada de bom deixaram para ser lembradas.

A repetição de traços semânticos humanos na configuração dessas duas rosas antitéticas tornam-nas exemplos concretos de pessoas que vivem de maneira oposta. A rosa que se doa tem o seu aroma levado pelo vento, o que lhe garante a lembrança do bem que fez. A rosa que nada doa, permanecendo intacta, nada pode oferecer ao vento e, por isso, morre sem conseguir ultrapassar os estreitos limites do jardim. Essa leitura, que ora fazemos, altruísmo x egoísmo, não é fruto da livre interpretação, mas uma leitura possível graças ao trabalho isotópico que a autoriza.

Figuras De Linguagem: Recurso Estético De Persuasão

A linguagem pode ser utilizada apenas para veicular uma mensagem de forma lógica e objetiva e também para, além da informação, criar efeitos estéticos que tocam a sensibilidade do leitor ou do ouvinte. No primeiro caso, temos a linguagem denotativa, aquela comprometida com o sentido racional e usual da palavra; no segundo, a conotativa. Observemos, concretamente, como ocorrem essas duas possibilidades:

- Linguagem denotativa: o rapaz beijava a namorada.
- Linguagem conotativa ou figurada: o mar beijava a areia.

A linguagem figurada é, portanto, aquela em que predominam os elementos subjetivos sobre os objetivos, tudo para expressar emoção, colorido estético. A linguagem conotativa ou figurada, por fugir do padrão convencional, é criativa, oferecendo ao ouvinte ou ao leitor a possibilidade de uma linguagem nova, que instaure uma nova visão de realidade. Costumam-se dividir as figuras de linguagem em três tipos: figuras de palavras, figuras de sintaxe ou de construção e figuras de pensamento.

FIGURAS DE PALAVRAS

• Metáfora

Ocorre quando se empregam palavras pelo processo de analogia, ou seja, usando-se o recurso da semelhança.

Essa mulher é um furacão!

Pérolas brilhavam quando Luana sorria. A vida é uma caixinha de surpresas.

• Comparação

Ocorre quando se confrontam ideias por meio de conectivos.

Essa criança é como um anjo.

Os elogios são como perfumes: alguns nos agradam, outros nos enjoam.

Determinadas metáforas perdem, no uso prolongado, o valor expressivo, o que as torna expressões comuns. É a figura chamada catacrese: pé de mesa; braço da cadeira, bico da chaleira...

• Metonímia (sinédoque)

Ocorre quando um determinado objeto pode ser designado por outro objeto por existir entre eles uma relação de contiguidade, de proximidade, de posse.

O pobre vive do seu suor. (suor = trabalho)

No jantar serviram pratos apetitosos. (usou-se o continente pelo conteúdo)

Todos os dias corremos atrás do pão difícil. (pão = alimento)

Esse é um portinari legítimo. (usou-se o autor pela obra)

O brasileiro quer profundas reformas políticas. (usou-se o singular pelo plural)

• **Antonomásia ou Perífrase**

É a substituição de um nome por outro nome que com facilidade possa ser identificado.

A cidade Maravilhosa exhibe o melhor carnaval do mundo. (Rio de Janeiro)

Quem não se extasiou com as palavras do Águia de Haia? (Rui Barbosa)

Nunca nos afastemos das palavras do Mestre! (Jesus Cristo)

FIGURAS DE SINTAXE

Objetivando conferir maior expressividade à frase, o enunciador comumente desvia-se da costumeira coesão gramatical. Foge assim das estruturas sintáticas modelares para ativar processos expressivos que deem às frases um brilho novo, uma ressignificação.

• **Elipse**

O enunciador omite um termo facilmente identificável pelo contexto.

Aos ricos, toda a reverência imaginável, aos pobres, profundo desprezo. (prestava)

Na sala, móveis modernos, quadros famosos, objetos do bom gosto. (havia)
Por ser um recurso de concisão, a elipse deve ser usada pelo orador em enunciados que objetivem enumeração, ações sucessivas, rapidez.

O rosto pálido. O medo. As pernas trêmulas. O medo. O coração descompassado. O vento açoitando a noite causava-lhe arrepios.

Doze de agosto. Vinte três horas. Ansiedade. Um cigarro atrás do outro. Vazias taças e garrafas. Uma dúvida cortante. Saber, enfim, o porquê de tanto sofrimento.

• **Zeugma**

É uma forma particular de elipse que ocorre quando o termo omitido já foi utilizado anteriormente.

O dinheiro é de ouro e o silêncio, de prata. (é) A casa era imponente. Os

jardins, humildes. (eram) Nas palavras dele havia ironia; nas palavras dela, rancor. (havia)

• **Pleonasmo**

É o excesso de palavras para a enunciação de uma ideia. É a redundância. Pode ser vicioso quando, grosseiro, nenhuma expressividade dele resultar. É, portanto, demasia condenável.

Não temos outra alternativa.

Eis o elo de ligação.

Mário é o principal protagonista.

Não devemos considerar pleonasmo vicioso os chamados epítetos da natureza:

Flores perfumadas, céu azul, mar salgado, noite escura.

Nesses casos, não temos a redundância grosseira, mas um recurso enfático.

Muito usado na oratória, o objeto pleonástico confere elegância e expressividade aos enunciados.

Os amigos, guardo-os no mais fundo do meu coração. (o pronome “os” é pleonástico)

Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes. (os pronome lhe e lhes são pleonásticos)

A mim não me enganas. (o pronome me é pleonástico)

• **Hipérbato**

É a inversão da ordem normal das palavras na oração ou ainda das orações no período, tudo objetivando expressividade.

Das pernas da moça ele não tirava os olhos.

Um profundo palavrão o chefe irritado proferiu.

Que arcanjo teus sonhos veio

Velar, maternos, um dia? (Fernando Pessoa)

• **Anástrofe**

É um tipo de hipérbato, um processo de inversão. É a anteposição do determinante (preposição) ao determinado (substantivo).

O das águas gigante caudaloso. (Gonçalves Dias)
De música, bebida e mulheres quem não gosta? Do amor tudo já foi dito.

• **Prolepse**

É a deslocação de um termo de uma oração para outra que a antecede. Essa figura é conhecida também como antecipação.

Os jovens parece que vivem num mundo de pura fantasia. (Parece que os jovens vivem...)
O eloquente orador dizem que não participará do evento. (Dizem que o eloquente orador...)

• **Assíndeto e Polissíndeto**

Essa figura ocorre quando as orações de um período ou termos de uma oração não estão ligados por conjunção coordenativa. São as chamadas orações assindéticas.

O suspeito chegou, entrou, sacou a arma, ameaçou.
O polissíndeto é o contrário do assíndeto, ou seja, é o emprego intenso de conjunções coordenativas.
Foi pai, e esposo, e amigo, e profissional exemplar.
Nada recebi do que merecia. Nem dinheiro, nem obrigado, nem reconhecimento, nem abraço.
E o meu caminho será florido, e o seu será de espinhos, e viveremos distantes, e nada mais existirá entre nós.

• **Anacoluto**

É a brusca interrupção da construção frasal deixando muitas vezes o sujeito sem predicado.

A morte, não quero pensar em coisas ruins.
Quem ama o feio, bonito lhe parece.
Minhas esperanças, já não sinto forças para recomeçar. Morrer, todos haveremos de morrer um dia.

• **Isócolo**

É a construção de períodos que apresentam orações de extensão igual ou quase igual, repetindo a mesma estrutura.

Não existe beleza que o tempo não envelheça; flor que o tempo não lhe roube o perfume, alegrias que o tempo não transforme em desesperanças.

O s moços buscam os prazeres, os fatigados querem o repouso, os sonhadores buscam as fantasias, os cétricos não têm o que buscar.

• **Anáfora**

É a repetição de uma palavra no início da frase ou de versos.

“Tudo cura o tempo, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba”. (Padre Antonio Vieira)

Nada mais alimentará meus sonhos, nada mais conduzirá os meus passos, nada mais me iludirá.

• **Antimetábole**

É a repetição das palavras invertendo-se a ordem em que apareceram.

As pessoas devem trabalhar para viver e não viver para trabalhar. Há ocasiões em que nada digo, em outras digo nada.

• **Diácope**

É a repetição intercalada de uma mesma palavra.

O amor. Ssomente o amor, pode nos libertar.

Todos vivemos na busca do dinheiro, dinheiro infeliz, que pode nos desgraçar.

• **Anadiplose**

Essa figura ocorre quando uma palavra localizada no final de um membro de frase é repetida no início de outro membro de frase.

Não há como não temer o inimigo, inimigo que nos aguarda numa esquina qualquer.

Não sei fugir dos seus olhos, olhos que me chamam e me assustam. Só existe conquista havendo luta e da luta não se deve fugir.

• Silepse

É a concordância que não se faz com a forma gramatical das palavras, mas com a ideia que se quer expressar. É a chamada concordância ideológica. Há três tipos de silepse:

Silepse de número:

Quando o substantivo singular é concebido como plural.

A gente estressada e revoltada diziam palavrões.

Esse pessoal, depois de tudo o que aconteceu, pouco aprenderam.

Há também silepse de número quando o sujeito da oração é o pronome nós ou vós, aplicados a uma só pessoa, permanecendo no singular os adjetivos e os participípios que a esses pronomes se referem.

Sois bondoso comigo.

Estamos contente com o seu desempenho.

Silepse de gênero

Essa figura é comum com os pronomes de tratamento.

Vossa Excelência está irritado com toda razão.

A concordância gramatical seria: Vossa Excelência está irritada...

Silepse de pessoa

Ocorre quando o enunciador, por exemplo, considera-se incluído num sujeito eles (terceira pessoa do plural).

Todos os brasileiros sentimo-nos orgulhosos com as manifestações de cidadania.

Concordância gramatical: Todos os brasileiros sentem-se ...

Hoje comemoraremos o prêmio que a gente ganhamos.

Concordância gramatical: Hoje comemoraremos o prêmio que a gente ganhou.

FIguRAS DE PEnSAMEnTO

• Hipérbole

É o exagero usado como recurso de ênfase.

Hoje comi um boi. Já lhe disse isso um milhão de vezes!

- **Eufemismo**

É a figura por meio da qual procuramos suavizar o sentido de uma expressão indesejada.

Você faltou com a verdade. (você mentiu) Sofria muito, melhor ter descansado. (ter morrido)

- **Prosopopéia ou Personificação**

Ocorre quando se atribui características de seres animados a seres inanimados.

O fogo devorava tudo nervosamente. A brisa da tarde fazia-lhe carinhos, segredava-lhe coisas do amor.

- **litotes**

Essa figura ocorre quando afirmamos pela negação.

Paulo não é nada bobo. (é esperto) Não estamos nada contentes com você. (estamos descontentes)

- **Ironia**

Ocorre quando sugerimos com intuito sarcástico o contrário do que as frases expressam.

Que inteligência aguda você tem. (a pessoa não é nada inteligente)

Nossos políticos são um exemplo de dignidade e trabalho. (corruptos e preguiçosos)

- **Antítese**

Ocorre quando se empregam palavras ou expressões de sentidos opostos.

Uns vivem buscando a luz; outros, as trevas.

A palavra é bigúmea: une e separa, semeia o amor, mas também, o ódio.

“Última flor do Lácio inculca e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura.” (Olavo Bilac)

- **Apóstrofe**

É a figura da evocação de seres reais ou ficcionais.

Deus, ó Deus! onde estás, que não respondes? (Castro Alves)

Liberdade! Quantos não clamaram em vão o teu nome? Não me enfeitice, desejo insano, já não sei amar.

• **gradação**

Essa figura ocorre quando se expressam ideias em sentido crescente ou decrescente.

Eu era pobre. Era um subalterno. Era nada. (Monteiro Lobato)

O ciúme traz a incompreensão, a incompreensão traz a discórdia, a discórdia traz a separação.

A sílaba, a palavra, as orações, o caminho das ideias está feito.

• **Óximoro**

É o uso do contrassenso, do paradoxo.

Essa luz escura que me persegue e me liberta. Essa alegre tristeza que envolve os meus dias.

5

A linguAgem do Corpo

Há no corpo uma linguagem que convence e emociona . A palavra sabe o quanto do corpo precisa .





129

Voz e Emoção

Seres emocionais que somos, valorizamos muito a carga afetiva da mensagem veiculada pela voz. Por isso, somos tão afetados pela emoção que a fala carrega. Geralmente, a persuasão ocorre muito mais pela forma afetiva ou assertiva como dizemos algo do que pelo conteúdo enunciado. Isso explica por que nos afetam tanto o choro de alguém ou mesmo a manifestação intensa de ódio. Decididamente, a emoção transmitida pela voz é fator fundamental no processo persuasivo.

Tanto quanto um ator, o orador precisa, então, sentir o que fala, vivenciar as emoções que o seu discurso libera. Sendo frio e insensível, nada provocará em seus ouvintes, senão uma sensação de fala mecânica, artificial e, acima de tudo, enfadonha.

Na produção do discurso, a voz, ajustada ao conteúdo proferido, às expressões faciais e gestuais, é um elemento poderoso. É através dela que levamos à plateia a nossa mensagem na busca da empatia e da persuasão. Pela voz identificamos o sexo, a idade, a situação emocional de uma pessoa e, até mesmo, marcas reveladoras da sua personalidade.

Sabemos que profissionais de sucesso são vitoriosos porque contagiam os seus interlocutores com uma fala que denota segurança, entusiasmo... No mundo competitivo, não basta ser competente, é preciso mostrar-se competente e nesse aspecto a voz é fator decisivo.

Produzida nas nossas cordas vocais, a voz ecoa pela cavidade oral sendo moldada pelos órgãos da fala. A projeção da voz passa, então, a depender das cavidades de ressonância (faringe, laringe, boca e seios paranasais). Para que o som produzido ganhe clareza de recepção pelo ouvinte, é necessário que haja uma movimentação bem coordenada por outras estruturas: língua, dentes, lábios e mandíbula.

Nesse processo de emissão vocal, a respiração é fator de grande relevância. Inspiração e expiração bem coordenadas garantem, em boa parte, o sucesso da nossa comunicação. Daí a importância de o orador saber tirar proveito das pausas. Uma respiração intensa, entrecortada, denuncia nervosismo, insegurança, o que compromete a imagem do orador.

A pausa é silêncio produtivo e, até mesmo, expressivo. Ela está associada ao cuidado didático que devemos ter para com o nosso interlocutor. Se percebermos sua dificuldade na compreensão do que dizemos, faremos um discurso mais pausado. Evidentemente, não deveremos exagerar na dose, pois um discurso excessivamente pausado denuncia que não estamos dando o devido valor à inteligência do ouvinte. Se o nível de compreensão for bom, poderemos enunciar a nossa mensagem como menos pausas. Devemos tomar o cuidado, contudo, de não inserir pausas na linearidade de

um enunciado que ainda não se completou semanticamente. Se assim procedermos, truncaremos a informação, acarretando-lhe a incompreensão.

Uma postura corporal adequada facilita o processo da respiração garantindo um eficiente fluxo de inspiração e expiração de ar facilitando sobremaneira a desejável produção vocal. Manter a extremidade do queixo erguida num ângulo de 90° com o pescoço permite o livre trabalho da laringe e das cordas vocais.

É fundamental que o orador tenha consciência da sua postura corporal evitando, assim, procedimentos incorretos que prejudicarão a sua atuação discursiva. Observemos algumas posturas inadequadas:

- Manter o queixo apontado para baixo, bloqueando o fluxo do ar e prejudicando a projeção da voz;
- Manter os ombros erguidos e encurvados para frente;
- Manter a cabeça inclinada para um dos lados;
- Manter uma musculação facial tensa, travando a boca;
- Manter uma respiração entrecortada, curta, o que acarreta uma emissão vocal deficiente.

Alguns procedimentos são fundamentais para uma boa emissão vocal:

- Faça um aquecimento vocal com exercícios adequados antes de usar a voz de forma intensiva;
- Evite permanecer em ambientes poluídos com presença de fumaça, poeira, mofo...
- Mantenha o corpo bem hidratado, bebendo dois litros de água por dia, repondo as perdas naturais pelo suor e urina; pigarro continuado e saliva grossa podem sinalizar baixa hidratação;
- Evite bebidas e alimentos gelados, pois o choque térmico produz muco e edema nas pregas vocais;
- Evite elevar a voz em ambientes ruidosos na tentativa de superar os ruídos excessivos (competição sonora);
- Abra bem a boca, garantindo uma articulação correta das palavras e melhor amplificação dos sons;

- Evite bebidas alcoólicas, principalmente as destiladas, modere a ingestão de café e chá preto (cafeína) e não fume;
- Nos quadros de gripe, resfriados, alergias das vias respiratórias, fale o mínimo possível;
- Evite permanecer em ambientes com ar condicionado que provoca ressecamento do trato vocal;
- Depois de usar intensamente a voz, faça um período de repouso vocal;
- Seja autocrítico: avalie se não está falando mais alto do que o necessário;
- Procure usar roupas que não apertem a região do pescoço, do tórax e do abdômen.
- Encha os pulmões com ar suficiente para suportar a emissão de enunciados mais longos; mantenha uma reserva de ar nos pulmões para que o final dos enunciados não se torne inaudível;
- Mantenha uma respiração diafragmática, aquela em que a nossa barriga é inflada no momento da inspiração e esvaziada na expiração.

A modulação vocal ocorre quando variamos a altura e a intensidade da voz para atingir efeitos expressivos desejados. É outro recurso valioso na produção do discurso eficiente. Há três possibilidades de modulação da voz em consonância com a emoção que se deseja expressar:

Padrão ascendente: quando finalizamos a frase com um tom de voz para cima. Nesse caso, indicamos sentimento de alegria, de surpresa agradável, de encanto com algo...

Padrão descendente: quando finalizamos a frase com um tom de voz para baixo. Nesse caso, indicamos o sentimento de tristeza, de frustração, de desencanto...

Padrão neutro: quando conduzimos a frase linearmente em enunciados objetivos, meramente informativos, sem interferência marcante do elemento emocional.

Mantendo o Foco

LEITURA EXPRESSIVA

Uma mesma frase pode veicular emoções diferentes. O bom orador sabe valorizar a carga emotiva exigida pelo contexto. Pronuncie as frases abaixo, cuidando para que tenham a expressividade solicitada.

1. Quem arrumou as minhas coisas? (surpresa agradável)
2. Quem arrumou as minhas coisas? (surpresa desagradável)
3. Você não imagina quem eu encontrei hoje na rua. (alegria)
4. Você não imagina quem eu encontrei hoje na rua. (tristeza)
5. Você não imagina quem eu encontrei hoje na rua. (raiva)
6. Boa tarde, poderia ajudá-lo em alguma coisa? (boa vontade)
7. Boa tarde, poderia ajudá-lo em alguma coisa? (má vontade)
8. Entregarei os relatórios amanhã. (neutralidade)
9. Entregarei os relatórios amanhã. (alegria)
10. Não sou quem você está pensando. (bom humor)
11. Não sou quem você está pensando. (mau humor)
12. Não sou quem você está pensando. (irritação)

Leia as frases seguintes dando ênfase nas palavras destacadas: 1. Não estamos aqui para ouvir um **ABSURDO** como esse.

2. Não estamos **AQUI** para ouvir um absurdo como esse.
3. Não estamos aqui para **OUVIR** um absurdo como esse.
4. Não estamos aqui para ouvir um absurdo como **ESSE** .
5. Não **ESTAMOS** aqui para ouvir um absurdo como esse.
6. Ninguém vai me dizer o que **EU** devo fazer.
7. **NINGUÉM** vai me dizer o que eu devo fazer.
8. Ninguém vai me **DIZER** o que eu devo fazer.
9. Ninguém vai me dizer o que eu devo **FAZER** .
10. Ninguém vai me dizer **O QUE** eu devo fazer.
11. Não tenho **IDEIA** de como isso aconteceu.
12. Não tenho ideia de como **ISSO** aconteceu.
13. Não tenho ideia de como isso **ACONTECEU** .
14. **NÃO TENHO** ideia de como isso aconteceu.
15. O meu sonho é ser um grande **ORADOR** .

16. O **MEU SONHO** é ser um grande orador. 17. O meu sonho é ser um **GRANDE** orador. 18. O meu sonho é **SER** um grande orador.

A Articulação

O jogo articulatório é uma habilidade desenvolvida de forma espontânea na infância. No seu aprendizado, ocorre a fixação de alguns hábitos defeituosos no movimento e na posição dos órgãos da boca. A técnica de correção dessas irregularidades se dá pela ortoépia, que se apoia em estudos científicos da fonética.

As palavras são formadas por fonemas, sons elementares encadeados, que se distinguem entre si. Uma articulação defeituosa por frouxidão e falta de nitidez dos movimentos bucais pode gerar confusão entre os fonemas na recepção do ouvinte. Ainda que compreendido, o fonema emitido defeituosamente desobedece à norma de pronúncia considerada elegante, o que desqualifica socialmente a pessoa que o proferiu. Em oposição a essa emissão frouxa e vulgar, há também o perigo do exagero na busca da melhor articulação, a que se dá o nome de hiperurbanismo, o que acaba soando pedante. Também não coincidem com a norma da pronúncia elegante os hábitos exagerados de articulação de uma determinada região do país. Corrigi-los é aconselhável já que podem expor o expositor a uma situação vexatória diante de um auditório extrarregional.

Um obstáculo considerável à boa pronúncia são os parônimos, palavras que se diferenciam por um ou dois dos seus fonemas. Se pronunciarmos de forma correta, distinguiremos os pares: fruir (gozar) e fluir (escorrer), fragrante (cheiroso) e flagrante (de surpresa, em chamadas)... É preciso observar que o /r/ é muitas vezes articulado como o /l/ com a ponta da língua junto aos dentes. Contudo o /r/ exige uma vibração mais prolongada para que seja diferenciado da outra consoante líquida.

Em uma articulação desleixada, pode-se anular a oposição imanente nesses pares de palavra: bote e pote, galo e calo, dão e tão... Nesse caso, a importante vibração das cordas vocais na laringe enuncia a consoante sonora em distinção à consoante surda (sem essa vibração).

Como se pode inferir nesses exemplos, a boa articulação é fundamental não só para a garantia da inteligibilidade, mas também como fator de inclusão

positiva entre aqueles que seguem a norma da pronúncia culta ou elegante. Engolir as vogais átonas no início de certas palavras, como brigado (por obrigado), deixar de pronunciar as consoantes finais /r/ e /s/ de palavras não oxítonas como revolve (por revólver), as casa (por as casas) são, evidentemente, articulações defeituosas que desqualificam socialmente o emissor.

Objetivando uma pronúncia agradável, observemos:

- Não falar muito depressa. A velocidade excessiva na pronúncia das palavras leva à supressão de sílabas;
- Evitar vícios de pronúncia na emissão das consoantes dentais t e d, pronunciados defeituosamente tchi e dji;
- Pronunciar com clareza os ditongos: leiteiro (e não leitero), cadeira (e não cadera);
- Cuidado na emissão dos grupos consonantais: advo - gado (e não adevogado), absoluto (e não abissoluto); abdicar (e não abidicar);
- Não colocar vogal onde não existe: nós (e não nós) ;
- Não omita o “r” e o “s” finais: levá, comê, trazê; fize- mo, gostamo...
- Cuidado com a troca do “l” por “r”: crássico (por clás- sico), Cróvis (por Clóvis).
- Não troque o “d” pelo “n”: vendeno, cantano, tabalhano;

Mantendo o Foco exPressiVidade

Excelente exercício para melhorar a nossa a nossa dicção é a leitura expressiva feita em voz alta e acompanhada dos gestos enfáticos. É através dela que educamos os nossos ouvidos e desenvolvemos a nossa sensibilidade. Antes de fazer os exercícios de leitura expressiva, observe as seguintes recomendações:

- Leia o texto de forma silenciosa, procurando entendê-lo o melhor possível;
- Leia o texto novamente para sublinhar as palavras ou expressões que devam ser enfatizadas.

- Leia mais uma vez o texto, colocando barras de separação nos pontos onde deva fazer as pausas para garantir eficiência no processo de respiração;
- No ato de leitura, procure sentir a emoção que o texto veicula e a expresse da forma mais fiel possível;
- Procure pronunciar todas as sílabas com boa articulação, variando o ritmo da fala conforme a exigência do texto; dê musicalidade à sua fala.
- Não leia muito depressa, pois a pronúncia muito rápida suprime sílabas, prejudicando a clareza do que se diz.
- **Mantenha a altura da voz para garantir a inteligibilidade da mensagem lida, variando a intensidade e a duração conforme as exigências do texto.**

Textos para exercícios de leitura expressiva

TEXTO 1:

“Alma minha gentil, que te partiste Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste, Memória desta vida se consente, Não
te esqueças daquele amor ardente Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me cou Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou, Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou”..

Luiz Vaz de Camões

TEXTO 2:

“Nasce o Sol, e não dura mais que um dia, Depois da Luz se segue a noite
escura, Em tristes sombras morre a formosura, Em contínuas tristezas a
alegria.

Mas no Sol, e na Luz, falte a rimeza, Na formosura não se dê constância, E
na alegria sinta-se tristeza.

Porém se acaba o Sol, por que nascia? Se formosa a Luz é, por que não dura? Como a beleza assim se trans gura? Como o gosto da pena assim se a?

Começa o mundo em m pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A rmeza somente na inconstância. (Gregório de Matos Guerra)

TE_xTO 3

“Os médicos dizem que caminhar faz bem ao corpo. Colesterol, diabete, pressão alta, prisão de ventre. Quem anda tem mais chance de viver uma vida longa. Sobre isso ninguém tem dúvidas. Mas é preciso que se diga que andar também faz bem à alma. A alma é o cenário onde os pensamentos caminham. Os pensamentos que não caminham cam doentes, à semelhança do corpo que não caminha.

Quando caminho, eu não caminho. Caminhar, como o nome está dizendo, é percorrer um caminho. Percorre-se um caminho para chegar a algum lugar. Mas quando eu caminho, eu não quero chegar a lugar algum. Quero simplesmente estar indo. Cada ponto do caminho é um ponto de chegada. Nietzsche se ria dos turistas que subiam as montanhas, suando e bufando: o que eles queriam era chegar ao alto da montanha. Cegos pela estupidez, não viam que cada lugar da caminhada estava cheio de beleza. A felicidade não se encontra ao nal. Dito pelo Guimarães Rosa: a coisa não está nem na partida nem na chegada: está na travessia. “ (Alves, 2003,p.31)

TE_xTO 4

“O massacre dos meninos de rua tem mil e uma utilidades. Age como uma tampa que explode na chaleira fervente e nos faz ver coisas obscuras.

A primeira descoberta é a desimportância de nossa indignação. Que é a nossa indignação? Ela é feita de sentimentos difusos, de véus, de rendas lacrimosas e abstratas: piedade, horror, culpa, medo, impotência.

Nossos sentimentos são abstratos, o massacre é concreto. Nossa dor é moral, o massacre é real. Esta dor é incorreta – devíamos ter a alegria de um aprendizado, – pois o grande ensinamento do massacre é justamente essa brutalidade real que nos rege a todos (se bem que a nós, nos,

disfarçadamente). Deveríamos agradecer aos meninos massacrados; além de morrer, eles nos ensinam a verdade. Os meninos que cheiram cola na Sé são a vanguarda do nosso pensamento político. A ação dos PMs assalariados pelos comerciantes da Candelária é apenas a gafe que denuncia a convivência que temos com a brutalidade. Nós nos chocamos porque eles interpretam com boçal realismo nossa indiferença difusa. (...)

Lá no mundo do crime, a vida acontece. Aqui no mundo do jornal as coisas doem. Nossa dor não adianta nada contra o mal real. Só para o nosso bem. O massacre serviu para o Sarney escrever um poema (e eu um artigo). Nossa indignação é feita de uma bondade tão simbólica como as lágrimas da carpideiras profissionais.” (...) (Jabor, 1995, p.65)

TEXTO 5

“A primeira coisa que me desedica, peixes, de vós, é que vós comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como só grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho. (...) “Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria e todos naturalmente irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.” (Pe. Antonio Vieira - Sermão de Santo Antônio ou dos Peixes)

A expressividade do corpo

Em oratória, devemos entender a palavra gesto no seu sentido amplo, envolvendo não só a movimentação de braços, mãos e pernas, mas também cabeça, tronco, espáduas, olhos, lábios... O corpo, poderoso recurso expressivo, complementa harmonicamente a expressão verbal, dando-lhe brilho e colorido estético.

O nervosismo excessivo imobiliza o orador que, numa atitude de defesa, prende o corpo, evitando qualquer manifestação gestual. É o que lhe pode acontecer de pior, pois tal atitude denuncia-lhe a insegurança e o desconforto por que passa. A plateia imediatamente perceberá essa incômoda situação e não mais conseguirá ouvir o orador com naturalidade. Superar tais limitações é possível e desejável. Com exercícios específicos e

observação da própria imagem gravada em treinamentos, o aprendiz de oratória vai gradativamente aprendendo a harmonizar o discurso verbal à gestualidade.

Naturalidade, esta é a palavra-chave a ser observada. Deixar os gestos fluírem naturalmente, ajustando-os ao sentido das palavras. A expressão gestual acentuará enfaticamente o que está sendo dito, complementando a ideia enunciada, mantendo-se sempre o orador de forma espontânea e natural. Harmonizando gestos e palavras num diálogo expressivo, a mensagem enunciada passa a ser mais persuasiva.

• As pernas

O orador não deve colocar todo o peso do corpo sobre uma perna só. Ao fazê-lo, entorta o corpo, comprometendo a correção da postura. Tende, ao mesmo tempo, variar rápida e repetidamente a perna de apoio num jogo vicioso e deselegante. A melhor postura é aquela mantida com as pernas levemente afastadas uma da outra, de forma que se distribua igualmente o peso do corpo. Para descansar, deve o orador apoiar-se mais numa perna e, depois, na outra, mas de forma discreta para não comprometer a elegância da postura. Não deve abrir demasiadamente as pernas, pois essa posição enfeia-lhe a imagem, assemelhando-se as pernas às hastes de um compasso.

Alguns oradores mantêm as pernas muito unidas, o que retira o equilíbrio do corpo. Outros se movimentam exageradamente, passando ao auditório a imagem de desconforto e nervosismo.

Inaceitável é a tendência de cruzar as pernas em forma de X, fato bastante comum quando o orador apoia as mãos em uma mesa ou cadeira. Essa postura incorreta desqualifica o orador, diminuindo-lhe a credibilidade.

Não deve igualmente andar de um lado para outro, prática que evidencia todo o seu nervosismo, nem ficar empinando o corpo nas pontas dos pés, balançando-o viciosamente para a frente e para trás.

Para garantir uma postura correta e elegante, deve manter, a maior parte do tempo, o corpo ereto e uma perna levemente afastada da outra. Evidente

que, num momento enfático exigido pelo próprio discurso, deverá movimentar as pernas junto com o restante do corpo para definir a acentuação gestual requerida.

• Os braços e as mãos

Extremamente expressivas, as mãos, em gestualidade bem conduzida, tornam-se importantes no processo de persuasão. Para tanto, devem ser mantidas na linha da cintura e não ultrapassar a linha dos ombros senão num momento enfático. Da mesma forma, devem-se evitar os gestos abaixo da linha da cintura.

Mesmo em situações de conversação do cotidiano, nossas mãos estão sempre acentuando o que falamos. Essa naturalidade deve ser mantida no processo retórico e, quando a situação o exigir, devem as mãos acentuar ainda mais a expressividade gestual. Fundamental é não prendê-las, mantendo-as, por exemplo, cruzadas ou nos bolsos. A manutenção de uma das mãos no bolso, enquanto a outra gesticula, é perfeitamente aceitável, desde que esse gestual não se mantenha por longo período. A variação das ações gestuais é importante para fugir da monotonia da imagem única. Alguns oradores mantêm as mãos cruzadas atrás das costas e assim acabam comprometendo todo o processo discursivo. Todos os cacoetes, evidentemente, devem ser evitados, principalmente os de levar as mãos aos cabelos, ao nariz, aos óculos, à gravata... A manipulação de objetos como canetas, óculos, chaves, giz durante a fala prejudica a imagem do orador, chamando a atenção da plateia mais para o que faz do que para o que fala. Em apresentações acompanhadas de projeção de imagens, alguns oradores usam uma vareta, espécie de ponteira, o que é aceitável pelo aspecto funcional. No entanto, não devem ficar gesticulando como um maestro endoidecido quando não estão em atividade indicativa.

Não nos esqueçamos de que é preferível a pouca manifestação das mãos ao excesso da gestualidade. Quando as mãos se movimentam em excesso, a figura do orador torna-se cômica pelo desajuste observado.

Não é necessário manter as duas mãos em movimentação, podendo ficar uma em descanso enquanto a outra desenha a expressividade. O verbo “desenhar” tem aqui real importância para melhor designar a gestualidade

mais precisa e comunicativa. A mão fechada esmurrando o ar, o dedo em riste, as mãos espalmadas, o dorso de uma das mãos batendo na palma da outra, a mão em movimentos circulares, todos esses desenhos podem sugerir ideias de agressividade, de repetição, de suspensão... Ajustadas às palavras, essas movimentações desenhadas auxiliam consideravelmente a expressividade persuasiva.

Para iniciar o discurso, ajuda muito manter os braços naturalmente estendidos ao longo do corpo, que deve estar apoiado sobre as duas pernas, com os pés levemente afastados um do outro numa posição de equilíbrio e conforto. Em seguida, comece a soltar gradativamente os braços, um depois do outro numa movimentação natural e espontânea. Importante, ainda, que se intensifiquem os movimentos conforme a mensagem vai ganhando ênfase, fazendo as acentuações necessárias de acordo com o sentido das frases enunciadas.

• O tronco e a cabeça

A boa postura do tronco depende evidentemente do correto posicionamento das pernas, que devem garantir ao orador uma situação de conforto e equilíbrio. Mantendo-se ereto, com as pernas levemente afastadas uma da outra, evita-se entortar o corpo para um dos lados ou, até mesmo, encurvá-lo para a frente ou incliná-lo para trás. Há um princípio que se faz presente em todo o processo discursivo, de que não devemos nos esquecer: a naturalidade. Por isso, os extremos são sempre condenáveis. Um peito estufado associado à cabeça erguida produz uma imagem de arrogância, o que prejudica a necessária empatia que deve existir entre o orador e seus ouvintes. Um corpo relaxado, curvado para a frente, com ombros caídos, produz efeito contrário: a ideia de timidez, de desconforto e nervosismo.

Manter o tronco inflexível, lembrando a imobilidade da estátua, é evidentemente posicionamento condenável. É fundamental que o tronco tenha uma movimentação natural, inclinando-se com leveza tanto para frente como para trás, conforme a exigência da mensagem enunciada. Nunca é demais repetir que corpo e palavra devem estar sempre em perfeita harmonia para que a emoção possa ganhar a tradução visual necessária. Não se persuade nem se comove a audiência senão com a unidade corpo-palavra.

A cabeça possui alta expressividade. Quem desconhece a sinalização do sim e do não que ela produz? Também o orador deve evitar a arrogância da cabeça alteada excessivamente ou derrubada para a frente, denotando desconforto, insegurança. Naturalidade e espontaneidade devem igualmente ser observadas na condução dos movimentos da cabeça.

• O Semblante: Olhos e boca

Nenhuma dificuldade existe para reconhecer a tristeza, a alegria, o mau humor na fisionomia das pessoas. A expressividade facial é contagiante e pode facilitar ou dificultar a nossa interação com as pessoas.

Os olhos, no processo da comunicação, devem procurar os olhos do interlocutor, captando-lhe o interesse ou desinteresse com que recebe nossas palavras. Ao mesmo tempo, expressam nossos sentimentos, denunciando o quanto somos verdadeiros naquilo que dizemos. Não por outra razão, as pessoas costumam conferir a veracidade do que afirmamos consultando-nos a linguagem dos olhos.

O nervosismo do orador tende a fazer com que desvie o olhar dos seus ouvintes, fixando-o num ponto qualquer do auditório. Esse defeito de postura ocorre também por estar o orador muito concentrado, ensimesmado na busca das palavras, que acaba por esquecer completamente os seus ouvintes.

Quem fala com alguém, deve buscar o olhar dessa pessoa. Quando se discursa para uma plateia, o orador deve, portanto, “dialogar” como os olhos dos seus ouvintes. Nesse ponto, deverá fugir de uma tendência bastante prejudicial: fixar o olhar em apenas um ouvinte, esquecendo-se dos demais. O orador experiente e cauteloso sabe que precisa variar o foco do seu olhar para buscar interação com os diversos setores da plateia.

A boca que veicula a mensagem discursiva, órgão responsável pela dicção e, em parte, pela projeção da voz, é também fator de integração entre o orador e o auditório, sobretudo pela importância do sorriso. Ninguém aceita a expressão facial carrancuda no ato da interlocução. A presença do sorriso sincero favorece sobremaneira a empatia do orador com sua audiência. É preciso aprender a sorrir como elemento facilitador do relacionamento

interpessoal. É preciso que estejamos atentos para o fato de o nervosismo inicial tender a travar nossos lábios, produzindo dessa forma um semblante fechado e nada amistoso. Mostrar-se de tal forma à plateia é, sem dúvida, uma péssima maneira de com ela iniciar o necessário processo de relacionamento.

Claro que não pretendemos sugerir o afivelamento forçado do sorriso durante toda a fala. Seria artificial e, até mesmo, cômico. A expressão facial deverá transitar da alegria à tristeza, da tranquilidade à impaciência, da esperança ao desalento, tudo conforme o conteúdo da mensagem produzida.

6

A orAlidAde eFiCiente: Reuniões, Palestras Entrevistas.

Falar e ouvir: dividir com o outro o espaço das ideias .
Uma forma de dar e receber .





147

Participações em Reuniões

Frequentemente nos reunimos para debater ideias, tomar decisões, avaliar processos, elaborar projetos... Essa necessidade de nos agruparmos para os mais diversos fins é coisa costumeira na vida das empresas, das instituições. Evidentemente, o que se almeja nesse processo interativo é que do grupo nasçam as melhores decisões a serem implementadas. Para que alcancemos o sucesso esperado nessas reuniões, temos que nos conscientizar de que uma reunião nada mais é do que um exercício “do saber falar e do saber ouvir”. Uma reunião é, em síntese, um processo de comunicação. Como tal, deve ser pensada e organizada.

No processo de comunicação, a referencialidade é o passo primeiro a ser observado. Que assunto queremos discutir? Selecionado o assunto (a referência da reunião), é preciso formular a pergunta temática. Qual é o problema a ser discutido? Falando de uma outra forma, diríamos que as pessoas se reúnem porque têm, evidentemente, um assunto a ser tratado.

Mas só isso é pouco. É preciso que saibamos o porquê da urgência de discuti-lo.

Imaginemos que o diretor geral de uma indústria de calçados marque uma determinada reunião com os diretores dos diversos departamentos. O assunto a ser tratado já está definido: a necessidade de mudar o perfil da linha de produção. A reunião já tem, então, um assunto, uma referência. É preciso, então, dar o segundo passo: elaborar a pergunta temática: por que razões precisamos discutir essa mudança na linha de produção? Seria em razão da concorrência? Seria uma estratégia para atender alterações pontuais detectadas no mercado consumidor? Seria uma medida a ser tomada em razão da saúde financeira da própria empresa?

Colocado o assunto da reunião, feita e respondida a pergunta temática, apresentadas outras informações contextuais, o condutor da reunião começará, então, a colher as opiniões dos participantes.

Momento inicial da reunião:

- Solicitar a cada um dos participantes a manifestação da sua opinião e as respectivas justificativas, observando a necessidade de se respeitar o espaço de tempo que lhe é destinado;
- Propiciar a todos a livre manifestação sem que haja qual-quer interrupção do pensamento exposto;

Momento dos debates

- Oferecer a palavra para quem queira discordar de um de - terminado posicionamento, garantindo ao participante, de quem se discorda, igual tempo para defesa.
- Conceder a palavra a todos que queiram manifestar-se sobre as ideias em debate, garantindo-lhes que não sejam interrompidos para que possam desenvolver a linha de raciocínio de forma integral.
- Garantir a livre manifestação de cada participante, sem as indevidas interrupções, é fundamental para que o debate não descambe para um bate-boca que, via de regra, é sempre improdutivo.

- O condutor da reunião é também dela participante e, nessa condição, tem opiniões a defender. Deverá, portanto, observar as mesmas regras seguidas pelo grupo.

Momento final da reunião

- Colocam-se em votação as sugestões principais e o resulta - do fica registrado em ata. É importante que cada participante tenha o seu voto registrado para eventuais esclarecimentos.

Quando participamos de uma reunião, a primeira coisa a fazer é convencer-nos da importância do saber escutar. Ouvir atentamente a opinião do outro, mantendo a boa vontade de acompanhar-lhe o raciocínio, é atitude necessária para que possamos não só entender as razões alheias, como também preparar adequadamente a nossa posterior intervenção. É, além disso, uma forma de respeito ao companheiro que está expondo a sua linha de pensamento.

Infelizmente, nem todos os participantes procedem nessa situação com humildade e respeito. Os arrogantes, por exemplo, menosprezam a fala dos demais participantes, certos de que já possuem a resolução da questão debatida. Tanto assim o é que, durante a exposição de idéias de um colega, a mente vaidosa só se preocupa em formular os argumentos contrários para, no momento oportuno, apresentar as objeções.

Quem participa de uma reunião com decisões previamente tomadas, com o firme propósito de não mudá-las, está incorrendo num procedimento equivocado, pois nada justifica a sua presença num debate coletivo. O arrogante é geralmente um pobre de espírito que, fechando-se em si mesmo, corta qualquer possibilidade de enriquecer-se com o pensamento alheio.

Para participar produtivamente de uma reunião, deixando uma boa impressão naqueles que dela também participam, alguns procedimentos devem ser observados:

Concisão, Simplicidade e Objetividade

Seja conciso, não se estenda além do necessário. Repetir ideias, fazer comentários inoportunos, tentar impressionar os colegas com exemplos de autopromoção tornam a intervenção irritante, desqualificando a imagem de quem assim procede. Seja objetivo e claro na exposição de suas ideias. Não se esqueça de que a nossa vaidade desmesurada é sempre percebida por quem nos ouve e gera efeito imediato de desaprovação e repulsa. Evite o discurso solene, carregado de figuras retóricas e de emoção, pois tal estilo não é compatível com o padrão de comunicação de uma simples reunião. O momento é de oralidade e não de oratória. Use a linguagem formal próxima da coloquialidade procurando sempre dizer o essencial com objetividade e clareza. Evite cacoetes (“né”, “então né”, daí...), termos de gíria, piadinhas inoportunas e qualquer demonstração de verbalidade agressiva. Fale com elegância, respeitosamente, evite os arroubos dos chamados “donos da verdade”. Não discorra sobre assunto estranho à pauta, não faça divagações desnecessárias e irritantes.

Interação

Fale buscando interação visual com todos os presentes. Quando conversamos com alguém, nossos olhos participam expressivamente da interlocução. Não fale olhando apenas para uma determinada pessoa, pois tal conduta traduz desprezo aos demais participantes. A linguagem visual, quando bem conduzida no processo interativo, é altamente persuasiva. Não se esqueça de que o “olho no olho” é estratégia básica de persuasão.

Assertividade

Ao falar, demonstre firmeza e segurança na exposição de suas ideias. Seja assertivo, sem ser arrogante. Evite que sinais de nervosismo fragilizem a credibilidade dos seus posicionamentos. Pesquisadores têm revelado que os discursos proferidos com convicção e ênfase são mais persuasivos do que a mensagem rica de conteúdo, porém pobre de expressividade. Evite expressões que traduzem insegurança: “eu acho”, “talvez”, “eu acredito”, “se eu não estiver errado”... Fale com firmeza, mostre convicção na defesa de suas ideias. Para tanto, emita voz audível, num ritmo moderado e, se aparteado por uma voz discordante ou que lhe reclame explicações, mantenha o equilíbrio emocional, ouça atenta e respeitosamente as razões

do colega e, em seguida, faça uma avaliação honesta do que ouviu para só depois emitir o seu ponto de vista. Nunca se esqueça de que uma reunião não é um jogo competitivo de vencedores e derrotados, mas um espaço de troca de ideias entre participantes em busca do consenso possível e das decisões necessárias.

Gestualidade ao falar

Para produzir uma fala convincente, é preciso contar com a complementação da linguagem corporal. A palavra exige o recurso gestual que a completa e lhe confere expressividade. Libere as mãos para um gestual harmônico e natural. Mantenha uma expressão fisionômica amistosa. Evite manter o tronco imobilizado o tempo todo, movimentos singelos e alternados favorecem o processo de interação comunicativa. Seja comedido nos gestos, use-os em harmonia com o conteúdo da sua fala.

Gestualidade ao ouvir

Nunca se esqueça de manter uma postura corporal que sinalize interesse em ouvir a fala do companheiro de reunião. Afundar-se preguiçosamente na cadeira, apoiar o queixo na mão, com os cotovelos na mesa, são indicadores de má disposição e cansaço, sinais desrespeitosos para com a pessoa que apresenta suas ideias. Mantenha sempre uma atitude receptiva favorável àquele que fala. Sinalize fisionomicamente o seu interesse e motivação pelas ideias então apresentadas.

Humildade

Não se esqueça nunca de que as pessoas são seres diferentes e que por isso pensam diferentemente. A história de vida de cada uma delas faz com que tenham uma singular visão de vida e diferente quadro de valores. Aceitar as diferenças individuais é fator essencial para quem quer democraticamente debater ideias. Cuidado, contudo, com a modéstia exagerada. Não se desvalorize em confissões depreciativas: “na minha modesta opinião”, “embora eu não tenha a experiência necessária”, “peço antecipadamente que desculpem as minhas falhas”, “sei que não estou à altura dessa plateia”... Quando alguém se deprecia a tal ponto, perde a credibilidade dos

ouvintes e, pior, mostra-se inconsequente por aceitar tarefa para a qual reconhece não estar devidamente preparado.

Naturalidade

Alguns participantes adotam um comportamento afetado – vaidoso, agressivo, emotivo – que foge completamente da normalidade cotidiana. Os colegas percebem logo essa indesejável mudança, fato que desqualifica o participante afetado. Manter a naturalidade é fundamental para uma participação segura e convincente. Não interessa se a reunião é mais ou menos importante, o comportamento natural deve prevalecer em quaisquer ocasiões.

O Inconveniente

Se durante a sua apresentação, um participante insistir em conversar paralelamente à sua fala, não aumente o volume da sua voz. Ao contrário, diminua-o e mantenha o olhar direto para essa pessoa. Tanto ele, quanto os demais participantes perceberão a sua advertência sinalizada. Persistindo o problema, interrompa a exposição e pergunte diretamente ao inconveniente se há alguma coisa que ele queira perguntar ou esclarecer. De regra, o problema se resolve dessa forma.

Como conceder entrevistas

Convite de entrevista é pedido para ser aceito ou recusado. Seja a entrevista para jornal, televisão ou rádio, o princípio é o mesmo: aceita quem tem condições para concedê-la e quem não as tem deve recusá-la. Estamos enfatizando que não faz sentido conceder uma entrevista, quando se desconhece o assunto ou não se está devidamente preparado para discuti-lo. O entrevistado deve ser sempre alguém que tem o que dizer e, mais ainda, que possa acrescentar novas informações ao que já foi dito.

• naturalidade

Evite a vaidade de querer aparecer mais do que as respostas a serem dadas. Alguns entrevistados modulam a voz, assumem uma postura professoral, escolhem palavras “difíceis”, tudo para impressionar o leitor, o ouvinte ou o

telespectador. Quando isso acontece, o receptor acaba prestando mais atenção à cena circense protagonizada pelo vaidoso entrevistado do que àquilo que ele efetivamente está dizendo.

- **linguagem coloquial e objetividade**

A entrevista é pautada por perguntas, o que exige do entrevistado apenas respostas. Por mais óbvio que seja essa constatação, muitos entrevistados esquecem-se de que devem responder objetivamente ao que lhe foi perguntado e fazem verdadeiras palestras, em tudo inoportunas e inconvenientes. Antes de responder à pergunta que lhe foi endereçada, procure entender exatamente o que lhe foi perguntado. Não poucos entrevistados, mais preocupados com a elegância da sua imagem ou com a preciosidade da sua linguagem, acabam falando muito e não respondendo ao que lhe foi efetivamente perguntado. A importância de se estar atento ao conteúdo da pergunta é tanta, que muitos entrevistados exigem, sendo possível, o conhecimento prévio do que lhe será perguntado. Sem dúvida, esse é um procedimento cauteloso, que nos oferece algum tempo para bem entender as perguntas e, ao mesmo tempo, organizar a forma de como as responderemos.

- **gestualidade**

Não nos esqueçamos de que não falamos apenas com a boca, pois todo o nosso corpo “fala”. Mantendo as mãos em gestualidade contida e natural, os olhos com a expressividade requerida pela interlocução, o corpo ereto e uma fisionomia descontruída, estaremos oferecendo ao nosso receptor uma imagem favorável que poderá influenciá-lo positivamente, captando-lhe a simpatia e a boa vontade de nos ouvir.

Conferências e palestras

O conferencista ou o palestrante devem ser evidentemente especialistas no assunto a ser comunicado aos ouvintes. Não se admite que alguém ocupe o tempo das pessoas quando não domina o tema a ser tratado. Sendo conhecedor do que fala, o palestrante não deve, em tese, ler sua palestra. Apenas em algumas oportunidades, por exigência de certos eventos formais, exige-se que o palestrante leia o seu texto. Se assim ocorrer, cabe

ao palestrante o cuidado de redigir um texto especialmente para ser ouvido. Redigir para o ouvido requer do palestrante que saiba identificar as características que diferenciam a linguagem escrita da falada.

Outra possibilidade é a realização de palestra, apoiando-se em esquemas previamente formulados. Nesse caso, o palestrante apenas se apoia num roteiro bastante sintético, situação essa que lhe exige competência de verbalização imediata.

Não havendo a exigência formal da leitura, a melhor opção continua sendo a palestra falada, inclusive abrindo espaço para interação com o auditório. Devido à extensão que normalmente têm as palestras, o texto lido tende a ser cansativo e monótono.

Por outro lado, também não deve o palestrante dar à sua apresentação a solenidade de um discurso retórico. A palestra ou conferência deve ter um caráter didático e não estético, portanto de oralidade. É a função referencial que deve presidir tal ato. O palestrante deve, então, apresentar-se comprometido com a informação, com a transmissão de conteúdos. Também pode recorrer às ferramentas didáticas, utilizando projeções de imagens, de textos, vídeos, material ilustrativo visual e sonorizado.

Em relação à utilização desses recursos audiovisuais, é preciso que se tenha o cuidado de não se apoiar excessivamente nessas ferramentas. O palestrante não deve esquecer de que tais recursos devem ser utilizados apenas como complemento ilustrativo. É desaconselhável, portanto, o excesso de informação audiovisual. Assim ocorrendo o auditório passa a ter a sensação de que o palestrante – inseguro na veiculação das informações – apoia-se em demasia nessas projeções.

A estrutura organizadora das informações a serem veiculadas numa palestra ou conferência é a mesma que organiza o discurso dissertativo e pode ser assim descrita:

1. Apresentação do tema da palestra, ou seja, o que estará sendo discutido nessa oportunidade.
2. Tese a ser defendida sobre o tema;
3. Argumentos sustentadores da tese defendida.
4. Conclusão: retomada dos principais argumentos e da tese defendida.

Fundamental é que o palestrante mantenha-se descontraído durante a palestra, bem humorado, explorando continuamente a função fática da linguagem, ou seja, aquela que estimula e revitaliza o processo de comunicação através da interação entre palestrante e auditório.

Bibliografia

ABREU, Antonio Soares.2000. A Arte de Argumentar. São Paulo, Ateliê Editorial.

ALVES, Clair.2010. A Arte de Falar Bem. São Paulo, Vozes.

ALVES, Rubem.2002. Um Mundo num Grão de Areia. Campinas (SP), Verus.

BEHLAU, Mara & PONTES, Paulo. Higiene Vocal. Rio de Janeiro, Revinter Ltda.

BOYES, Caroliyn. 2013. Segredos de comunicação Pessoal. São Paulo, Fundamento educacional Ltda.

BRANCO, Vitorino Prata Castelo.1981. O Advogado e a Defesa Oral. São Paulo, Sugestões Literárias.

BUENO, Silveira.1961. A Arte de Falar em Público. São Paulo, Saraiva.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. A força das palavras. São Paulo, Contexto.

CHALHUB, Samira.1987. Funções da Linguagem. São Paulo, Ática.

CHAUI, Marilena. 1995. Convite à Filosofia. São Paulo, Ática.

CITELLI, Adilson.1986. Linguagem e Persuasão. São Paulo, Ática.

CORTELLA, Mário Sérgio.2013. Qual é a Tua Obra. São Paulo, Vozes.

DELMANTO, Dante.1980. Defesas Que Fiz no Júri. São Paulo, Saraiva.

FERREIRA, Luiz Antonio.2010. Leitura e persuasão. São Paulo, Contexto.

FIORIN, José Luiz.1988. Linguagem e Ideologia. São Paulo, Ática.

_____.2008. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo, Contexto.

HAYAKAWA, S.I. 1977. A Linguagem no Pensamento e na Ação. São Paulo, Pioneira.

KOCH, Ingedore G. Villaça. 1987. Argumentação e Linguagem. São Paulo, Cortez.

KOEGEL, Timothy J. Como se Tornar um Comunicador Fora de Série. Rio de Janeiro, Sextante.

KURY, Adriano da Gama. 2012. Para Falar e Escrever Melhor o Português., Rio de Janeiro, Lexicon.

MACHADO, Andréa M. de Barros. 1999. Falando muito bem em público. São Paulo. Makron.

MEYER, Bernard. 2008. A Arte de Argumentar. São Paulo, Martins Fontes.

MENDES, Eunice & ALMEIDA, Lena & HENRIQUES, Marco Polo. 2007. Falar Bem é Fácil. São Paulo, AGWM.

MONTEFIORE, Simon Sebag. 2012. Líderes e Discursos que Revolucionaram o Mundo. São Paulo, Universo dos Livros.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L.1996. Tratado da Argumentação. São Paulo, Martins Fontes. RAMIRES, Cláudio Alejandro Garate. 2004. Que Imagem Você Quer Ter. Aparecida S.P., Ideias & Letras.

RAMOS, Admir.1971. Introdução à Oratória. São Paulo, Irradiante S.A.U.

REBOUL, Olivier. 2000. Introdução à Retórica. São Paulo, Martins Fontes.

SHINYASHIKI, Roberto. 2012. O Segredo das Apresentações Poderosas. São Paulo, Gente.

WESTON, Antony.2009. A construção do Argumento. São Paulo, Martins Fontes.

www.ideaeditora.com.br

idea@ideaeditora.com.br

<http://twitter.com/ideaeditora> www.facebook.com/ideaeditora

Table of Contents

[Uma obra instigante](#)

[1 A pAlAvrA, o medo e o Auditório](#)

[2 A linguAgem: “Arma” de persuasão](#)

[3 Como orgAnizAr o disCurso](#)

[4 A ArgumentAção](#)

[5 A linguAgem do Corpo](#)